

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Privação de liberdade: representações sociais de atos infracionais por
adolescentes em conflito com a lei”**

Daniel Massayuki Ikuma

Sérgio Kodato

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ikuma, Daniel Massayuki

Privação de liberdade: representações sociais de atos infracionais por adolescentes em conflito com a lei. Ribeirão Preto, 2007.

177 p.: il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Departamento de Psicologia e Educação.

Orientador: Kodato, Sérgio

1. Representações Sociais. 2. Violência. 3. Adolescência.

FOLHA DE APROVAÇÃO**Daniel Massayuki Ikuma**Privação de Liberdade: representações
sociais de atos infracionais por
adolescentes em conflito com a leiDissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
USP, como parte das exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área:
Psicologia.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Para

Massaru Ikuma, Maria H. Kanda Ikuma,

Kitako Matsuda Kanda e

Valéria C. Neves.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Sérgio Kodato, pelo amparo intelectual e entusiasmo na indicação de caminhos sempre precisos.

À Fundação CASA.

Ao Dr. César, Sr. Castilho e demais funcionários da Unidade de Internação de Ribeirão Preto.

À equipe técnica do Posto de Liberdade Assistida de Barretos.

Enfim, agradeço a todos os adolescentes que atendi na U.I. – RP que, por meio de suas histórias, me ensinaram a superar algumas impossibilidades na minha vida profissional e pessoal.

RESUMO

Privação de liberdade: representações sociais de atos infracionais por adolescentes em conflito com a lei

Segundo a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), em 2004, cerca de 39.578 adolescentes e jovens entre 12 e 21 anos de idade cumpriam algum tipo de medida sócio-educativa no Brasil (internação, semi-liberdade e liberdade assistida). Dentre os adolescentes privados de liberdade no ano de 2002, 89,6% não concluíram o ensino fundamental, 5,8 % eram analfabetos e 0,1 %, apenas, concluíram o ensino médio; 51,0 % não freqüentavam a escola quando cometeram a infração. Quais fatores psico-sociais e econômicos concorrem para a prática de delitos? Que significados e representações são construídas pelos próprios sujeitos em relação ao acontecido delituoso? Esta pesquisa buscou investigar as representações sociais de atos infracionais, em adolescentes em conflito com a lei, tomando como base o método de análise das representações sociais proposto por Moscovici, Jodelet, Jovchelovitch, Guareschi. A pesquisa foi realizada num internato para adolescentes e jovens infratores, que cumprem medida sócio-educativa de internação, em município de médio porte, de aproximadamente 600 mil habitantes. A instituição pesquisada atende cerca de 100 adolescentes reincidentes, na faixa etária entre 12 a 21 anos incompletos e com grau infracional considerado de média e grave complexidade. Como procedimento foram realizadas 7 entrevistas individuais semi-estruturadas e a observação participante do pesquisador na instituição. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com o método de análise de conteúdo, sistematizado por Bardin (1994), e, enquanto resultados, as análises das marcas discursivas apontam para: a) os atos infracionais cometidos são representados como instrumentos de poder e de sobrevivência; b) percebem na prática delituosa a perspectiva de prisão em fase adulta e de morte; c) os adolescentes se identificam com as mensagens veiculadas pelo crime organizado, expressando descrença e sentimento de impertinência, frente aos padrões culturais da sociedade de consumo; d) a privação de liberdade é sentida como uma punição socialmente injusta, mas necessária; e) a violência doméstica e a pobreza são mencionadas como parte integrante da trajetória de vida e justificativa para a prática delituosa. A partir de uma perspectiva qualitativa de pesquisa, espera-se que os dados e reflexões sobre a subjetividade dos adolescentes em conflito com a lei auxiliem na compreensão do fenômeno da violência, no que tange ao mal-estar na atualidade.

Palavras chave: Representações Sociais, violência, adolescência, inclusão/exclusão social.

ABSTRACT

Freedom Deprivation: social representations of infractional acts by adolescents in conflict with the law

According to the Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), in 2004, about 39.578 adolescents and young between 12 and 21 years old fulfilled some kind of partner-educative measure in Brazil (internment, half-freedom and attended freedom). Among the adolescents deprived of freedom in the year of 2002, 89,6% had not conclude basic education, 5,8% were illiterate and 0,1%, only, had concluded the secondary education; 51,0% did not frequent the school when had committed the infraction. Which economic and psycho-social factors concur for the practical of the delicts? What meanings and representations are constructed by the proper individual in relation to the delictual fact? This research tried to investigate the social representations of infractional acts, in adolescents and young in conflict with the law taking as base the analysis' method of the social representations proposed by Moscovici, Jodelet, Jovchelovitch, Guareschi. The research was done in a boarding school for adolescents and young infractors that fulfill measured partner-educative of internment, in a medium-sized town, of approximately 600 thousand inhabitants. The researched institution takes care of about 100 relapsing adolescents, in the age group between 12 to incomplete 21 years and with infractional degree considered of medium and serious complexity. As procedure were done 7 individual interviews half-structuralized and the participant observation of the institution's researcher. The interviews had been recorded, transcribing and analyzed in accordance with the content's analysis method, systemized for Bardin (1994), and, while results, the analyses of the marks discourse point to: a) the infractional acts committed are represented as instruments of power and survival; b) perceive in the delictual practical the perspective of prison in adult phase and of death; c) the adolescents are identified with the messages propagated by the organized crime, expressing disbelief and feeling of impertinence, facing the cultural standards of the consumption society; d) the freedom deprivation is felt as a punishment unfair, but socially necessary, e) the domestic violence and the poverty are mentioned as integrant part of the life's trajectory justification for the delictual practical. From a qualitative perspective of research, is waited that the facts and reflections about the subjectivity of the adolescents in conflict with the law help in the comprehension of the violence's phenomenon, in what refers to the malaise in the present time.

Key Words: Social Representation, violence, adolescence, social inclusion/exclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1.	Adolescência e violência	14
1.2.	Infratores ou delinqüentes?	18
1.3.	Um recorte histórico da instituição Febem (Atual Fundação CASA)	23
1.4.	Representações Sociais	28
2	JUSTIFICATIVA	31
3	OBJETIVOS	33
3.1	Objetivo geral	33
3.2	Objetivos específicos	34
4	METODOLOGIA	34
5	COLETA DE DADOS	40
5.1.	Procedimentos	41
5.2.	A entrevista	43
5.3	Local	44
6	RESULTADOS	44
6.1	Caracterização da Instituição	44
6.2	Sobre os sujeitos	49
6.2.1	Entrevistado 1	49
6.2.2	Entrevistado 2	51
6.2.3	Entrevistado 3	53
6.2.4	Entrevistado 4	54
6.2.5	Entrevistado 5	56

6.2.6	Entrevistado 6	57
6.2.7	Entrevistado 7	58
6.3	Categorias	60
6.3.1	Origem social, econômica e familiar.	60
6.3.2	Dinâmica familiar	61
6.3.3	Vida escolar e sociabilidade	63
6.3.4	Ruptura e vulnerabilidade social	66
6.3.5	Poder	68
6.3.6	Atos infracionais	71
6.3.7	Diferenciação na questão dos atos infracionais	74
6.3.8	Princípios, valores e influência da ética do crime organizado	76
6.3.9	Estigmas, estereótipos e preconceitos	78
6.3.10	Rotina institucional na internação	80
6.3.11	Projeto de vida e o futuro	84
6.3.12	Figuras de autoridade: a justiça e os governantes	86
6.3.13	Crenças religiosas e o sagrado	88
6.3.14	Reflexões sobre a morte	89
7	DISCUSSÃO	91
7.1	Origem social, econômica e familiar	91
7.2	Dinâmica familiar	92
7.3	Vida escolar e sociabilidade	97
7.4	Ruptura social e vulnerabilidade social	102
7.5	Poder	105
7.6	Atos Infracionais	108
7.7	Diferenciação na questão dos atos infracionais	111

7.8	Princípios, valores e influência ética do crime organizado	114
7.9	Estigmas, estereótipos e preconceitos	117
7.10	Rotina institucional na internação	120
7.11	Projeto de vida e o futuro	124
7.12	Figuras de autoridade: a justiça e os governantes	127
7.13	Crenças religiosas e o sagrado	129
7.14	Reflexões sobre a morte	130
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
	APÊNDICE	150
	ANEXOS	168

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a civilização ocupa lugares infinitamente circuláveis, porém, com estruturas invisíveis de aprisionamento. Se, por um lado, possibilita a ruptura da perspectiva temporal por meio de uma tecnologia multimídia, por outro, cria novas formas de contenção e clausura da subjetividade. Os parâmetros de espaço, de tempo, de causalidade, de presença no mundo, de individualidade e de história, que antes serviam para acolher e dar sentido ao que acontecia no presente, e, eventualmente, amortecer o seu impacto, sofreram mudanças radicais. Frente à incerteza das múltiplas possibilidades do ser no mundo, o indivíduo acaba por construir territórios cristalizados, impedindo-o muitas vezes de transitar por regiões estrangeiras e inusitadas. Que mudanças estariam afetando a subjetividade, neste período tão conturbado e paradoxal, em que o modelo neoliberal ora preconiza, promete a igualdade, e leva a desigualdade crescente?

A globalização vem ocasionando mudanças significativas nas formas de se lidar com o equacionamento da relação espaço/tempo nas classes sociais. A liberdade de movimento na pirâmide social tem-se demonstrado sempre difícil e distribuída de forma desigual na sociedade. Ela aprofunda a estratificação nos grupos sociais, pois, percebe-se uma progressiva segregação espacial de determinados segmentos, ocorrendo uma separação e a inevitável exclusão. Bauman (1999, p. 9) indica que “uma causa específica de preocupação é a progressiva ruptura de comunicação entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais ‘localizada’”.

Os efeitos dessas mudanças paradigmáticas causam na sociedade um sentimento de “mundo em descontrole” (GIDDENS, 2005). A globalização vem efetuando mudanças perceptíveis nos papéis das instituições e causando, em escala planetária, interferências nos modos de vida pré-existentes.

Kurz (2003) afirma que, no desenvolvimento capitalista, pode-se observar, repetidas vezes, o fenômeno de que também as idéias se deterioram junto com as condições. Por um lado, as pessoas se desmancham em esperanças e utopias felizes de desenvolvimento, de libertação, mas sem colocar em questão a forma social subjacente. Por outro lado, o pessimismo também ronda o imaginário social, contribuindo mais ainda para com a descrença em relação a possíveis mudanças. Frente às mutações ocorridas na contemporaneidade, um sintoma social se manifesta por meio do medo, da desestabilização psíquica, da moral e do orgânico.

Na modernidade, verifica-se um “curto-circuito da palavra”. Forbes (2003) nomeia como “doenças do curto-circuito da palavra”, manifestações como o uso abusivo de tóxicos, a delinqüência despropositada, o fracasso escolar, os distúrbios psicossomáticos. Isso também se reflete sobre o surgimento de inovadoras soluções culturais, um novo renascimento da cultura: música eletrônica, esportes radicais, etc.

Os destinos do desejo na civilização atual manifestam-se, explicitamente, como exibicionistas e auto-centrados (LASCH, 1983; DEBORD, 2000). O esvaziamento e a falta de investimento nas trocas inter-humanas ocasionam um cenário trágico para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade (BIRMAN, 1999). Pesquisas multidisciplinares vêm tentando mapear e compreender as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente sobre as causas da violência exacerbada.

Freud (1929) postula que o homem é, por natureza, anti-social e agressivo. Por meio da repressão das tendências anti-sociais e desejos agressivos, renuncia-se à expressão impulsiva da natureza humana e, conseqüentemente, sente-se que o viver em sociedade ocasiona um “mal-estar”.

A emancipação proclamada pela sociedade capitalista acentua as diferenças, ao invés de ressaltar a igualdade de todos perante a lei. A singularidade é a regra atual, em detrimento

da universalidade. Assim, a era da individualidade substituiu a da subjetividade (da construção de si por meio do outro). A ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem história transformou o homem de hoje no contrário de um sujeito (ROUDINESCO, 1999).

Para Freud (1921), torna-se claro que o indivíduo não existe à margem do social. Assim, podemos pensar que as mudanças nas instituições acompanham a subjetividade do sujeito, construída pela interação com o campo social.

Tal como analisa Deleuze (1992), vivemos numa crise generalizada de todas as instituições de confinamento, como: a escola, a fábrica, o hospital e a própria família. Assim, para o filósofo, não estamos mais na sociedade disciplinar e, sim, adentramos na sociedade de controle. Agora, estamos num regime de visibilidade total, de uma espécie de interiorização de normas e valores, que constituem a moral e a vida psicológica individual.

Na nova situação, o objetivo não é mais a disciplina, tampouco o poder necessita ser vertical e visível [...] uma vez que os indivíduos já se encontram suficientemente preenchidos pelas imagens flutuantes que a mídia não cessa de proliferar em cadeia, através de induções parciais que se propagam em rede e operam segundo o regime da visibilidade total: profusão infinita de imagens que nos cercam por todos os lados e produzem um controle contínuo em espaço aberto (OLIVEIRA, 2001, p. 36-35).

Mathiesen (1997) dialoga com Foucault (2002) e cria outro conceito chamado “sinóptico”. Paralelamente ao sistema “panóptico”, para este pensador, existe uma ascensão crescente dos meios de comunicação de massa, e que funciona também como mecanismo de poder. Se, no sistema panóptico, alguns residentes locais observam outros moradores locais, no sistema sinóptico os habitantes locais observam os globais. O sinóptico seduz as pessoas à vigilância de si, de acordo com o estilo de vida apresentado pela elite global.

Marin (2002) aponta que, na atualidade, o que importa é o prazer pessoal e a busca do ideal social consumista proposto. No jogo do vale tudo, não vale a lei da conquista, do

esforço, do espírito comunitário, da construção de um projeto comum, mas apenas do imediatismo. A juventude do século XXI acaba sendo o termômetro daquilo que se constrói na sociedade. Suas revoltas, muitas vezes inauditas e invisíveis, manifestam o fracasso de uma civilização mergulhada num mal-estar.

1.1 Adolescência e violência

Existe uma curta e intensa trajetória existencial entre a infância e a maturidade. Ocorrem, nesse período, muitas mudanças no corpo, no pensamento, nas emoções e uma profunda necessidade de se assumir um papel social. Esse intervalo é a adolescência, um momento de transformações psíquicas e físicas do ser humano.

Segundo Scivoletto (2004), são partes integrantes do desenvolvimento do adolescente normal: a busca de sua identidade, valores e crenças; o desenvolvimento da habilidade de lidar com emoções intensas; o desenvolvimento da personalidade e de uma forma individual de se relacionar com os outros; o funcionamento bem-sucedido na escola, trabalho ou em casa; a procura de uma ‘razão para viver’; o respeito a si mesmo e aos outros; a expressão adequada de seus sentimentos e pensamentos; a aceitação da responsabilidade por seus atos e papéis sociais.

Não existe um consenso determinante da duração da adolescência. No entanto, em termos de lei (Estatuto da Criança e do Adolescente), leva-se em conta que esse período se inicia depois da infância, por volta dos 12 anos, e termina aproximadamente aos 18 anos. O termo “adolescente” origina-se do latim “adolescere”, remetendo do ponto de vista etimológico, para “crescer”, “brotar”, “fazer-se grande”.

Àries (1981) sustenta que, na Idade Média, não se possuía a idéia do que hoje chamamos de adolescência. Esse conceito só viria a se firmar no século XX. A partir de então,

houve interesse científico sobre o adolescente, o que ele faz, pensa ou sente. Verifica-se que, em algumas culturas, esse processo de transição da infância para a fase adulta é marcado por meio daquilo que os antropólogos nomeiam como rituais de passagem.

A necessidade de se estabelecer mecanismos que ajudem na passagem da infância para a adolescência, e desta para a idade adulta, é tão velha quanto a existência do homem na Terra. Culturas de todo o mundo têm adotado esse mecanismo como uma forma de reduzir as perturbações nocivas que tais mudanças podem ocasionar. No entanto, o que se verifica é que as modernas sociedades não oferecem esse dispositivo cultural para a juventude.

A crise psíquica - na adolescência -, como um processo de transição entre um mundo (infantil) e outro (adulto), pode ser assinalada como um fenômeno característico das sociedades pós-industriais capitalistas. Nelas não encontramos ritos de passagem responsáveis pela demarcação de uma fase e/a outra.

Se nas sociedades tradicionais havia rituais que marcavam um “antes” e um “depois”, o que possibilitava aos jovens atravessarem um limiar e assim, simbolicamente, projetarem-se no futuro, capacitando-os; atualmente, porém, os adolescentes carecem de rituais de passagem que os ajudem a se situarem perante a diferença dos sexos e a sucessões de gerações (MATHEUS, 2002).

A adolescência hoje se constrói numa cultura caracterizada pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo, em que a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e no agora, e na busca do prazer imediato (SALLES, 2005). A multiplicidade de opções de identificação, de ilusões imaginárias que a sociedade coloca para o adolescente, exige um posicionamento, muito embora sob a forma de promessas de prazer e realização (MARIN, 2002).

Verifica-se que muitos se apegam fielmente às tradições da vida civil, típicas do século passado¹. Por outro lado, outra parcela arrisca-se em manifestações violentas, tais como o envolvimento com drogas e demais formas de infrações (desde dirigir sem habilitação até transgressões como o homicídio)².

Menin e Carbone (2004), por meio de uma pesquisa realizada em escolas públicas e particulares, mostram que os alunos representam a injustiça de forma diferenciada: os alunos de escola pública se posicionaram contra regras escolares que se opõem às necessidades pessoais com mais veemência que os de escola particular, provavelmente, pelo fato de estarem mais propensos a vivenciar situações que suscitem estas infrações. Assim, percebe-se que as representações de violência nas diversas classes sociais podem se diferenciar de acordo com as várias interpretações da injustiça social.

Se para os adolescentes das classes menos abastadas a transgressão pode ser risco para satisfazer suas necessidades básicas de consumo oferecidas pelo capitalismo, para os provenientes de famílias abastadas as infrações possibilitam o sentimento de impunidade.

De acordo com a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, Menin (2003) salienta que por meio da análise de nossa história cultural e política, podemos explicar por que as classes mais favorecidas, ao cometerem infrações, têm seus atos analisados pela sociedade de forma mais tolerante e maleável, sendo que, nas classes menos favorecidas há uma intensa rigidez na análise dos atos, a chamada ‘criminalização da pobreza’.

¹ PASTORE, J. Virgindade por opção. **Folha da Tarde**, São Paulo, 22 de agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/083.htm>>

² FERNANDES, N.; AZEVEDO, S. O crime mora na classe média. **Revista Época**, São Paulo, 26 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.setascad.mg.gov.br/antidrogas/sosdrogas/Midia/materia_3.doc>

Determinadas tendências psicanalíticas consideram o delinqüente como um “irresponsável”³. O seu comportamento de risco ultrapassa de longe o que gostaria de ganhar com sua eventual ação. Em cada ato realizado, o transgressor busca simbolicamente preencher uma falta essencialmente fálica. Melman (2000, p. 54) menciona o “quanto está presente no delinqüente a preocupação de se fazer um nome, de se fazer reconhecer”. Num jogo do “tudo é possível”, os jovens justificam suas violências como normais e negam sua responsabilidade individual perante a sociedade.

De acordo com Abramovay et al. (1999, p. 186),

[...] a falta de alternativas, a ausência de instrumentos para lidar com um contexto globalizado e fragmentado, no qual as mudanças são constantes, levam os jovens a enfrentar situações em que faltam referências norteadoras de conduta, com repercussões nos processos de construções identitárias.

No Brasil, percebe-se que a parcela de adolescentes, cumprindo medida sócio-educativa de internação, foi excluída anteriormente de todo aparato social que garantiria sua cidadania. Aparentemente, a exclusão inicia-se na própria comunidade onde vivem, sendo que, talvez, a internação seja apenas uma consequência das violências sofridas desde o nascimento. Para Levisky (2000), existem multiplicidades de fatores sociais disseminados no cotidiano urbano que talvez possam gerar violência: analfabetismo, má distribuição de renda, mortalidade infantil, crescimento descontrolado urbano, preconceito, etc.

Kodato e Silva (2000), analisando adolescentes infratores residentes na cidade de Ribeirão Preto, averiguaram que condições financeiras insuficientes e a carência de figuras representativas, capazes de exercer um papel de suporte emocional frente às situações de risco psicossocial, podem empurrá-los para alternativas delituosas, como o envolvimento com o narcotráfico. Frente ao descrédito da sua participação no social e às perspectivas futuras

³ De acordo com algumas linhas teóricas psicanalíticas, o delinqüente age de maneira inconseqüente. A atuação não é mediada pelos processos normais de formação reativa e sublimação (mecanismos de defesas capazes de transformar a energia pulsional em um produto cultural).

obscuras de inclusão, restaria apenas o ato delituoso. Diógenes (1998, p. 220) menciona que “a violência é a própria ausência, é um nada, um vazio, um furo na cadeia de significantes. Um nada a dizer”.

A ação anti-social acaba levando-os ao cumprimento das medidas sócio-educativas, que, de acordo com sua gravidade, configuram-se desde as realizadas em meio aberto até a situação de privação da liberdade, sendo a mais severa (e executada) nas instituições de internação.

O Levantamento Nacional do Atendimento Sócio-educativo ao Adolescente em Conflito com a Lei foi realizado no período de 01/08/2006 a 15/08/2006, produzindo informações atualizadas sobre todas as unidades de internação, internação provisória e semiliberdade existentes no país. Constatou-se que em 2006, o número total de adolescentes cumprindo a medida sócio-educativa de internação em todo país era de 10.446. O Estado de São Paulo responde por 39% dos adolescentes internados no Brasil. Percebe-se um leve decréscimo desde a última pesquisa realizada no ano de 2004, quando sua participação chegou a 46%⁴.

1.2 Infratores ou delinqüentes?

Somente a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, foi instituída, no Brasil, a proteção integral, a qual garante, sem qualquer discriminação, a condição de sujeitos de direitos às crianças e adolescentes. O Estatuto preconiza, no Art. 103: “considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”. Assim, toda infração prevista no Código Penal (homicídio, roubo, furtos, etc.), quando praticada por crianças e adolescentes, corresponde a um ato infracional.

⁴ Dados obtidos no site da Secretaria Especial do Direitos Humanos (SEDH). Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/spdca/reinsercao/Pesquisas_MSE/>

O E.C.A. rompe definitivamente com o binômio repressivo-punitivo que então caracterizava o subsistema jurídico-legal estabelecido pelo “Código de Menores”, na Lei Federal 6.697, de 10 de outubro de 1979. Assim, a criança e o adolescente deixam de ser objeto de tutela para passarem à condição de sujeitos de direito, isto é, protagonistas capazes de suas próprias histórias, enfim, de praticarem atividades e cumprirem obrigações (RAMIDOFF, 2005).

A denominação “infrator” foi utilizada por Volpi (1997) apud Foucault (2002) para designar aquele que transgrediu normas jurídicas estabelecidas. Para o autor, “delinqüente” é a condição a que o sistema submete o indivíduo, estigmatizando-o e controlando-o, formal ou informalmente, inclusive após ter cumprido pena.

Porém, alguns autores são mais incisivos ao dizerem que:

“[...] essa mudança de concepção da criança e do adolescente, como menor em situação irregular para pessoa que necessita de cuidados protetivos, marca a passagem da Doutrina da Situação Irregular para a Doutrina da Proteção Integral. Crianças de até 12 anos e adolescentes de até 18 passaram a ser definidos como cidadãos, possuidores de direitos, na condição peculiar de pessoas em fase de desenvolvimento, eliminando assim a rotulação de *menor, infrator, carente, abandonado* etc., e classificando todos como crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social” (ESPÍNDULA; SANTOS, 2004).

O adolescente que descumprir as normas sociais submete-se a um tratamento mais rigoroso, de acordo com as medidas sócio-educativas previstas no artigo 112 do E.C.A., as quais podem implicar na privação de liberdade. As medidas são: a) advertência; b) obrigação de reparar o dano; c) prestação de serviço à comunidade; d) liberdade assistida; e) inserção em regime de semi-liberdade; f) internação em estabelecimento educacional.

Se recorrermos à história da humanidade, podemos averiguar que foram várias as punições utilizadas no passado: deportação; trabalho forçado; vergonha; escândalo público; pena de talião e prisão. A partir da metade do século XVIII, iniciou-se uma série de práticas penitenciárias e criminológicas. As punições pelos crimes cometidos foram “humanizadas” por meio das instituições totais, se apostando na recuperação e na reintegração dos marginais na sociedade (FOUCAULT, 2002).

Ao praticar um ato infracional, o adolescente é encaminhado para a delegacia onde é elaborado o boletim de ocorrência caracterizando o fato. Posteriormente, é conduzido para a unidade de internação provisória e aguarda ser ouvido pela promotoria. Após parecer do ministério público, o adolescente comparece nas audiências com o juiz e, no prazo máximo de 45 dias, é sentenciado a cumprir uma das medidas sócio-educativas. De acordo com a gravidade do ato infracional, o juizado decide qual medida será adequada para cada transgressor.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada acerca do perfil de jovens que vêm cumprindo medida sócio-educativa de internação, o roubo representou 41,2% do total de delitos praticados, no período de setembro a outubro de 2002. Logo em seguida, o homicídio, 14,7%; furto, 10,9% e latrocínio, 5,4%. Naquele ano, o estado de São Paulo respondeu sozinho por 58,44% dos atos de roubo e por 25,37% dos homicídios que ensejaram privação de liberdade de adolescentes em conflito com a lei no país (BRASIL, 2002a).

Algumas vertentes da sociedade brasileira criticam o E.C.A. de não propor medidas satisfatórias para refrear a prática de atos infracionais, estimulando assim o aumento das infrações. Segundo Volpi (1997, p. 62), o “número de atos infracionais praticado por adolescentes, quando comparado aos da população adulta, é reduzido”. Acredita-se que setores sociais da classe média e alta estejam buscando sensibilizar a população sobre a

proposta da redução da maioria penal por meio da veiculação maciça de delitos envolvendo adolescentes.

Num breve artigo intitulado, “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, Freud (1916) demonstrou preocupar-se em compreender a subjetividade do infrator. Por meio de suas pesquisas, postulou que ações delituosas eram praticadas principalmente por “serem proibidas e por sua execução acarretar, para seu autor, um alívio mental” (p. 347). O criminoso sofre de um opressivo sentimento de culpa e, por meio dos atos cometidos, esse sentimento opressivo se atenua.

Na literatura, personagens como Raskolnikov, do romance “Crime e Castigo” de Dostoiévski, vive uma parábola da produção de subjetividade criminosa. O jovem, num momento de desespero, acaba cometendo um crime e, logo em seguida, se vê obrigado a assassinar outra pessoa. Perseguido pelas lembranças do assassinato, as dúvidas o devoram. Neste romance, Dostoiévski constrói uma parábola do crime e da punição. Identifica o problema central dos limites da liberdade da ação humana e sugere uma justificativa para os atos hediondos, racionalizando-os.

Winnicott (1987), na década de 40, dedicou-se aos estudos de crianças inglesas que sofreram privações emocionais. Concluiu que a conduta anti-social seria uma manifestação, um grito de esperança do sujeito, reivindicando, do social, aquilo que lhe fora prometido. Para o autor citado, a agressividade seria inerente à constituição da subjetividade.

Alguns autores recusam-se a condenar a violência ou considerá-la apenas negativa. Vertentes influenciadas pela obra de Foucault, Sartre e Frantz Fanon acreditam que “as violências” são manifestações de esperança que, mesmo favorecendo um desenlace social, na verdade inventam um outro espaço de reconhecimento. Porém, segundo Zaluar (1999, p.11),

[...] em nome, portanto, da existência e da importância do conflito, da desordem e do dissenso, compreendem e justificam as manifestações de violência na sociedade brasileira contemporânea, sem ficar claro se

incluiriam nessa positividade também os homicídios cometidos pelos jovens entre si e ou contra seus vizinhos, até mesmo seus pais.

A mesma autora chama atenção quanto à justificativa da segregação, ocasionando apenas o reverso da moeda de outras formas de violência existentes no país, como a dos policiais corruptos, dos grupos de extermínio, crimes do colarinho branco, etc. As relações sociais no Brasil, historicamente, são relações adultocêntricas, isto é, estão referenciadas em torno dos adultos. Essas relações fazem com que os adultos detenham todo o poder, considerando as crianças e adolescentes sujeitos sem fala. Sem vontade própria, sofrem intervenções das instâncias de correção e das chamadas instituições de ortopedia social (ADORNO, 2002).

O adolescente está entre dois estatutos – o da criança que brinca e aprende e o do adulto que trabalha. Sua indefinição sobre o seu próprio lugar como sujeito ocasiona uma situação de “não pertencimento”: nem completamente adulto, nem completamente criança (OLIVEIRA, 2001). Quando pratica um ato infracional, a sociedade manifesta seu repúdio como se o adolescente fosse um adulto. Porém, quando é explorado, considera-se uma criança.

Nessa região estrangeira de “não pertencimento”, o adolescente é incapaz de se colocar no lugar do outro e de se abrir para o novo. Como sua produção de subjetividade é fabricada e modelada no registro social, acaba se transformando em vítima de uma segregação cada vez mais controlada, vigiada e assistida na sociedade. De forma velada, a sociedade espera que esses adolescentes pertencentes às classes marginalizadas mantenham suas potencialidades abafadas, a fim de que se conformem com a segregação social e caiam numa clausura desejante (GUATTARI; ROLNIK, 2000).

Esse processo de segmentação subjetiva atravessa também a linguagem, os sistemas de papéis sociais e dos corpos. Como grau máximo, as prisões e manicômios representam o

último patamar da marginalização dos desejos corruptores e questionadores da ordem instituída, cristalizam e demarcam a delinqüência (NAFFAH NETO, 1985).

Movidos pela incerteza e pela busca da felicidade imediata oferecida pelo sistema capitalista do consumo, muitos adolescentes partem para aventuras contra as normas sociais. Sem perspectivas, e talvez na (im)possibilidade de um ideal, arriscam-se em situações perigosas, infringindo leis e buscando satisfações imediatas. Aparentemente, o ingresso na criminalidade é a esperança de uma mudança de lugar, pelo acesso ao significante-dinheiro e, conseqüentemente, de uma possibilidade de reconhecimento. Uma forma mais ágil, embora com mais riscos à própria vida, de conseguir a inclusão social que lhe é negada (OLIVEIRA, 2001).

1.3. – Um recorte histórico da instituição Febem (Atual Fundação CASA)

No Brasil, por volta do século XVIII, semelhantes às instituições européias, começaram a surgir instituições de contenção de crianças e adolescentes, geralmente mantidas por entidades religiosas. Naquela época, costumava-se recolher crianças pobres em determinadas “salas de asilo”. Esses lugares abrigavam, como função social, crianças desamparadas, filhos de sujeitos desvalidos socialmente, visando prevenir a sociedade de futuros desviantes.

Na segunda metade do século XIX, essas instituições se tornaram referência nacional para atendimento à infância. Ao longo desse período, a instituição era mantida prioritariamente pela igreja, sendo que o Estado não participava de maneira direta na manutenção e funcionamento desses lugares (MERISSE, 1997).

A partir do século XX, inicia-se uma fase histórica denominada filantrópica, desencadeada pela forte interferência, de profissionais do meio médico e jurídico, no assunto

da assistência social, preocupados com o “potencial perigoso dessa população moralmente abandonada” (MARCÍLIO, 1998; BAZON, 2002). A fim de devolvê-los para o meio social, buscava-se regenerar e corrigir possíveis defeitos de conduta dessas crianças e adolescentes, de acordo com a moral burguesa vigente.

Ferrarezi (1995) identifica três fases de modelos de atendimento à infância e adolescência, a partir da década de 30, no Brasil: a) correcional-repressivo e assistencialista (1930-1964); b) assistencialista e repressor (1964-1988); c) humanista ou garantia de direitos (1988 em diante).

Em plena vigência do Estado Novo, por meio de novas legislações produzidas pelo governo Vargas, surgiram dois órgãos fundamentais para o atendimento à infância. O primeiro deles é o Departamento Nacional da Criança (DNCr), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde Pública. O segundo órgão é o Serviço de Assistência a Menores (SAM), criado em 1941 e vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que se destinava ao atendimento de menores de 18 anos, abandonados e infratores (MERISSE, 1997).

Com o golpe militar de 1964, é implantado um modelo de atendimento caracterizado como assistencialista e repressor. A extinção do SAM proporcionaria o surgimento da Política Nacional de Bem Estar do Menor (PNBEM). Neste contexto, criou-se a Funabem a fim de implantar a PNBEM, cujo objetivo era fixar as bases para uma nova estratégia de atendimento ao chamado “problema do menor” (FRONTANA, 1999).

A implantação da Febem/SP só se daria em 1976, inaugurada pelo secretário da Promoção Social, Mário Altenfelder. Corrigir e prevenir possíveis “desajustamentos de menores”, seriam dois campos básicos de interesse do Estado autoritário. A ordem pública das ruas das grandes cidades estava sendo ameaçada pela marginalização de crianças e adolescentes, vitimizados pelo processo de desenvolvimento industrial e da modernização. A filosofia de atendimento ao ‘menor’ era apresentada para a sociedade como fórmula altamente

promissora, na medida em que se dizia mais humana, mais justa e, sobretudo, mais eficiente e menos custosa.

Partindo de um diagnóstico preestabelecido da condição do ‘menor’ de conduta anti-social, no qual ele era apresentado como um ser ‘doente’ que necessitava de ‘tratamento’, a ação corretiva da Funabem fundamentou-se em métodos terapêutico-pedagógicos desenvolvidos, com a finalidade de possibilitar a ‘reeducação’ e a ‘reintegração’ do ‘menor’ à sociedade (FRONTANA, 1999, p.89).

Portanto, o objetivo primordial da instituição FEBEM/SP seria a aplicação de uma política de atendimento com característica assistencialista, ou seja, desenvolvida por meio de métodos e técnicas de cunho educativo e profissionalizante buscando a readaptação e a reintegração do “menor”, ao meio social. Buscava-se assim prevenir e remediar a condição de marginalização social em que o “menor” se encontrava.

Os “menores” apreendidos pela polícia eram encaminhados inicialmente para as Unidades de Recepção (U.R.´s) para serem recepcionados, selecionados e encaminhados posteriormente para as Unidades de Triagem (U.T.´s). Nas U.T.´s, eles eram submetidos a estudos por uma equipe multidisciplinar para avaliarem os aspectos bio-psico-sociais e pedagógicos dos “menores”.

Por meio desse processo definia-se a alternativa a ser proposta para o encaminhamento das crianças e/ou adolescentes: a) estágio probatório com a família; b) desinternado; c) colocado sob liberdade assistida por determinação judicial; d) transferido para as Unidades Educacionais (U.E.´s). Assim, por determinação judicial, os “menores” com problemas de conduta podiam ser encaminhados para as U.E.´s para participarem de programas educativos, atividades ocupacionais, recreativas, esportivas e profissionalizantes (QUEIROZ, 1984).

No início da década de 80 existiam quatro U.E.´s: a Unidade Educacional Experimental de Sorocaba, a Unidade Educacional “Conjunto Pérola Byington” (U.E.-

22/Raposo Tavares), Unidade Educacional 15 (Quadrilátero) e a Unidade Educacional “Alfeu Luiz Gasparini” (U.E.-17/Ribeirão Preto). No ano de 2003, a Fundação contava com 69 Unidades em todo o Estado; 19 no interior (2 – Campinas, 1 – Sorocaba, 1 – Marília, 1 – São José do Rio Preto, 3 – Ribeirão Preto, 1 – Sertãozinho, 1 – Araraquara, 1 – Araçatuba, 2 – Lins, 2 – Iaras, 2 – Bauru, 1 – Guarujá, 1 – São Vicente); 9 estavam localizadas na Grande São Paulo (5 – Franco da Rocha e 1 internato – Guaianazes, Itaquera, Itaim Paulista e Itaquaquecetuba); e as 41 restantes na capital (8 – Brás, 16 – Tatuapé, 5 – Raposo Tavares, 2 – Vila Maria, 4 internatos femininos e 6 unidades de semi-liberdade)⁵.

A primeira Unidade do complexo da Febem/RP foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1975 e, posteriormente, nomeada U.E.-17 - Prof. Alfeu Luiz Gasparini. Com um histórico institucional de 31 anos, a Unidade de Internação de Ribeirão Preto foi transferida para uma nova construção, elaborada dentro de padrões arquitetônicos para que adolescentes em conflito com a Lei cumpram medida sócio-educativa de internação, de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente. A nova Unidade foi inaugurada no dia 28 de fevereiro de 2004.

O Complexo Febem de Ribeirão Preto é dividido em três Unidades: Unidade de Internação de Ribeirão Preto (primários graves e reincidentes médios/graves); Unidade de Internação Rio Pardo (primários médios/graves); Unidade de Internação Provisória – Ouro Verde (onde os internos aguardam decisão judicial). Na antiga construção da U.I. – Rib. Preto, localiza-se a Sede da Divisão Regional Norte.

A Febem/SP passou por recentes transições, visto que até o mês de agosto de 2004, a responsabilidade pela instituição estava a cargo da Secretaria da Educação. Desde então, está vinculada à Secretaria Estadual da Justiça e Defesa da Cidadania. A meta atual da Fundação⁶:

Executar, direta ou indiretamente, as medidas sócio-educativas, com eficiência, eficácia e efetividade, garantindo os direitos previstos em lei e

⁵ Guaianazes, Itaquera e Itaim Paulista são distritos de São Paulo. Disponível em: <<http://www.febem.sp.gov.br/index/re107.htm>>

⁶ Disponível em: <<http://www.febem.sp.gov.br>>

contribuindo para o retorno do adolescente ao convívio social como protagonista de sua história

Desde o ano de 1988, a preocupação humanista, de acordo com a garantia dos direitos previstos pelo E.C.A., vem sendo a meta desta instituição. Porém, são inúmeras as notícias veiculadas na mídia: denúncias de maus tratos a internos; fugas em massa; funcionários e internos mortos em conflito; agressões mútuas entre funcionários e internos; resgates; rebeliões; tumultos; etc.

Giddens (2005) chama de “instituições casca”, aquelas que se tornaram inadequadas para as funções que são chamadas a desempenhar. Este autor reflete sobre o fato de que a sociedade deve reconstruir as instituições, ou, na melhor das intenções, criar outras mais satisfatórias. Cita que, a globalização não é um acidente em nossas vidas hoje, é uma mudança de nossas próprias circunstâncias de vida.

A Febem/SP sofre de um eterno recomeço. Pautada em sua própria história por uma lógica da descartabilidade e de exclusão de seus personagens (internos, funcionários, familiares), aparentemente, esta instituição acaba refletindo o imaginário social que permeia cada cidadão brasileiro, o da descrença. Como analisou Calligaris (1996), a instituição reflete a antecipação e a prevenção de uma futura repetição, de uma decepção secular, a de que nada dá certo neste país.

Por outro lado, no início do ano de 2007, a instituição mudou sua denominação. Atualmente, chama-se FUNDAÇÃO CASA (CASA: Centro de Atendimento Sócio-educativo ao Adolescente). O Estado continua investindo em novas Unidades e prometendo assegurar aos adolescentes, em conflito com a lei, um lócus para que cumpram a medida sócio-educativa nos moldes do que preconiza o ECA⁷.

⁷ Projeto arquitetônico das novas Unidades, colocando ponto final na política dos grandes Complexos que eram comuns nos governos anteriores. Disponível em: <<http://www.febem.sp.gov.br/files/swf/NovasUnidades.html>>

Além disso, uma das metas da Fundação CASA é aumentar a oferta de atendimento aos adolescentes em conflito com a lei por meio de medidas sócio-educativas em meio aberto. Acredita-se que o atendimento em liberdade talvez seja o caminho mais satisfatório para a re-socialização dos adolescentes que cometeram atos infracionais, de ofensa social leve. Segundo, o Assessor das Medidas em Meio Aberto da Fundação CASA, “[...] com a devida proximidade dos familiares e sob a tutela de profissionais especializados vinculados ao Estado, o adolescente terá mais condições de desenvolver as atividades necessárias para reconduzi-lo ao bom convívio comunitário”⁸.

De acordo com relatório realizado pela Secretaria de Especial dos Direitos Humanos, averigua-se que, “do ponto de vista conjuntural, pode-se perceber um movimento de mudança positiva, dando sinais de que é possível, ainda que não introduzindo um revolucionário choque de cultura, atingir objetivos estabelecidos pelo E.C.A.” (BRASIL, 2002a).

1.4 Representações Sociais

Criada no campo da psicologia social europeia, o conceito de representações sociais se manifestou dentro de uma perspectiva construtivista e interacionista. Durkheim foi quem utilizou pela primeira vez o termo “representações coletivas”. Para Moscovici (1978), esse conceito serviu como elemento básico para elaboração de diversos tipos de produções mentais sociais: ciência, ideologia, religião, mitos, magia, etc. Outros conceitos também foram fundamentais para a criação desta teoria, tais como: a teoria da linguagem de Saussure, a teoria das representações infantis de Piaget, a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky.

Moscovici (1978), em sua obra “*Psychanalyse: Son image et son public*”, retoma o ponto de vista de Durkheim e lapida sua própria teoria. Ele vai além deste autor e constrói

⁸ FUNDAÇÃO CASA. **Medidas socioeducativas em meio aberto: realidade e desafios. Site oficial.** São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.febem.sp.gov.br/site/paraleitura.php?cod=593>>. Acesso em: 28 de maio de 2007.

uma obra que mergulha no pluralismo das idéias e doutrinas elaboradas pela sociedade. Neste estudo, investiga como a psicanálise se modifica na medida em que penetra na sociedade e é incorporada pelos grupos sociais segundo a sua posição social, suas visões religiosas, políticas e seu nível sócio-cultural.

Considera-se que as representações coletivas são manifestadas de maneira estática e análoga às categorias lógicas e não-variantes. No entanto, as representações sociais rompem com a perspectiva dualista e dicotômica. Esta concepção considera o indivíduo e o contexto social influenciando-se mutuamente, propondo a construção de um espaço de intersecção, em que um implica o outro e vice-versa.

Werba e Oliveira (2003, p. 105) postulam que “as representações sociais são ‘teorias’ sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real”. Logo, as interações com o meio levam os indivíduos a produzir ações que modificam ambos. A gênese das representações sociais está na necessidade do ser humano tornar “familiar”, o “não familiar”. São vários elementos que envolvem esse processo; porém, alguns são essenciais e outros secundários.

Dentre os elementos necessários para formação das representações sociais, destacam-se os processos sócio-cognitivos: ancoragem e objetivação. Esses processos agem de maneira dialética no campo social.

Jodelet (1985) afirma que, de acordo com a Teoria das Representações Sociais, a objetivação é o processo pelo qual o indivíduo reabsorve um excesso de significações, materializando-as, ou seja, é um processo de construção formal de um conhecimento, pelo indivíduo.

Valla (1993) menciona que a objetivação diz respeito à maneira como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso por meio do qual tais elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural.

A objetivação é o processo que faz com que um esquema conceitual torne-se real. Moscovici (1978, p. 289) define que a objetivação é “como um processo da passagem de conceitos e idéias para esquemas e imagens concretas”.

A ancoragem consiste na integração de saberes não familiares (idéias, acontecimentos, pessoas, relações) a um sistema social pré-existente que é próprio do indivíduo. Segundo Guimelli (1994) apud Anadon (2001, p. 23), “a ancoragem permite assim juntar alguma coisa que é nova a alguma coisa que é antiga, para poder interpretá-la e assegurar a orientação do comportamento e das relações sociais”. Consiste na integração cognitiva do objeto a um sistema de pensamento social pré-existente e nas transformações implicadas em tal processo (IBAÑEZ, 1988, p. 50). Moscovici (1981) cita que a classificação é uma das principais características da ancoragem, pois necessitamos atribuir uma característica a algo que não é completamente esclarecido.

Para Anadon (2001), existem elementos que devem ser considerados fundamentais à uma concepção de representações sociais: a) identificar os pré-construtos, as referências ou saberes que são comuns ao grupo social; b) identificar as diferentes posições assumidas pelos indivíduos que se situam no seio de um grupo; c) determinar de que maneira as pessoas hierarquizam as diferentes posições de acordo com seus valores, crenças, idéias, etc.

A representação social expressa o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo. Portanto, as representações são estratégias desenvolvidas por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente (JOVCHELOVITCH, 1994).

2 JUSTIFICATIVA

O projeto se justifica graças à confluência de três situações: 1) a experiência profissional de quatro anos no contato diário com adolescentes, familiares e funcionários numa instituição educacional; 2) a busca pelo conhecimento teórico para a compreensão da dinâmica institucional; 3) o desejo de compreender a subjetividade de adolescentes em conflito com a lei, pesquisando os sentidos que esses sujeitos atribuem às suas experiências em relação a si e aos outros, por meio de suas vivências no processo psicossocial.

Diante da incapacidade do poder público de controlar a diversidade de situações envolvendo a violência urbana, observa-se o pessimismo social, o temor e o sentimento de impotência da população. Como consequência, a sociedade legitima uma crescente privatização das responsabilidades referentes à segurança. O Estado encontra-se debilitado e incapacitado para assegurar os direitos básicos de cidadania, ocasionando um descrédito que atinge a justiça e a lei, originando uma cultura da violência (COSTA, 1991, p. 130).

O crescimento da violência urbana vem se acelerando desde a década de 70. O empobrecimento dos laços sociais produz parcelas significativas de cidadãos excluídos, desmantelando a crença de uma sociedade mais justa. Por um lado, temos os excluídos que não possuem motivos para desenvolver qualquer solidariedade para com a sociedade como um todo. Por outro, os incluídos procuram se defender da ameaça apresentada por aqueles que não lhes são solidários. “Nessas condições, incluídos e excluídos apresentam tal diversidade das orientações cognitivas que é difícil que se fixem sentimentos de afinidade, compartilhamento e pertencimento social” (ABRAMOVAY et al., 1999, p.21).

Se acreditarmos que o futuro de uma sociedade está sendo elaborado por meio da construção de ideais da juventude contemporânea, podemos deduzir que existe um futuro não muito promissor a nos aguardar. A crescente alienação dos jovens, na atualidade, devido à

decadência das instituições disciplinares e do sistema neo-liberal, está contribuindo para um contexto de aguda desigualdade social.

Segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, percebe-se que a estagnação econômica teve impacto direto no aumento da criminalidade⁹. Observou-se que a taxa de desemprego acompanha a taxa de aumento de delitos. Averigua-se que isto se reflete na instituição Febem. Entre os anos de 2001 e 2004, percebe-se um aumento de 49,3% de adolescentes internados na instituição em todo o estado¹⁰. Além disso, acredita-se que cerca de 77,1 % ainda cursam o ensino fundamental, dados que demonstram fidedignamente: a maioria dos internos vem de famílias humildes e reside em bairros periféricos¹¹.

A situação não é diferente na instituição localizada na cidade de Ribeirão Preto (KODATO; SILVA, 2000; ALMEIDA, 2002; OLIVEIRA, 2002; PEREIRA, 2002). A trajetória marcada pela exclusão social acaba chegando ao seu grau máximo na Febem. Percebe-se uma relação dialética que o infrator sofre: a exclusão da cidadania e uma possível inclusão na criminalidade. O estigma “Febem” estará marcado no corpo do adolescente e suas perspectivas futuras para trabalhar e estudar, após o cumprimento da medida sócio-educativa, muitas vezes são dificultadas pela sociedade.

Além do momento de questionamento das práticas psicológicas nas instituições totais, esta pesquisa busca contribuir para possíveis discussões acerca das finalidades das medidas sócio-educativas e suas contribuições para a inclusão na sociedade desses indivíduos que nela estão inseridos¹². Espíndula e Santos (2004) salientam que “é preciso uma mudança da cultura

⁹ FRANÇA, V.; PALOMA, C. Crime e desemprego. **Revista Época**, São Paulo, n°. 307, p. 77-83, 05.04.04.

¹⁰ PENTEADO, G. Dobra o número de meninas na Febem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. C-1, 21 de março de 2004. Cotidiano.

¹¹ MATIUSO, A. Dados mostram atraso de alunos na Febem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. G-4, 21 de março de 2004. Caderno Ribeirão.

¹² CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA/PSI JORNAL DE PSICOLOGIA. **Privação de liberdade, empobrecimento de vidas**. São Paulo: CRP-SP, n°139, Jan/fev. 2004, p.17.

da própria instituição com relação à forma de conceber o adolescente e o seu novo papel institucional”.

Considerando a violência como um fenômeno multi-causal e que assume proporções agravantes, em contexto de desigualdade e exclusão social, busca-se, por meio deste trabalho, assimilar as demandas de adolescentes infratores que foram, em algum momento de suas existências, excluídos de toda a gama de políticas públicas, em meio aberto, que pudessem ampará-los para superação da violência.

Por meio desta pesquisa, busca-se mapear a subjetividade de adolescentes em conflito com a lei, a fim de averiguarmos suas tendências e justificativas de desafio aos padrões vigentes de convivência social. Pesquisar as representações de atos infracionais em adolescentes pode contribuir para que fatores associados ao risco psicossocial possam ser mapeados e interpretados, para a compreensão da produção de subjetividade desses sujeitos.

Pretende-se assim, trazer para reflexão, questões presentes na sociedade que, ao serem projetadas na geração juvenil, são depositárias de conflitos do mundo adulto. Como portavozes do mal-estar contemporâneo, poderão dar indícios sobre possíveis questionamentos do que se está construindo como o futuro desta geração.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar as representações sociais de atos infracionais em adolescentes em conflito com a lei, quais significados e sentidos atribuem às práticas de violência e suas conseqüências na construção da subjetividade desses internos.

3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar, do ponto de vista psicossocial, os adolescentes atendidos na Unidade de Internação, do município de Ribeirão Preto/SP;
- Compreender e analisar as representações sociais acerca do ato infracional e de outras práticas de violência;
- Analisar as práticas e formas de sociabilidade que fazem parte do cotidiano dos adolescentes que cometeram atos infracionais, antes e durante a internação;
- Investigar os ideais dos adolescentes privados de liberdade, averiguando o universo de referência destes em relação aos laços que sustentam nossa sociedade;
- Constatar a construção da subjetividade desses adolescentes infratores no processo de inclusão/exclusão social.

4 METODOLOGIA

A escolha da teoria da representação social como referencial teórico metodológico, na realização deste estudo, está diretamente relacionada ao levantamento de como adolescentes infratores atribuem sentidos às vivências cotidianas no meio social. Esta pesquisa se define pelo paradigma da pesquisa qualitativa, que implica em entrevistas semi-estruturadas e a inserção do pesquisador no campo de investigação.

Assim, pode-se dizer que na investigação qualitativa interessa-se muito mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos que uma pesquisa gera. Para eles, o significado é de importância vital nessa abordagem, pois o interesse encontra-se no modo como diferentes pessoas constroem sentidos em suas vidas (BOGDAN e BIKLEN, 1997).

Ginzburg (1989) propõe um modelo epistemológico que possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre o “racionalismo” e o “irracionalismo”. Para isto, indica que o pesquisador deve buscar pistas e evidências tal qual procuradas por Freud (sintomas), Sherlock Holmes (indícios) e Morelli (signos pictóricos). Assim, por meio do paradigma indiciário, se recomenda captar uma realidade mais profunda nos indivíduos, a fim de propiciar sentidos às situações que, aparentemente, são banais no entrelaço dos sujeitos e instituição.

As representações são produzidas e circulam por meio das comunicações intersubjetivas, sendo elas próprias elementos que possibilitam tais fenômenos. Por meio da comunicação, os seres humanos se revelam no espaço político para mostrarem suas singularidades.

Na esfera pública, averigua-se que, por vezes, as representações se interpenetram de maneira dialógica e produzem novas representações. Outras vezes, algumas representações dominam e se sobrepõem a outras. Nesse emaranhado de possibilidades, emergem as representações sociais, que expressam os processos por meio dos quais uma comunidade produz um sistema de saberes e lhe atribui uma identidade social.

Para Moscovici (2004), a tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas prioridades, suas origens e seu impacto. Para o autor, nenhuma outra disciplina dedica-se a essa tarefa e nenhuma está mais bem equipada para isso. Para esta teoria, o conhecimento do senso comum não se contrapõe ao conhecimento científico, ou seja, trata-se apenas de outra ordem de conhecimento da realidade.

Por meio das representações sociais, busca-se;

[...] compreender os significados criados pelos homens acerca do mundo e de si mesmos e os processos neles imbricados. Tal abordagem tem sido profícua, nos últimos anos, na antropologia, na linguística, na sociologia, na história e na psicologia, o que vem exigir uma maior articulação entre esses

diferentes ramos do saber, articulação que também deve ser empreendida no âmbito da própria Psicologia (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000).

A utilização do método das representações sociais possibilita a superação das dicotomias: individual/social; interno/externo; material/representacional; consensual/reificado; saber teórico/ saber prático; sujeito puro/objeto puro (GUARESCHI, 2000). Para se compreender os processos inerentes deste campo de estudo, a metodologia possibilita uma ampla capacidade para mapear os conhecimentos dos indivíduos e dos grupos.

A socialização, resultante entre os indivíduos e o grupo, ocasiona um conjunto de representações a respeito de si, da sociedade, dos outros, do mundo e, também, de uma organização específica desse conhecimento (MOSCOVICI, 1978). Assim, as representações sociais têm como fundamento, o indivíduo e os grupos sociais e só podem ser construídas a partir dos mesmos, enquanto vivenciam a tensão entre sua objetividade e a subjetividade, vivência esta contextualizada num determinado meio histórico e social.

Para Wagner (1998), um objeto ou fenômeno social, para que se transforme em representação social, deverá provocar mudanças na rotina e no padrão de comportamento de indivíduos ou grupos. Os adolescentes em conflito com a lei constroem suas representações sociais sobre atos infracionais na interação com as instituições (família, comunidade, escola, polícia, internato, etc.). No limiar entre a possibilidade da inclusão na criminalidade e da exclusão de sua cidadania, essa juventude possui códigos singulares que movimentam suas trajetórias existenciais.

Para conhecermos as representações sociais de um sujeito pertencente a um grupo, necessitamos averiguar o lugar que ele ocupa socialmente em relação aos outros, por meio de seu discurso, enquanto realidade subjetiva que se insere no real. As representações sociais emergem desse modo como processo que, ao mesmo tempo, desafia e reproduz; repete e supera; que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade (JOVCHELOVITCH, 1994).

O social intervém de várias maneiras: através da comunicação que se estabelece entre eles; através do contexto em que se situam os indivíduos e os grupos; através da bagagem proporcionada pela cultura; através de códigos, valores e ideologias relacionados com as posições e pertinência sociais específicas (JODELET, 1985, p. 473).

Farr (1985, p. 503) sugere que as representações sociais possuem dupla função: fazer com que o desconhecido transforme-se em algo familiar e o oculto, em algo perceptível. Utilizando-se da análise de seus discursos, buscam-se representações, significados e valores existentes no grupo social desses infratores. Lane (1987, p. 36) menciona que “as práticas, as percepções, os conhecimentos se transformam quando são falados e a própria representação de si mesmo só ocorre através da linguagem interiorizada das recordações e dos projetos”.

Portanto, a utilização deste método, proposto por Serge Moscovici, possibilita compreender que “os processos que engendram as representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (JOVCHELOVITCH, 1994, p. 79).

Para a análise dos dados aplicou-se a técnica descrita por Bardin (1994). A análise do conteúdo é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1994).

Nesta pesquisa optou-se pela análise de conteúdo por se entender que esta é a metodologia que melhor corresponde, no momento atual, ao estudo das representações sociais. Essa proposta se refere a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos, a partir da

qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005, p. 70).

A vertente utilizada da análise do conteúdo foi qualitativa. Assim, valorizou-se a novidade, o interesse, o tema, ou seja, aspectos que permanecem na esfera do subjetivo. De acordo com esta técnica, busca-se entender os sentidos dos fenômenos sociais por meio de uma imersão no conjunto de informações coletadas. Nesta perspectiva o interesse pelo tema ou atributo subjetivo é o objeto da análise. Minayo (1994, p. 23) cita que na abordagem qualitativa, “[...] aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Trivinos (1998) explica três etapas como sendo básicas nos trabalhos com a análise do conteúdo. A análise divide-se em três etapas de execução: 1) análise prévia; 2) descrição analítica; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira, o período da pré-análise, tem como objetivo de operacionalizar e sistematizar as idéias principais. É o momento da organização de todo o material captado na coleta de dados para ajudar na compreensão do fenômeno estudado. Logo, há três momentos a serem percorridos: a escolha de documentos; a formulação das hipóteses e dos objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamenta a interpretação final.

A segunda etapa é a descrição analítica. Nela, o material reunido que constitui o corpus da pesquisa é mais aprofundado. Explora-se o material de maneira fastidiosa, buscando sínteses coincidentes e divergentes de idéias. Surgem desta análise, quadros de referências orientados pelas hipóteses e pelo referencial teórico utilizado.

A última etapa é a fase de análise propriamente dita. Trivinos (1998) argumenta que deve ocorrer interação dos materiais, não devendo o pesquisador restringir sua análise ao conteúdo manifesto dos documentos. Assim, trata-se do momento em que a reflexão, a

intuição e o embasamento em materiais empíricos, estabelecem relações com a realidade, aprofundando as conexões de idéias. Silva; Gobbi e Simão (2005, p. 75), salientam que se deve “tentar aprofundar a análise e desvendar o conteúdo latente, revelando ideologias, tendências das características dos fenômenos sociais que se analisam”. Ou seja, é o período que consiste na tabulação e aplicação de técnicas descritivas de análise.

A análise do conteúdo proporciona a designação de temáticas e categorias, que consistem na decomposição das entrevistas em unidades e depois classificação por agrupamento. Para Moscovici (2004, p. 63), categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele.

Portanto, a análise das entrevistas segue as etapas propostas e sistematizadas por Biasoli-Alves (1998, p. 150), buscando uma rigorosidade da pesquisa qualitativa, a fim de sanar o risco de uma análise intuitiva:

1. Transcrição das fitas gravadas na entrevista: o pesquisador necessita de tempo e será preciso atenção para que nada seja descartado;
2. Leituras: o pesquisador deve deixar-se impregnar pelos dados, fazendo repetidas leituras das falas dos sujeitos, alternando entre uma análise mais imediata do conteúdo expresso e uma leitura das relações em que se evidenciam interpretações e pontos críticos. Deve também ser anotada para discussão com outros pesquisadores que também investigam o tema, como forma de checar a compreensão. É importante destacar os temas emergentes e a construção do discurso em suas contradições, lapsos, silêncios, pausas e indícios da dinâmica afetiva.
3. Sistematização dos dados: a partir da impregnação do conteúdo das transcrições, deve-se providenciar o afunilamento dos resultados, definição das dimensões de análise dos temas emergentes, em função do referencial conceitual e da realidade estudada. É

interessante procurar similaridades e diferenças nas respostas dos sujeitos, delimitando progressivamente unidades de significado, tendo como foco o fenômeno estudado.

4. Redação: é a concretização da análise qualitativa, a finalização do estudo realizado (síntese das unidades de significado e das representações sociais), constituída pelo estabelecimento de tópicos e temas, denominados ‘núcleos temáticos’, que dão seqüência a uma narrativa cujo aporte é a literatura e as próprias falas dos sujeitos. O ideal é que se estabeleçam relações entre elementos cognitivos, comportamentais e investimentos afetivos, possibilitando ao leitor uma compreensão crítica do texto, condizente com os propósitos do estudo.

5. COLETA DE DADOS

5.1 Procedimentos

Durante a pesquisa reservou-se a todos os sujeitos envolvidos o sigilo total de suas identidades. Foram coletados, analisados e atualizados dados pertinentes à população atendida na U.I. – RP. O levantamento de dados dos internos foi feito por meio de consultas nos prontuários da Unidade. Os registros estatísticos poderão favorecer uma compreensão global da população atendida pela Unidade.

Spink (1993, p. 100) situa três métodos comumente empregados para obtenção de dados: técnicas verbais, técnicas não-verbais e observação. Para Minayo (1994), a investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com os atores sociais envolvidos.

Portanto, as seguintes técnicas foram utilizadas: entrevistas individuais semi-estruturadas e observação participante na instituição. As entrevistas foram baseadas em

roteiro formulado em torno da trajetória de vida dos adolescentes e suas conexões com as instituições sociais (família, escola, polícia, sistema de saúde, judiciário e Febem). Por meio deste instrumento, buscou-se a obtenção dos significados e representações construídas por estes sujeitos nos mais diversos aspectos de sua vida social.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada, buscando uma forma flexível cuja seqüência fica por conta do discurso entre os sujeitos. As questões, neste caso, foram abertas, estimulando uma verbalização que expressasse o modo de pensar ou agir dos entrevistados face aos temas focalizados.

Para esta pesquisa, realizaram-se sete entrevistas com adolescentes internos, de idades entre 12 e 21 anos, cumprindo medida sócio-educativa por atos infracionais diversos. Num total de 93 internos, preferiu-se escolher sete internos sob responsabilidade do pesquisador, que também é profissional da instituição, exercendo o cargo de analista técnico/psicólogo. Optou-se pelos sujeitos buscando respeitar a amostra total da instituição quanto à idade e tempo de privação de liberdade.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas. Foram coletadas expressões imaginárias e simbólicas desse grupo de internos sobre temas relacionados à vivência infracional. Após uma rebelião ocorrida no ano de 2004, foram observadas, num dos módulos parcialmente destruídos, frases pichadas abrangendo diversas temáticas como a religião e a identificação com facções criminosas.

Uma das preocupações importantes para se realizar esta pesquisa, foi referente a situação de que o pesquisador faz parte do corpo de profissionais da instituição. Averiguou-se, assim, a possibilidade do uso da observação participante como uma das técnicas de coletas utilizadas.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998:164),

[...] quanto à interferência do observador na situação observada, pode-se argumentar que esta fica minimizada pela permanência prolongada do pesquisador no campo, pois os sujeitos, com o tempo, se acostumam com a sua presença. Pode-se considerar que as relações sociais que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados, não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e como tal devem ser encaradas e discutidas.

O investigador inserido no próprio campo de investigação, a partir da vivência cotidiana dos procedimentos dos dispositivos técnico-pedagógicos, facilitaria a compreensão das representações sociais. Na observação participante, existe uma valorização do instrumental humano que se assemelha à tradição etnográfica. Por meio da interação por longo período com os sujeitos pesquisados, há possibilidade de partilhar-se do cotidiano desses internos e sentir o que significa estar naquela situação.

Portanto, acreditamos que a observação participante contribui para a coleta de dados pertinentes à convivência dos adolescentes no dia-a-dia da instituição, somando-se às outras técnicas utilizadas (verbais e não verbais).

Até porque seria muito enganoso analisar isoladamente quer o comportamento dos sujeitos (mediante dados de observação) quer só as atitudes a ele subjacentes (mediante dados de entrevistas), pois o evento factual e os sentimentos a ele associados são de igual importância para sua compreensão (BIASOLI-ALVES, 1995 apud 1998, p. 144).

Os dados coletados foram registrados em forma de notas de campo durante o período da pesquisa.

5.2 A Entrevista

A escolha dos adolescentes respeitou a faixa etária e tempo médio de internação dos internos sob a responsabilidade do analista técnico/psicólogo. Todos internos foram convidados e informados sobre a pesquisa que seria feita pelo profissional. Naquele momento, dos aproximadamente 30 internos convidados, apenas um se recusou verbalmente a participar da pesquisa alegando não ter interesse. Posteriormente, os internos escolhidos e os não escolhidos foram orientados sobre a decisão dos sete adolescentes que participaram da pesquisa.

Quanto aos atos infracionais, idade e tempo de internação:

Tabela 5.2.1: Sujeitos escolhidos para a entrevista

Adolescentes ¹³	Ato infracional (equiparado)	Idade	Tempo de Internação (aproximado)
1- Alan	Roubo	17	1 ano
2 – Romário	Tráfico	17	9 meses
3 – Gustavo	Formação de quadilha/Receptação	18	3 meses
4 – Milton	Tráfico	15	6 meses
5 – Cleber	Roubo	17	9 meses
6 – Carlos	Tráfico	16	9 meses
7 – Fábio	Homicídio	17	1 ano e 5 meses

¹³ Nomes fictícios.

5.3 Local

Foram realizadas entrevistas na sala de atendimento técnico, situada na perimetral, no grande corredor que dá acesso aos 4 módulos da Unidade. Na perimetral também se localizam o setor médico, algumas salas de atividades pedagógicas, a sala dos analistas técnicos e a sala de atendimento odontológico.

Optou-se pelo local por ser de fácil acesso para os internos. Além disso, trata-se de um local privativo, onde o sujeito pode manifestar-se espontaneamente sem que funcionários e/ou demais internos pudessem atrapalhar o andamento da entrevista.

6. RESULTADOS

6.1 Caracterização da Instituição

Fundada aos 28 de fevereiro de 2004, a Unidade de Internação de Ribeirão Preto é composta por 4 módulos com capacidade total de 120 adolescentes internos reincidentes. Foi construída num período de transição administrativa institucional devido a inúmeras críticas sobre a finalidade e a importância das medidas sócio-educativas de internação.

Atualmente, esta Unidade também atende adolescentes primários com atos infracionais considerados graves. A U.I. – Rib. Preto passou a atender em 3 módulos, internos na faixa etária de 12 a 21 anos incompletos com grau infracional de reincidência médio e grave. O quarto módulo é reservado para internos primários na faixa etária entre 16 a 21 anos incompletos, com grau infracional grave.

De acordo com portaria administrativa 098/06, considera-se ato infracional médio e grave:

Tabela 6.1.1: Atos Infracionais considerados Médio/Grave na instituição Febem

Médio	Grave
<ul style="list-style-type: none"> • Homicídio culposo ou doloso simples • Porte ilegal de arma • Furto e furto qualificado • Roubo simples • Estelionato e/ou outras fraudes • Formação de quadrilha ou bando • Falsidade documental • Lesão corporal leve, grave ou culposa • Violação de domicílio • Receptação 	<ul style="list-style-type: none"> • Roubo seguido de lesão corporal grave ou morte • Homicídio doloso qualificado • Tráfico de drogas • Seqüestro e cárcere privado • Roubo qualificado • Extorsão ou extorsão mediante seqüestro • Lesão corporal seguido de morte • Crime contra costumes (estupro, atentado violento ao pudor)

Todos os internos freqüentam o ensino formal nos períodos diurno e vespertino, com aulas ministradas por professores da rede pública. Além disso, participam das atividades desenvolvidas pela equipe pedagógica da instituição e por ONGs, sendo elas: profissionalizante, cultural, esportiva, ocupacional e outras.

Tabela 6.1.2: Atividades pedagógicas oferecidas na Unidade

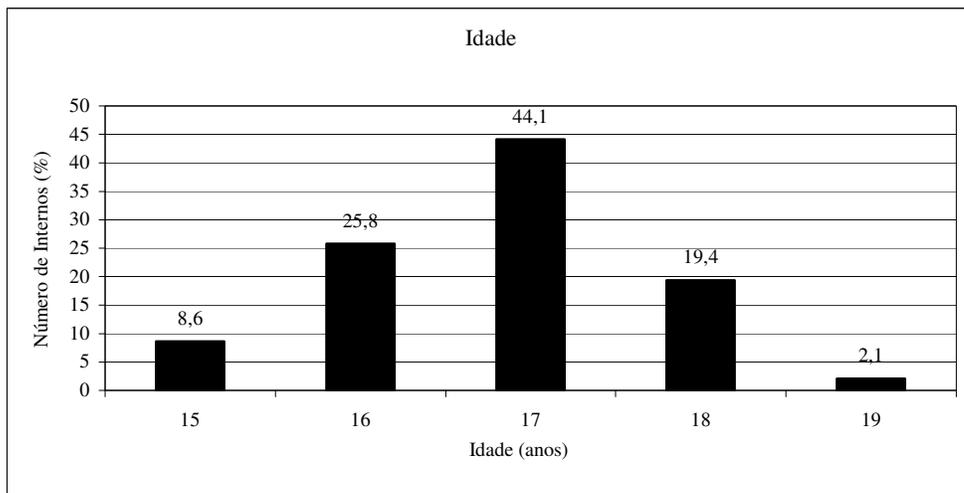
Atividades Oferecidas	
Profissionalizante	Informática, Panificação, Mecânico de refrigeração, Mecânico de ar condicionado, Leitura de desenho mecânico, Garçom, Horticultura, granja e jardinagem.
Cultural	Proj. Guri-Percussão, Proj. Guri-Cavaquinho, Proj. Mensageiro-Street Dance, Proj. Mensageiro-Capoeira, Circo Escola e Biblioteca
Esportiva	Futsal, basquetebol
Ocupacional	Artesanato
Outras	Proj. Viver e Conviver, Assistência Religiosa

Os adolescentes recebem visitas dos familiares semanalmente. Caso não compareçam, telefonemas são realizados para os responsáveis na presença do analista técnico (psicólogo ou assistente social). Durante a semana, os familiares podem agendar visitas na Unidade para acompanhar os filhos durante as atividades pedagógicas.

Internos recebem atendimento médico e odontológico diariamente. Quando necessitam de cuidados especiais, são encaminhados para instituições de saúde na comunidade. Diariamente recebem 4 refeições: almoço, jantar, o lanche da manhã e o da tarde. A empresa Denadai é a responsável pelo fornecimento das refeições. Funcionários desta empresa trabalham na cozinha da própria Unidade e servem os internos.

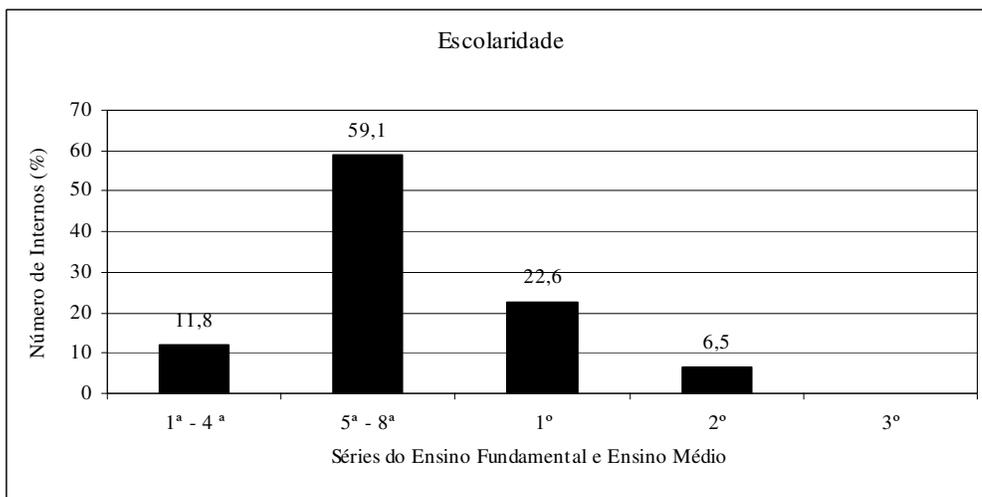
Quanto à faixa etária na Unidade: 41,1% possuem 17 anos; 25,8% deles, 16 anos; 19,4%, a idade de 18 anos; 8,6% têm 15 anos; 2,1% chegaram a 19 anos.

Gráfico 6.1.1 – Quanto à faixa etária dos atendidos pela Unidade



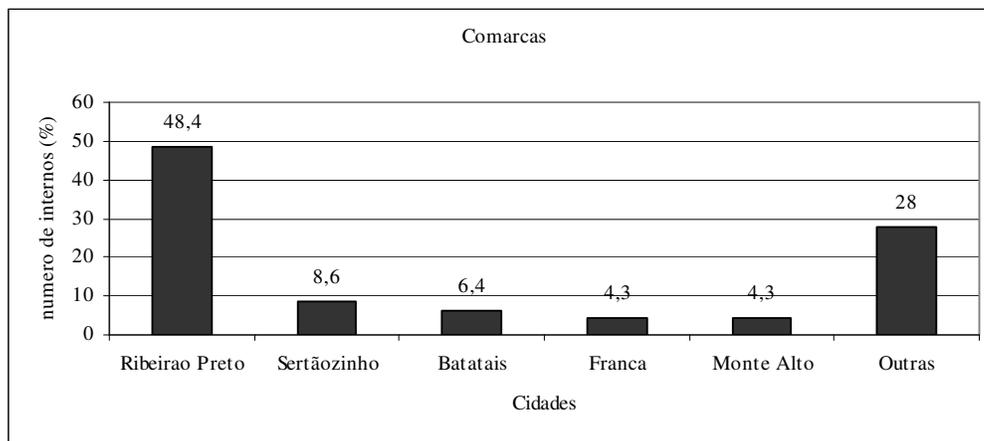
Quanto à escolaridade do total de internos da U.I. – RP, no momento da escolha dos sujeitos: o gráfico mostra que: 11,8 % estão matriculados entre a 1ª e 4ª séries do ensino fundamental; 59,1% cursam o ensino fundamental de 5ª a 8ª série; 22,6% estão no 1º ano do ensino médio; 6,5% assistem às aulas no 2º ano do ensino médio.

Gráfico 6.1.2 – Internos quanto à escolaridade



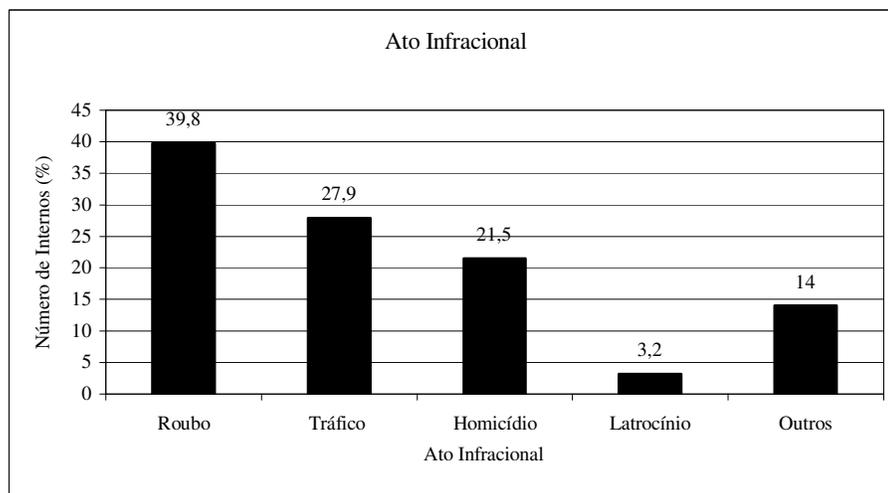
Conforme análise da população atendida pela Unidade, a maior parte dos internos são da cidade de Ribeirão Preto (48,4%). Porém, existem internos provindos de outras comarcas: Sertãozinho (8,6%), Batatais (6,4%), Franca (4,3%), Monte Alto (4,3%) e outras cidades com número reduzido de adolescentes (28%).]

Gráfico 6.1.3 – Internos quanto às Comarcas



Conforme podemos visualizar no gráfico abaixo, o maior número de internos cumpre medida sócio-educativa por ato infracional equiparado a roubo (39,8%). Seguem, em ordem decrescente: tráfico (27,9%), homicídio (21,5%), latrocínio (3,2%) e outros (14%).

Gráfico 6.1.4 – Internos quanto a prática de atos infracionais



Nesse contexto institucional, desenvolveu-se a pesquisa sobre adolescentes infratores. Cada Unidade, em função do contexto histórico em que surgiu, possui particularidades regionais distintas, devido às características da administração e da população atendida. Porém, muitas das características sócio-econômicas dos internos equiparam-se às de outras Unidades do estado. Logo, muitos dos dados e resultados encontrados nesta pesquisa podem ser generalizados à outras áreas e cidades.

6.2 Sobre os sujeitos

Realizou-se investigação no prontuário social dos sujeitos a fim de coletar dados sobre suas histórias de vida. Essas informações foram recolhidas pelos analistas técnicos (psicólogos e assistentes sociais) que os atenderam nas passagens pela instituição.

6.2.1 Entrevistado 1

Alan é proveniente de família desmembrada pela separação dos genitores, o que ocorreu há mais de 07 anos. Segundo informações do próprio interno, a separação efetuou-se devido às constantes discussões. Na época, o pai era agressivo e descontava constantemente suas insatisfações nos filhos; por estes motivos, o lar do interno era tumultuado.

Na época em que foi entrevistado, segundo a genitora e o próprio adolescente, o relacionamento com o genitor era bom. Mantinha contato esporádico por meio de cartas e por telefonemas. O pai reside na cidade de Porto Ferreira, trabalha como tratorista numa usina. Deste relacionamento, a genitora teve 05 filhos:

- A1: irmão (21 anos, detido no CDP de Ribeirão Preto por roubo, realizado com Alan);
- A2: irmão (18 anos, solteiro, reside na cidade de Palmeiras com tia materna, trabalha na lavoura);
- Alan: em estudo;
- A3: irmã (12 anos; cursando a 4ª série do ensino fundamental; reside ora com o genitor, ora com genitora);
- A4: irmã (08 anos, cursando a 1ª série do ensino fundamental).

Posteriormente, a genitora constituiu 02 novos relacionamentos, possuindo assim mais dois filhos:

- B1: irmã (02 anos);
- B2: irmã (03 meses).

A família reside em imóvel cedido pelo pai de B1, composto por um quarto, sala, cozinha e banheiro. Possui infra-estrutura básica adequada. O sustento do lar fica a cargo da pensão alimentícia que recebe do pai de B1. Além disso, outros familiares e membros de uma comunidade evangélica ajudam na complementação da renda mensal da família.

Na época em que o contato foi estabelecido, era a segunda passagem do interno pela instituição, cumprindo medida sócio-educativa de internação. A primeira passagem ocorrera por ato infracional, equiparado a homicídio. De acordo com as informações contidas no prontuário social, consta que Alan teria realizado fuga de uma Unidade do interior. Posteriormente, foi encaminhado para uma Unidade Provisória e, após, transferido para U.I.-RP.

Apesar da falta disciplinar naquela U.I. e algumas atitudes de indisciplina, quando chegou na U.I.-RP, comportava-se como interno tímido, participativo nas atividades e cooperativo com demais internos e funcionários. Mencionava, nos atendimentos técnicos, que

há anos vinha planejando realizar um curso técnico de Radiologia. Conta que foi orientado pela tia, enfermeira que trabalha numa instituição hospitalar da sua cidade de origem. Também tinha planos para trabalhar e continuar seus estudos.

Permaneceu na instituição pelo período de um ano por ato infracional equiparado a assalto a mão armada numa residência. Após roubar a residência e amordaçar as vítimas, o interno e mais um grupo de adolescentes fugiram com o carro da família assaltada.

6.2.2 Entrevistado 2

Romário cumpriu medida sócio-educativa de internação por ato infracional equiparado a tráfico de entorpecentes. Na época da entrevista, estava privado de liberdade havia, aproximadamente, 9 meses. Era a segunda internação do adolescente. Na internação anterior, cumpriu medida por 6 meses, em Unidade de Internação da capital por roubo de motocicleta.

Manteve conduta satisfatória e em nenhum momento desenvolveu indisciplina na U.I. – Rib. Preto. Fazia parte de grupo de adolescentes que participavam da oficina de horticultura/jardinagem. Antes, freqüentou a oficina de computação.

O interno nasceu após relacionamento casual de seus genitores. A genitora, aos 14 anos, manteve relações sexuais com o cunhado quando residia na residência da irmã primogênita, na cidade de Franca. Ao engravidar, a genitora retornou para a cidade de São Paulo para residir com a avó do interno.

Quando o adolescente foi entrevistado, a genitora contava com 33 anos e possuía mais dois filhos frutos de novo relacionamento. Era funcionária de um hospital, exercendo a função de serviços gerais. O companheiro trabalhava como metalúrgico numa empresa. Residiam num imóvel próprio, composto de três cômodos, possuindo infra-estrutura e saneamento básico.

As relações sociais e familiares com o padrasto não eram satisfatórias. As desavenças ocorriam porque este senhor era usuário contumaz de bebidas alcoólicas e tratava a genitora do interno de maneira violenta, agredindo-a freqüentemente na frente dos filhos.

Quando residia com a mãe, Romário e mais um comparsa resolveram roubar uma motocicleta. Foi apreendido e permaneceu na Febem da capital por 6 meses. Cumpriu medida sócio-educativa de liberdade assistida, por mais meio ano após a desinternação.

Posteriormente, Romário transferiu-se para a cidade de Franca para residir com a tia (40 anos, funcionária de empresa calçadista). Lá permaneceu junto com seus demais irmãos por parte de pai: G. (21 anos, solteiro, jogador de futebol); C. (19 anos, solteiro, sapateiro); J. (17 anos, solteiro, estudante) e C.L. (16 anos, estudante). A renda familiar era de, aproximadamente, R\$ 1.800,00. A família possuía imóvel próprio que, era composto de dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

O genitor dos primos/irmãos do interno constituiu nova família e não mantinha contato com os filhos, mesmo residindo na mesma cidade. O entrevistado, nos atendimentos técnicos costumava falar sobre seu passado em São Paulo, residindo com a mãe, e sobre os motivos que o impulsionaram a realizar os atos infracionais. Aparentava ser muito influenciado pela mídia e tinha sempre como meta adquirir objetos de consumo caros.

Iniciou seu envolvimento com atos infracionais aos 12 anos de idade. Também era indisciplinado na escola, embora tenha sido um adolescente que se inseriu no mercado de trabalho. Trabalhou na empresa Xerox do Brasil e também como entregador de jornais na capital; porém, sem vínculo empregatício. Antes de ser internado, trabalhava numa rede de supermercados na cidade de Franca, como empacotador, recebendo um salário por mês. Porém, começou a desinteressar-se, visto que teve como perspectiva realizar tráfico de entorpecente para conseguir uma “complementação” ao salário adquirido licitamente.

O adolescente era sociável. Cativava os funcionários e demais internos com a empatia. Durante período em que permaneceu internado, aparentemente, o sentimento de ódio relacionado à figura paterna foi aliviado por meio de sua re-significação dos fatos marcantes da sua infância. Foi desinternado após cumprir 10 meses de internação. Foi liberado da instituição na maioridade. Relatava o desejo de trabalhar e estudar. Também tinha como meta assumir a paternidade de uma criança, de que ex-namorada alegava ser ele o genitor.

6.2.2 Entrevistado 3

Gustavo registra duas passagens na instituição Febem. A primeira aconteceu em agosto de 2.004 por ato infracional considerado como tráfico de entorpecentes. Cumpriu medida sócio-educativa de internação durante período de seis meses, quando foi transferido para a liberdade assistida.

No momento em que participou da pesquisa, estava cumprindo a segunda passagem na instituição. Foi internado por delito de formação de quadrilha e receptação de objetos roubados. Estava privado de liberdade há, aproximadamente, 3 meses. Participava ativamente de todas as atividades pedagógicas oferecidas na Unidade.

Seus genitores estavam separados há, aproximadamente, 2 anos. A separação se deu após brigas constantes do casal. A genitora (38 anos, empregada doméstica) mantém novo relacionamento com o jovem W. (28 anos, serviços gerais). Da mesma forma, o genitor (42 anos, trabalha em loja de materiais para construção) construiu nova família.

Gustavo possui 3 irmãos, sendo eles: A. (irmão, 21 anos, custodiado no CDP-RP por homicídio); B. (irmã, 6 anos, estudante); C. (irmão, 5 anos, estudante). Antes da internação, estava vivendo com a mãe, irmãos e padrasto. A sobrevivência da família era mantida por meio dos ganhos de W., genitora e a pensão do genitor do interno. Segundo a mãe do

adolescente, a renda mensal era suficiente para a família não passar por privações financeiras sérias.

Envolveu-se em atos infracionais aos 13 anos de idade, influenciado por colegas de seu bairro. Segundo seu relato, na infância, teve histórico de indisciplinas nas instituições escolares que frequentou, mas não foi encaminhado para nenhum órgão que pudesse orientá-lo na comunidade. No entanto, conseguiu manter o interesse pelos conteúdos aprendidos e chegou a concluir o ensino médio na Unidade de Internação-RP.

Com os amigos, começou a abusar de drogas no início da adolescência. Espantava-se por permanecer muito tempo sem utilizar entorpecentes devido ao cumprimento da medida e ambicionava continuar a abster-se de drogas após o término da internação.

A rebeldia durante a adolescência, segundo o interno, teve início porque não via outra perspectiva de vida que não sua inserção no tráfico, pois, naquele momento, essa era a única maneira de se sentir independente e conquistar autonomia. Ansiava por bens de consumo e tinha como parâmetro existencial, a posse de roupas, tênis, a participação em festas, etc.

Vinha refletindo a respeito do desejo de trabalhar e de se inserir no mercado de trabalho. Por isso, segundo o interno, dedicou-se aos estudos. Em atendimentos técnicos, vinha falando sobre a possibilidade de continuar seus estudos no ensino superior. Inclusive, antes da desinternação, vinha sendo orientado pela equipe pedagógica sobre o vestibular em universidades públicas.

6.2.4 Entrevistado 4

No momento da entrevista, Milton completava 6 meses de internação. Participava das atividades de horticultura, informática, jardinagem, panificação e um curso de mecânico em refrigeração oferecido pelo SENAI (ensino à distância). Além disso, frequentava a 7ª série do

ensino fundamental. Recebeu a medida sócio-educativa porque cometeu um ato infracional equiparado a tráfico de entorpecentes, sendo esta a segunda passagem pela instituição.

A família do adolescente era composta por: M.E. (genitora, 37 anos, serviços gerais no H.C.-USP); F.A. (irmã, 20 anos, dois filhos, desempregada); F.E. (irmão, 12 anos, estudante); H. (avó, do lar); F.I. (irmã, 11 anos, estudante). Residiam em imóvel cedido pela avó composto por 4 cômodos, com infra-estrutura e saneamento básico adequado.

A manutenção financeira do lar estava sob responsabilidade da genitora, que na época, recebia o valor de R\$ 340,00 mensais. Após a morte do genitor do adolescente, a família passou a receber uma pensão no valor de um salário mínimo.

Segundo informações coletadas por meio de entrevistas e visitas domiciliares, Milton tinha bom relacionamento com os membros familiares. No entanto, percebeu-se que a genitora e os demais irmãos quase não realizavam visitas, visto que alegavam que o adolescente deveria se responsabilizar pelos “erros” cometidos. Ou seja, mesmo sendo orientados pelos técnicos da Unidade a realizarem visitas, familiares se utilizavam deste mecanismo punitivo para que Milton “aprendesse a lição”, na esperança de que não mais cometesse atos infracionais.

Milton relatava que se envolveu com o narcotráfico, inicialmente, porque tinha o interesse de comprar uma arma e matar o tio. Segundo consta, esse familiar assassinou o pai do adolescente quando este requereu um aparelho de som que estava na residência do parente. Milton contou que, estava na igreja e, quando voltou, avistou o genitor morto e caído no chão.

O adolescente referiu que cresceu num bairro de periferia. Nas cercanias de sua residência era realizado o comércio de drogas e nos atendimentos técnicos relatava que não via outra perspectiva para si que não o envolvimento com a criminalidade.

Aparentemente, após a morte do genitor, o adolescente buscou por meio dos atos infracionais, fortalecer sua auto-estima e assim despejar suas pulsões destrutivas em

atividades mercantis arriscadas. Motivado pelo consumismo exacerbado apresentado pela mídia e na ganância de pertencer a algum grupo juvenil, buscou no tráfico, formas para satisfazer seus desejos. Parte do dinheiro era gasto com roupas, tênis, festas, equipamentos eletrônicos, etc.

Milton alegava com orgulho que não era usuário contumaz de drogas, pois acreditava que um bom vendedor não deveria viciar-se. Após a desinternação, Milton foi transferido para a medida sócio-educativa de liberdade assistida e não mais retornou para a Unidade.

6.2.5 Entrevistado 5

Cleber estava cumprindo a medida sócio-educativa de internação pela segunda vez, cometer o ato infracional equiparado a roubo de residências. Consta no boletim de ocorrência que Cleber e seu grupo ameaçaram, agrediram e amordaçaram os moradores, sendo que, após o fato, fugiram com o veículo da família. Foi capturado junto com os outros integrantes da quadrilha quando estavam incendiando o carro num canavial, para apagarem os vestígios.

A família veio do estado do Paraná há cerca de 15 anos para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar, porém, seus genitores atualmente trabalham como diaristas no município. O genitor trabalha como pedreiro/eletricista. A genitora trabalha como empregada doméstica em várias residências da região central da cidade. Cleber possui também dois irmãos adolescentes, sendo um deles inserido no mercado de trabalho, exercendo a função de auxiliar de panificação. Segundo L., a genitora, a renda mensal familiar era em torno de R\$ 1.000,00.

A dinâmica familiar era tumultuada. Cleber possuía rivalidades com a figura paterna, pois o pai costumava agredir a mãe. Por várias vezes ele presenciou cenas de violência e somente a partir adolescência começou a interferir nas agressões, tentando impedir que o genitor agredisse a mãe.

Por outro lado, nos atendimentos percebia-se certa admiração pelo pai. Nos atendimentos elaborava explicações sobre o “porque” o genitor se comportava daquela forma e culpava-o pelo uso abusivo de bebidas alcoólicas. Concluiu que, da mesma maneira que o pai, quando utilizava crack, também se manifestava de forma agressiva com as pessoas próximas.

Na instituição estava participando do ensino formal cursando o 2º ano do ensino médio. Tinha alguns planos para continuar os estudos após deixar a instituição, pois queria acompanhar os irmãos e a mãe nas aulas escolares buscando integrar-se na comunidade. Sobre o ato infracional, o adolescente justificava-se dizendo que nesses momentos “algo entrava no seu corpo” e então reagia de maneira impulsiva sem se preocupar com as conseqüências.

Depois de desinternado, por duas vezes ligou na instituição informando que estava trabalhando e estudando. Estava freqüentando uma igreja evangélica e tinha a crença de que através da religião conseguiria apaziguar as rivalidades com o pai e investir suas potencialidades nos estudos e no trabalho.

6.2.6 Entrevistado 6

Carlos contava com 9 meses de permanência na instituição. Era a segunda vez que estava cumprindo medida sócio-educativa de internação por ato infracional equiparado a tráfico de entorpecentes. Residia com a família num imóvel construído num bairro periférico da cidade. A família era formada pela genitora, o padrasto e dois irmãos mais novos. Ao lado da residência, vivia o avô, participante ativo da dinâmica familiar.

Em alguns atendimentos, o adolescente alegava não gostar de falar sobre o pai, argumentando que não o conheceu. A renda mensal familiar era de aproximadamente R\$

1.000,00. O padrasto trabalhava como eletricista de autos e a genitora realizava faxinas no bairro.

Segundo o interno, a senhora S., a genitora não realizava visitas constantes porque havia um pacto de que, caso retornasse para a instituição, ela não o visitaria. No entanto, após reconhecer algumas mudanças significativas no filho, por meio da escolarização e das participações nas atividades sócio-culturais, quebrou a promessa e visitou-o algumas vezes.

O interno não tinha bons relacionamentos com o padrasto. Havia rivalidades porque na infância do adolescente, este senhor impôs regras de conduta que o desagradava. O adolescente argumentava que o padrasto não era o seu genitor e que este não podia regular sua vida. Por outro lado, culpava a genitora por manter o relacionamento e não intervir nas decisões do padrasto.

Carlos iniciou o envolvimento com o tráfico a partir do momento em que as mesadas de seus familiares não mais o satisfaziam. Como era usuário contumaz de crack e maconha, uma parte do dinheiro recebido era para o consumo de drogas e a outra para comprar roupas e sair com os amigos.

Na instituição, Carlos, segundo relatórios da equipe pedagógica, era um adolescente participativo e de intenso interesse pelos assuntos abordados em sala de aula. Por outro lado, antes da internação, estava se dedicando exclusivamente ao tráfico não demonstrando interesse pela escolarização. Após 1 ano internado, Carlos voltou para a residência. Não retornou para a instituição, sendo que, aparentemente, cumpriu a medida sócio-educativa de liberdade assistida de maneira satisfatória.

6.2.7 Entrevistado 7

Fabio estava cumprindo medida sócio-educativa de internação havia 1 ano e 06 meses, por ato infracional equiparado a homicídio. Era a sua segunda passagem pela instituição. Durante o cumprimento da medida, teve oscilações de conduta na Unidade. Envolveu-se em várias situações de conflito com outros adolescentes e, por um período, teve dificuldades para acatar orientações dos funcionários.

Segundo informações da equipe pedagógica, no início da internação, o adolescente era considerado bom aluno, porém, dispersava-se com facilidade e se envolvia em situações indisciplinadas durante as aulas.

Quando nasceu, o adolescente foi adotado por uma família. No entanto, manteve contatos com a genitora e seus irmãos consangüíneos. Quando foi entrevistado, a madrasta estava vivendo no exterior trabalhando como babá. Consta que, a genitora e vários de seus irmãos também estavam vivendo há tempos em outro continente. Além das ligações internacionais para a madrasta, Fabio também mantinha contatos com uma irmã de criação que vivia em Ribeirão Preto.

Fabio permaneceu no exterior por um mês, mas não conseguiu se adaptar. Alega que sentiu saudades dos amigos e, num ato impensado, acabou retornando para o Brasil. Posteriormente, assassinou um homem que era supostamente acusado pelos moradores do bairro de cometer estupros, visto que esse senhor tinha o hábito de mostrar os órgãos genitais em público. Segundo o adolescente, como não houve providências dos órgãos judiciais, sentiu-se na obrigação de matá-lo, buscando salvaguardar a segurança da família e dos moradores do bairro.

Começou a cometer atos infracionais no início da adolescência. Na escola, agredia estudantes e desrespeitava as regras impostas. Sobre o fato, Fábio mencionava que apenas agredia “boyzinhos”, pois acreditava que esses garotos desprezavam os estudantes pobres da escola.

Alguns adolescentes o consideravam insensato, pois, para eles, Fábio não necessitava realizar os atos infracionais que vinha cometendo na adolescência (roubos, furtos, tráfico e homicídio). Justificavam que o adolescente era “boyzinho” e tinha condições financeiras para estudar e encontrar melhores oportunidades de trabalho. Porém, aparentemente, na infância e no início da adolescência teria passado por várias privações. O argumento dos colegas era baseado nas observações atuais. Fábio foi desinternado quando chegou à maioridade. De imediato, foi residir com a irmã e tinha pretensões de viver e trabalhar no exterior.

6.3 Categorias

6.3.1 Origem social, econômica e familiar

A categoria **“Origem social, econômica e familiar”** representa dados referentes à ascendência familiar dos entrevistados, a condição social e econômica, a profissão dos pais e a subsistência familiar na primeira infância.

- “[...] trabalhei com meu pai de servente de pedreiro, marcenaria e serviços rurais também [...]”. Alan
- “[...] eu morava em São Paulo com minha mãe... daí eu vim prá Franca. Meu pai mora em Franca e tenho alguns irmãos em Franca [...]”. Romário
- “[...] com meu pai, servente de pedreiro [...]”. Gustavo
- “[...] vou fala para o senhor, trabalhei uma vez só e para meu pai, de vender verdura. Vender verdura na rua. Só essa mão trabalhei só [...]”. Milton
- “[...] eu trabalhei com meu pai de servente de pedreiro. Já trabalhei de pintor e tapeceiro. Já trabalhei de muita coisa... até de cavar buraco para fazer fossa [...]”. Cleber

- “[...] eu vendia verdura, tipo, verdura não, legumes. Tipo, trabalhava com isso quando eu tinha uns 10 anos... já trabalhei com pintura, fazer cadeira, bicicletaria... já vendi velas em porta de cemitério também prá ajudar minha mãe [...]”. Fabio

Nessa categoria destacam-se marcas discursivas que evidenciam a origem humilde e pobre dos núcleos familiares. Os pais geralmente desenvolvem atividades em profissões no setor terciário de baixa qualificação e fatores de natureza cultural, econômica e de organização social fomentam a necessidade de trabalho precoce por parte dos filhos.

6.3.2 Dinâmica familiar

A categoria “**Dinâmica familiar**” reúne as marcas discursivas que representam o relacionamento dos internos com a família: a proteção, cuidados e afetos, os episódios de violência e agressividade entre os membros e a intermediação entre o adolescente e a sociedade.

- “[...] muitas vezes chegava até nos agredir também e era onde nós nos revoltava [...]” (Alan).
- “[...] ele queria que a gente aprendesse para ter um mundo melhor e ter alguma coisa mais prá frente [...]” (Alan).
- “[...] minha mãe sempre quis que fizesse as coisas certas e pegou no meu pé mesmo [...]” (Romário).
- “[...] ele dá conselho, mas eu não escuto! Falam para parar e arrumar um serviço ‘isso aí não vira não!’. Aí, só depois que nós estamos aqui é que nós vemos [...]” (Gustavo).

- “[...] Tem o lado da família também, que fica meio ruim, com a gente fazendo essas coisas [...]” (Gustavo).
- “[...] para o senhor ver, foi por causa de um som! Eu pedi emprestado e ele não quis emprestar. Meu pai falou que ia catar ele e ele sacou o revólver e ele deu dois tiros no meu pai. Meu pai caiu [...]” (Milton).
- “[...] ah normal, carinho, normal... muito amor por ela (mãe), porque ela gosta de mim, né senhor? Ela também não tem culpa daquilo que aconteceu [...]” (Milton).
- “[...] assim, minha mãe gosta de mim, vixi, prá caramba. Meu pai gosta, mas sempre tive atrito com ele, mas agora está tudo bom, converso e tal [...]” (Cleber).
- “[...] brigas, eu não gostava dele, eu pegava raiva dele, chegava meio bêbado. Ele tomava muito no bar, chegava bêbado e começava a gritar. Queria pegar minha mãe prá bater [...]” (Cleber).
- “[...] tipo assim, Jesus é meu rei, meu pai. Minha mãe é uma rainha, ela que me criou sete meses na barriga e agora eu tenho uma idade de 18 anos... minha mãe, vixi, eu tenho certeza que ela me ama de coração [...]” (Cleber).
- “[...] minha mãe não deixava eu nem sair no portão de casa, senhor. Eu vivia dentro de casa parado [...]” (Carlos).
- “[...] sem maldade, não gosto de falar dele não! Ele gostava de me trancar muitas vezes dentro de casa... e é por isso que eu me revoltei! [...]” (Carlos).
- “[...] vou falar um monte prá ele senhor, ninguém põe a mão, porque ele vai por a mão? No meu irmão ninguém põe a mão não, mas na minha irmã pode, porque é filha dele [...]” (Carlos).
- “[...] eu sou criado com minha mãe de criação desde meus 20 dias! E tipo, tenho minha avó, minha mãe, minha irmã, minha tia, que moram no exterior! Minha irmã

levou minha avó de criação para trabalhar lá e agora ela trabalha cuidando de uma senhora de idade e tal [...]” (Fabio).

- “[...] isso achei meio tipo... não conhecia ninguém e não conhecia a língua do povo! Aprendi algumas palavras e comecei a falar com o povo, mas tipo assim, não tive nenhum amigo prá sair comigo e tal... aí não me adaptei muito bem... aí revolvi mudar e tal! Voltar de novo prá cá!” (sobre morar no Exterior com seus familiares) (Fabio).

Nessa categoria apresentam-se aspectos relacionados aos cuidados maternos e também aos conflitos gerados no relacionamento paterno (pai ou padrasto). A ausência da figura paterna, assim como o uso abusivo de bebidas alcoólicas, por parte do genitor, permeiam as relações de violência no grupo familiar.

6.3.3 Vida escolar e sociabilidade

A categoria “**Vida escolar e sociabilidade**” resulta das referências à vivência, desempenho escolar, relacionamentos com os educadores e à sociabilidade com grupos de pares.

- “[...] bom aluno, bem dizer assim, sempre fui. Mas só que nunca gostei de estudar. Sou meio vagabundo prá estudar [...]” (Alan).
- “[...] fica enchendo as paciências, muitas vezes chamando de preguiçoso: ‘faz isso, faz aquilo’ [...]” (Alan).
- “[...] era prá descontar, era prá atordoar mesmo [...]” (Alan).
- “Eu aprontava muito também na escola. Ainda mais depois que tinha lá meus 11 anos. Daí fui aprontando mais!” (Romário).

- “Brigar é uma coisa que prá mim não compensa... eu sou mais no meu canto [...]” (Romário).
- "Quando tava trabalhando era amigos normais. Até o filho da minha patroa lá da rua, vixi, me levava na casa dele. Nós fazíamos festas na casa dele e tal. Vixi, só amigo bõo mesmo eu tinha [...]" (Romário).
- "Não, não era envolvidos, fazia nada. Eram colegas dos meus irmãos... os outros eram tudo trabalhador... mas depois comecei a me envolver com o pessoal [...]" (Romário).
- “Eu gostava de fazer bagunça mesmo! Era mó arteiro desde criancinha!” (Gustavo).
- “[...] tacava bomba dentro do banheiro, quebrava tudo a escola: carteira, atentava professora, muita bagunça (sorrindo)!” (Gustavo).
- “[...] de vez em quando eu chegava atrasado... encanava aula também. Mas quando tinha 10/11 anos... depois com mais idade, já não ia mais, senhor. Depois dos 11 anos parei de ir [...]" (Milton).
- “Eu ia ao clube, jogava futebol! Eu sempre tinha um momento, jogando futebol, assim: ‘e aí, pega duas pedras, pega uma macoinha lá’. Servia eles e tal e já voltava pro futebol e tal [...]" (Cleber).
- “[...] Sempre fui quieto dentro da sala. Mas quando era mais menorzinho, eu era bagunceiro. Vixi, eu pulava muro e ia embora, encanava aula, sempre não fazia nada na sala de aula" (Cleber).
- “[...] quando eu aprontava uma coisa não muito grande, ele vinha e falava: ‘não, não é assim, vamos melhorar. Para com isso aí, você é um menino bõo e pá. Tem tudo para ir prá frente’... eu escutava aqui e saía aqui [...]" (Cleber).
- “[...] abri o portão... aí os cara entrou roubou tudo... eu fui o mandante né, aí eu muito burro, voltei na escola pulei o muro. Quando pulei o muro, a polícia tava lá dentro esperando eu. Aí catou eu e não deu nada [...]" (Carlos).

- “[...] meus amigos eram aqueles que moravam ali perto da minha casa. Agora hoje já se envolveram todos também... desde quando era pequenininho, eu fui o último! [...]” (Carlos).
- “Eu saía, ia nos bailes, lá na Apoteose. Ia na fazenda com os manos. Ia, saía de noite, vendia uma droga ali, aí quando o freguês passava eu dava um tanto de pó prá ele e ele me levava aonde eu queria... onde que você for com droga você vende prá caramba, porque lá só tem ‘boyzinho’ nesses lugares[...]” (Carlos).
- “[...] vamos supor, eu tinha meus amigos que eram chegados, jogava bola com eles e soltava pipa e tal. Aí tipo, comecei. Eu vinha onde ficava os manos mesmo. Comecei ir lá nos manos. Diziam: ‘não, sai daqui e tal, prá que ficar aqui?’. Aí eu persistia e ficava... comecei a roubar moto-taxi, bar, padaria, aí já comecei catar amizade total com os manos. Daí comecei a firmar na banca mesmo, total!” (Fabio).
- “[...] eu parei de estudar na quinta série senhor... eu tava na quinta série, eu passei duas séries já, passei pela sexta e sétima aqui na Febem. Já to prá passar para a oitava já!” (Fabio).
- “[...] agredia as pessoas lá que eram meio metidas, tipo a riquinho assim, eu já agredia, já virava briga, já era expulso, ia de uma escola prá outra, acontecia a mesma coisa. A professora falava mais alto, já não gosto que fala mais alto comigo, já quero falar também e... tomava advertência, daí ia expulso já e ia prá outra escola... aí parei, e daí só vim estudar novamente na Febem” (Fabio).
- “[...] tinha um lá que pagava de mitidinho, tá ligado? Tipo roupinha bonitinha, tinha lanchinho. Gostava de tirar, tipo, um amigo da periferia né: ‘ah, não sei o que, seu cabelo não sei o quê’... aí já cheguei e comecei a debater com ele. Eu já catei, dei um coque na cara dele... daí já colou o diretor e me expulsou da escola pela agressão” (Fabio).

Encontram-se nessa categoria, marcas discursivas relacionadas à vivência dos adolescentes no ambiente escolar: as condutas indisciplinadas (agressões a colegas, depredação a patrimônio público e rivalidade com educadores) e o posterior abandono da escola por volta dos onze anos de idade. A evasão escolar coincide com o momento de iniciação da prática infracional, como o consumo e o tráfico de entorpecentes.

6.3.4 Ruptura e vulnerabilidade social

A categoria “**Ruptura e vulnerabilidade social**” mostra marcas discursivas que emergiram sobre impressões que indicam o primeiro momento das transgressões às regras sociais e envolvimento em atividade delituosa.

- “Comecei a me envolver com 12 anos de idade” (Alan).
- “[...] a primeira vez já é meio... mas depois que você montou, já era. Dá mais nada! [...]” (Alan).
- “Na hora que eu vi, já não tinha mais possibilidade prá estar voltando atrás... já estava muito envolvido, já não tinha como estar sarando mais [...]” (Alan).
- “[...] ter as coisas caras entendeu! Aí você quer ter também né. Sabe aquela vontade e coisa e tal [...]” (Romário).
- “Foi quando comecei a me envolver fui parando né. Queria saber de rua só” (Gustavo).
- “Aventura” (Gustavo).
- “Eu tinha 11 anos [...]” (Milton).

- “Pelos colegas que tinha ali perto da minha casa, né. Eu comecei a ver que eles traficavam e pegavam dinheiro. Aí eu já, como posso falar, eu já me interessei. Daí comecei a ganhar dinheiro também [...]” (Milton).
- “Por causa de umas fitas. Tudo começou quando meu pai morreu, né senhor. Aí eu já fiquei meio desnortado pelo que pegou. Aí eu já queria entrar no crime para matar meu tio né? Daí foi onde que iniciei [...]” (Milton).
- “[...] era gasto, como diz assim, era gasto comigo. Colocava um negócio em casa, mas não cheguei a ter o que queria não... na verdade, falar para o senhor, o que eu queria comprar era um revólver para cobrar a vida do meu pai. Mas aí minha mãe conversou comigo e deixei quieto isso aí!” (Milton).
- “A primeira vez eu tava numa festa com uns colegas meus e a gente tava muito longe e distante de casa. E foi onde a gente resolveu que ia catar um carro e tal. E acabamos vindo preso a primeira vez catando esse carro [...]” (Cleber).
- “Ninguém trabalha porque é menor! Eles querem um dinheiro prá comprar o que eles querem; roupas, comprar o que eles querem. É onde é que entra nessa vida aí! [...]” (Cleber).
- “[...] tô fazendo meu corre, eu tenho direito de me dar um negócio bom. Se for para eu ficar vendendo droga, ganhar dinheiro e não comprar uma coisa que presta, não adianta, eu prefiro ficar sem vender droga e ficar parado [...]” (Cleber).
- “[...] porque nós passava necessidade lá em casa, senhor. Daí fui me revoltando, saí de casa e fui me envolvendo no crime. Foi assim que vim parar aqui! [...]” (Carlos).
- “[...] porque muitas pessoas, vamos supor, quer ser alguém na vida... trabalhar, muitas vezes a sociedade não dá oportunidade prá gente... aí ele vê aquela mercadoria... depois já quer roubar, vender drogas, quer fazer coisas erradas [...]” (Fabio).

- “Tipo, eu gostava muito de ficar na rua quando era pequeno e a noite eu voltava!... Minha avó já tentou várias vezes me tirar das ruas já! É que sou cabeça dura, tipo, não soube aproveitar as oportunidades. Aí comecei a me envolver no meio [...]” (Fabio).

Nessa categoria percebe-se que o envolvimento dos adolescentes com a prática de atos infracionais ocorre no início da adolescência, por volta dos onze, doze anos de idade. Nas marcas discursivas alguns fatores configuram-se como determinantes: as situações de penúria familiar, o desejo de aquisição de artigos de consumo para sentir-se incluído socialmente, a influência do grupo de pares que estão envolvidos em atos ilícitos, os desentendimentos entre os membros do grupo familiar, gerando anseios de vingança.

6.3.5 Poder

A categoria “**Poder**” congrega unidades de significado que se referem à busca de afirmação social. As marcas discursivas indicam tentativas dos adolescentes para aliviar o sentimento de frustração, motivado pelo desejo de consumo, assim como a marginalização vivenciada nas suas diversas formas (social, econômica, política e cultural). Além disso, apontam para o imediatismo, a necessidade de satisfação imediata do prazer.

- “[...] gosta de nós que somos dessa vida louca aqui, né meu. Outras já nem dá muito certo. Mas a maioria gosta, moças safadas [...]” (Alan).
- “[...] porque muitas vezes, elas gostam por causa do seu bolso... porque se você está na vida louca é porque você tem dinheiro; a qualquer hora e qualquer momento [...]” (Alan).

- “[...] cafunga é que nem esses bregas aí! Eu não gosto muito desse trem meio doido não, gosto mais de social!” (Romário).
- “Eu via o povo tudo de moto, indo prá lá e prá cá. As meninas junto com o pessoal, com os caras que têm motos e coisa e tal. Pensei: ‘nossa, preciso arrumar uma moto prá mim! [...]’ (Romário).
- “[...] tenho um colega que nunca foi preso, faz tempo que tá nessa vida aí. Tem carro, moto, carro, casa, nunca foi preso [...]” (Gustavo).
- “[...] porque elas ficam mais a vontade, por causa que ninguém mexe com elas né, porque é mó bandidão e pá, essas coisas aí [...]” (Gustavo).
- “[...] de bom; dinheiro, roupa, mulher... dinheiro, mulher, roupa, sair, essas coisas [...]” (Gustavo).
- “[...] as mulher gosta mesmo... gosta de ladrão uai... que nem um menorzão, tá com um carro, uma moto, a mulher fica só crescendo o zóio! Ela já pede idéia prá ficar, ela acaba dando! Vixi, a maioria das minas gostam! [...]” (Milton).
- “[...] daí que elas gostam! Você tá na Febem? Vixi! [...]” (Milton).
- “[...] tem, tem uma vida boa. Porque hoje tem muito dinheiro também né? Nunca foi preso [...]” (sobre um conhecido, envolvido com uma facção criminosa) (Milton).
- “[...] eu ia juntando. Na hora que tinha um dinheiro bão, eu ia lá e comprava roupa, tênis, bicicleta, já fazia uma limpa. Já comprava tudo que eu queria [...]” (Cleber).
- “Aahhhhh (pensativo) vixi, eu acho que tirava uns 3.000 reais. Eu gastava tudo, era coisa de semanas. Não chegava juntar um mês [...]” (Cleber).
- “[...] Pá, ia lá, entrava na loja e falava: ‘ah, vou levar essa, aquela outra, já era’. Eu saia de boa! [...]” (Cleber).

- “[...] tinha vez que tirava 350, até 600 reais eu tirava por mês, assim, com meu pai. Mas eu pensava ao contrário... coisa de minuto, eu tava lá na esquina já fazia 40 reais. Uma hora que eu ficava na esquina, ali, eu fazia 60 reais, 80” (Cleber).
- “[...] todo final de semana eu saía. Daí chegou uma época que falei, ‘tô de boa de tá saindo’, vou guardar um dinheiro, ver se compro uma motinha, uma coisa e tal” (Cleber).
- “[...] 80, 90, bermudas que eu costumava pagar. Eu tinha conta na loja porque eu só comprava lá. Era uma bermuda, 70... Nike Shock custa 600 e pouco, o óculos custa 50 conto e o boné 20 conto. Dava mais de mil reais só de roupa!” (Carlos).
- “[...] as meninas vê que você ganha muito dinheiro e elas crescem os olhos! Você compra uma motinha... aí você já vai crescendo no tráfico... porque sabem que você tem dinheiro, sabem que você tem poder e pá! [...]” (Carlos).
- “[...] vai ficar comprando roupa que não vira nada, que dá três meses e estraga e dá prejuízo? Daí tem que comprar uma roupa de marca boa, né senhor!” (Fabio).
- “[...] elas tipo, se sentem seguras com namorados envolvidos, tipo, vamos supor, qualquer coisa, aconteceu um bagulho, ele vai lá cobrar a fita!... nós só quer zuar só, não quer saber de nada! [...]” (Fabio).
- “[...] vamos supor, comprar alguma coisa prá mim, comprar um som e tal, um rack, arrumava minha bicicleta e tal. Comprava uma roupa prá mim, ajudava minha mãe, comprava uma carne. Minha mãe perguntava e eu dizia: ‘não mãe, eu vendi uma coisa!’ [...]” (Fabio).
- “[...] ganhava bem, eu tirava uns 100 reais por dia ali, 150, até mais, depende do dia [...]” (Fabio).
- “[...] aí eu ia roubar. Eu não gosto de pedir dinheiro para os outros. Eu já vou, faço minha correria e já consigo eu mesmo! [...]” (Fabio).

As marcas discursivas apontam que o “**Poder**” é representado por dinheiro, que permitirá a aquisição de objetos de consumo (roupas caras e motocicletas) e, conseqüentemente, a conquista de mulheres. Indica-se também que o ato infracional assume um sentido de afirmação pessoal para os adolescentes, culminando com o fenômeno da “glorificação do crime”.

6.3.6 Atos infracionais

A categoria “**Atos infracionais**” está relacionada aos fatores, motivações e significados que levaram os sujeitos a praticarem as infrações.

- “[...] prá gastar com a mulherada. Só prá isto só. Prá comprar algumas coisas que faltava dentro de casa. Prá comprar algumas coisas prá mim [...]” (Alan).
- “Foi algum ato infracional que tinha cometido antigamente né? Alguns erros que eu tenha feito em minha vida que não poderia ter acontecido, prá mim estar nesse lugar aqui [...]” (Alan).
- “[...] com uma arma na mão nós pegamos a vítima, ela ficou em choque, abatida... foi uma beleza!” (Alan).
- “[...] depois é só lamento: ‘porque você fez isso não sei que tem’. Depois que a gente tá de boa ali, já é outra coisa já. Não, não precisa preocupar com isso não. Já era, o que eu quis eu já tenho agora [...]” (Alan).
- “O primeiro ato foi por pura empolgação, falar a verdade para o senhor [...]” (Romário).

- "[...] aí nós foi... apontou a arma prá vítima e eu fui lá e peguei a moto... foi até engraçado assim porque, a primeira vez assim, fiquei apavorado, ele ia sentar na moto e eu acelerava e caía [...]" (Romário).
- “Eu não ganhava muito não, porque não ficava o dia inteiro. Meu negócio era ganhar uns 100 reais, prá mim tava bão demais! [...]" (Romário).
- “Eu não era aquele moleque difícil que ficava vendendo drogas o dia inteiro, a noite inteira... até então, o povo nem desconfiava né [...]" (Romário).
- “[...] vendia droga. Saía os outros dias. Não queria saber de estudar. Não ouvia minha mãe. Acabei vindo prá cá [...]" (Gustavo).
- “[...] a família já não tem muito dinheiro né, o que ganhava era só prá coisas prá dentro de casa, conta e sei mais o que! Não dá mesmo prá ficar de boa! [...]" (Gustavo).
- “No tráfico... uns mil reais por mês” (Gustavo).
- “[...] se eu arrumasse um serviço, se tivesse um emprego, não entrava nessa vida... porque eu não arrumava mesmo... se eu tivesse emprego registrado eu ficava de boa [...]" (Gustavo).
- “[...] era daquele jeito meio corrido. De dia ficava em casa, de noite eu ia trabalhar... ficava das 10 às 6 da manhã” (Milton).
- “[...] só tinha que ficar ligeiro olhando prá ver se a policia vinha. Eu ficava mais na esquina, era outra fita né? Tem que ficar desbaratinado, mais, tipo boy, desbaratinado, não pode tá muito chave. Senão já enquadram! [...]" (Milton).
- “[...] eu ganhava uns 150 por dia, tinha vez [...]" (Milton).
- “[...] não queria depender nem da minha mãe nem do meu pai. Querendo depender de mim mesmo acabei vindo parar aqui! [...]" (Cleber).

- “[...] a primeira coisa foi vender droga! Maconha, depois comecei a vender pó, pedra. Ficava todo dia. Ficava de manhã. De tarde eu dormia. Ficava a noite e ia até 4 horas até 5 horas da manhã vendendo drogas na esquina e tal [...]” (Cleber).
- “[...] porque eu fazia um corre e guardava umas drogas para uns manos. Daí os manos falavam prá mim: ‘ó, quando você precisa de dinheiro, você corre aqui que você pega’. Ele anotava um quilo, aí ele via o quanto que tinha, aí ele ia lá e pegava de 10 g e ele ia lá e pegava o pacotinho. Agora vai lá e pega 50 g, ia lá e pegava! Era assim [...]” (Carlos).
- “[...] meu dia a dia era ficar vendendo droga... ia vendendo, aí eu já tirava o que era meu e daí eu pagava o cara... era assim meu cotidiano [...]” (Carlos).
- “[...] Não consegue se sustentar, ele quer roubar e é onde ele arrasta o lado de quem vende. É onde que ele acaba morrendo. E aí ele quer fumar mais, quer roubar, quer fazer de tudo para arrumar mais. É na onde que o pessoal começa a chamar de casqueiro” (Carlos).
- “[...] mas tem uns manos que é firmeza, que fuma crack, mas que nunca deu pé não. Mas no mundão os manos não gostam deles não! Vai que eles ratia nós! [...]” (Carlos).
- “[...] eu catava bastante, eu gostava de roubar mais sozinho, eu não gostava de roubar com os outros. Porque tipo, eu ia, ficava mais, vamos supor, catava vamos supor, 100, 150, 500, 1000 reais. Sozinho catava um dinheiro a mais, né senhor!” (Fabio).
- “[...] daí a gente começa a trabalhar pro caras e tal, aí os caras já começam a confiar em você e você já fica interado na fita já! O cara já chavecô e taca a parada na sua mão, aí você começa a vender, você ganha a sua parte e o cara fica trabalhando!” (Fabio).

- “[...] uma loja de informática, já catei duas vezes! Duas lojas de informática, supermercado, mas nunca fui preso com roubo! Sempre deu certo com roubo, só com droga mesmo tive azar!” (Fabio).
- “Cometi um homicídio... ‘*jack*’, gostava de fazer coisas obscenas para mulheres e crianças. Ele ia prá frente da escola masturbar, fazer essas coisas, na porta da escola em frente a minha casa! Aí resolvi matar ele, só isso só!” (Fabio).

Verifica-se, gradativamente, que os adolescentes se envolvem em atos infracionais equiparados a tráfico de entorpecentes, roubos (simples e qualificado), culminando com a prática de homicídios, e ainda que com certa atitude de frieza e desconsideração em relação à vítima, chega inclusive ao regozijo.

6.3.7 Diferenciação na questão dos atos infracionais

A categoria “**Diferenciação na questão dos atos infracionais**” engloba marcas discursivas que remetem às representações sobre as diversas infrações cometidas e como o grupo significava-os.

- “[...] porque o tráfico dá dinheiro... só que o *baguio* é diferente já [...] tem que conviver com o negócio 24 por 48, sem saber que a qualquer hora policiais podem estar invadindo ali a sua propriedade e levando tudo. Agora assalto é diferente [...]” (Alan).
- “Estupradores é uma delas, alguns *caguetas* também! *Caguetas* é mais que estupradores. Ele pode acabar com você tendo alguma oportunidade. Agora, estupradores não, sem mensagem” (Alan).

- “[...] o *baguio* é mais louco né? Mais adrenalina. Você ver uma pessoa morrendo na sua frente assim e não pode fazer nada, você tá ali registrando ela morre ali... já é um pouco mais diferente saca! [...]” (Alan).
- “[...] o viciado em crack eu vejo como um cara que não vale nada assim né? Porque o crack é uma droga que acaba com você mesmo [...]” (Romário).
- “[...] chegava assim... acho que um vale de farmácia ou coisa assim... ‘pô, vamos lá gastar na farmácia em troco de droga’. Para o senhor ver como é que é o vício [...]” (Romário).
- “Só trafico só!” (Gustavo).
- “Não. Essa coisa não!” (se portava arma na escola) (Gustavo).
- “*Cagueta, Jack. Jack* é estuprador né, nós não gosta! [...]” (Milton).
- “Crackeiro, é aquele desandado, fuma pedra aí ó! Fica roubando bujão aí ó. Muitos dos crackeiros aí ó, fica roubando bujão de gás da mãe, prá vender na bocada. Nem aceitamos. Isso é patifaria [...]” (Milton).
- “*Cagueta*, um cara não agüenta os coros da polícia e *cagueta* as outras pessoas. Fala para as polícias como é que é, onde que ele tá, quem conhece você, e assim vai [...]” (Milton).
- “Acontece sim, quando eles vão lá (viciados) a gente manda devolver fí. Fica roubando senhorinha lá que tá dependendo lá, trabalha a vida inteira para ganhar salário mínimo [...]” (Milton).
- “[...] você fuma, fuma até se matar. Se tiver um quilo, você fuma um quilo. Se tem dois quilos, você fuma dois quilos! [...]” (Cleber).
- “[...] que nem aconteceu com um conhecido, um moleque que tava aqui, ele foi fazer uma fita, catou, tinha uma mulher na fita. Num minuto de vacilo ele enroscou, tipo, ele

fez a mulher pegar no pinto dele, uma coisa assim. Na onde já passa por ‘*Jack*’, tentou estrupá, já é uma fita que não tem perdão assim! [...]” (Cleber).

- “Por exemplo, o cara que tá bem é o cara que mexe com a quantia alta. O cara que rouba um banco e não vai preso. Fica curtindo uma praia, de boa, tem sua moto, seu carro, uma casa e não vai preso. Esse é o cara que vai bem! [...]” (Fabio).

Observa-se nessa categoria, que os adolescentes atribuem hierarquizações às práticas infracionais e que, de acordo com a ética dos adolescentes infratores, aqueles que se envolvem em atos de violência sexual (estupradores) e os delatores (alcagüetes) são banidos e condenados pelo referido grupo. Além disso, eles nomeiam os estupradores como “*Jack*”, numa referência ao famoso maníaco sexual londrino. Nota-se também que os adolescentes obtêm prestígio em virtude da destreza, coragem e maior número de infrações.

6.3.8 Princípios, valores e influência da ética do crime organizado

A categoria “**Princípios, valores e influência da ética do crime organizado**” sintetiza as marcas discursivas que mostram como os sujeitos são influenciados pela cultura marginalizada, os valores que adotam e a identificação com as facções criminosas.

- “[...] vai depender da sorte do cara [...]” (Alan).
- “[...] passo, cumprimento e não desfaço de ninguém: ‘como você está, está bom?’ e sigo meu caminho [...]” (Alan).
- “[...] você não pode ser assim bonzinho e tal. Tem que ser frio mesmo. Porque se você for bonzinho, assim, numa certa parte, tem pessoa que abusa também [...]” (Romário).

- “Teve uma cota aí que os polícia enquadrou o moleque lá, aí achou a droga e pediu 5.000 mil reais [...]” (Gustavo).
- “[...] só ter a mente. Você faz o que quiser, se você quer [...]” (Gustavo).
- “[...] porque ali só tem morador pobre né? Por isso, tem que roubar de quem tem! [...]” (Gustavo).
- “[...] não catar drogas dos outros, talaricar mulher dos outros... roubar gente que não tem dinheiro, essas coisas assim [...]” (Gustavo).
- “O cara nasceu no berço de ouro. Tem dinheiro. Roubar não dá nada não, faz nem cosquinha no cofre deles [...]” (Gustavo).
- “Tem que ser fiel. Não pode também enganar o próximo, roubar os outros. Tem que ser fiel e transparente, né senhor?... não pode caguetar os outros, tipo falar ‘é dele’ e pá. Tem que levar a bronca sozinho senão te prejudica no meio né? [...]” (Milton).
- “Casquero fala, porque vende as coisas barato... daí é que sai no prejuízo, ele vende por pouco [...]” (Cleber).
- “É cara que é transparente, ‘humilde’. As verdades sempre ele fala na sua cara!... Tem mano que é transparente, fala a verdade na sua cara né? Não esconde. Agora, tem aquele que é maior pilantra, fala pelas costas, te asquera na hora que chega a hora. Prá me bater, prá sumariar frente a frente, ele desconversa tudo. Fala outra fita e é hora que acaba tomando uma por causa de boberinha, de conversa fiada! [...]” (Cleber).
- “[...] se alguém precisar de você, você tem que estar ali, né senhor? Eu sempre tô ali prá ajudar alguém que precisa [...]” (Carlos).
- “[...] porque cada um tem seu espaço, né senhor? E não tem essa rivalidade. Tá na bandeira da paz. Não pode matar [...]” (Carlos).
- “Tem que ser humilde no bagulho senhor! [...]” (Carlos).

- “É sorte. Eu acho que é sorte mesmo. Certeza, porque prá pessoa fazer um delito bom e não ir preso... tem que ser uma pessoa esperta, ter sorte, sorte [...]” (Fabio).
- “[...] agora, se não tiver oportunidade de emprego então... ‘ah o que, eu ganho dinheiro fácil, meto o revolver, cato o dinheiro e tá bom!’. Agora tem uns que quer trabalhar mesmo. Agora tem uns que já quer dinheiro fácil” (Fabio).

As marcas discursivas dessa categoria apresentam o fator sorte como preponderante para a permanência dos adolescentes na vida infracional. Apontam ainda que os sujeitos se orientam por determinados princípios éticos das organizações criminosas, sendo a morte da vítima compreendida como consequência do ato praticado.

6.3.9 Estigmas, estereótipos e preconceitos

A categoria “**Estigmas, estereótipos e preconceitos**” reúne marcas discursivas relacionadas às pessoas e opiniões que perseguem os adolescentes e os marcam pejorativamente como “menores”.

- “[...] são essas pessoas fuxiqueiras, que ficam na rua falando mal da vida dos outros. São pessoas assim que não vai com a sua cara... em vez dela também ali, trabalhar e cuidar da vida dela, não, fica pensando na vida dos outros [...]” (Alan).
- “[...] eu não ficava o dia inteiro, porque o povo quando vê você o dia inteiro na rua, fala: ‘esse menino não vale nada, se fica o dia inteiro na rua, é porque é vagabundo’. O povo sempre fala isso aí! [...]” (Romário).
- “[...] primeira vez que vim preso, o único *cagueta* que tinha na rua... deve ter caguetado nós! [...]” (Gustavo).

- “[...] lembro do X, ele tentou, cheio de tatuagens e pá, não deixaram ele entrar na escola. Achou que ele também era pessoa lá da Febem por causa de visual chave! [...]” (Milton).
- “[...] é mó fita! Polícia, no caso, chega até matá você, você é louco?... fala de matá, tem hora que te bate em você! O duro que bate em você... quando você vê a maconha já sumiu tudo! [...]” (Milton).
- “[...] povo que não gosta da gente, que só falam mal! Vê a gente ali na rua e já quer chamar a polícia. Que nem, você vai no baile das pessoas de classe alta aí, já vê você assim e fala: ‘aquele ali é favelado, vai querer roubar aqui já !’ [...]” (Milton).
- “Daí eles vai te bater, falar que vai te matar, coronhada, bulbo, pá. Vai chegar um momento que você não agüenta apanhar e fala que é seu: ‘não, é meu, é meu!’. Você tem que abraçar, senão você morre de tanto apanhar! [...]” (Cleber).
- “[...] tem uns mesmo que fala senhor, vocês podem ficar de boa aí, nós não vai abordar vocês não... ‘se encontrar com drogas nós vamos levar vocês preso sim, mas nós vamos abordar e não vamos bater em vocês não! ’... não, eles são de boa, mas corre tudo junto senhor! Tudo farinha do mesmo saco [...]” (Carlos).
- “[...] tem uns que quer tirar, quer tirar o preto, tirar o negro, falar que tem dinheiro, xinga as pessoas, esse tipo assim. Uma coisa que eu não acho certo. Agora tem muitos de classe alta que ajuda a periferia. Não tira, até gosta da periferia. Agora tem muitos que quer ficar distante, pensa que é o tal! É isso aí que não aceito lá! [...]” (Fabio).
- “[...] vamos supor, prá que, que nem, nasce em berço de ouro, porque a pessoa tem que ficar tirando sarro da pessoa da periferia [...]” (Fabio).
- “[...] tem muito forjamento. Pancada e forjamento, por isso não gosto de polícia [...]” (Fabio).

- “[...] porque a mídia aumenta muitas coisas que acontecem. Coisas que não são verdade e elas aumentam muito!... rebelião, Febem, aumentam tudo. Quem está aqui dentro sabe. O que a mídia fala é totalmente a mentira... muitas coisas a mídia aumenta, aumenta até demais [...]” (Fabio).
- “[...] porque tem muito talento perdido aqui nessa Febem. Pessoa que joga bola, artesanato, pintores, isso a sociedade não vê. Quando a pessoa faz um tumulto e queima um colchão vem muito aqui filmar e tirar foto [...]” (Fabio).
- “[...] todo mundo passa por um ataque de preconceito. Tem que esconder, porque se você tiver ali num lugar, local, e você fala que: ‘já puxei cadeia, já puxei Febem’. As pessoas te olham torto [...]” (Fabio).
- “[...] já entrei em vários lugares assim e tal, pessoas vê a tatuagem, vamos supor, tenho tatuagem, as pessoas vê tatuagem já fala: ‘ele é cadeeiro, ele é bandido’ [...]” (Fabio).

Encontram-se presentes nessa categoria, as queixas dos adolescentes entrevistados com relação aos processos de estigmatização e estereotipação por parte da ação dos alcagüetes, da polícia, opinião pública e da sociedade. Para os sujeitos, existe um processo de criminalização do adolescente pobre, mal vestido e tatuado. Referem que, uma vez inseridos no mundo infracional, encontram dificuldades para o rompimento com as práticas delitivas. Apontam ainda que o estigma de ex-interno da instituição FEBEM permanece após o cumprimento da medida sócio-educativa a eles imposta.

6.3.10 Rotina institucional na internação

A categoria “**Rotina institucional na internação**” está relacionada às referências surgidas nas relações entre os sujeitos e a vivência na instituição.

- “Todos querem ficar num lugar bom. Mas como você que cometeu uma coisa ruim com o crime, então, você tem que pagar, não tem? [...]” (Alan).
- “Um bom marinheiro puxa qualquer barco. Navega em qualquer barco, quer dizer, um bom ladrão puxa qualquer cadeia também [...]” (Alan).
- “[...] oficina, uma televisão, uma mulher do lado. Se fosse assim todos queria ser criminoso, ia querer virá bandido prá entrar num *baguio* desse aí [...]” (Alan).
- “[...] porque tô ligado que na hora que tava cometendo o *baguio* ali, eu não tava perguntando prá mim mesmo... mas agora que caí aqui, vou ficar correndo atrás dessas coisas? Não meu, espero o negócio vim na hora que vim tá bom [...]” (Alan).
- “[...] que nem, teve um tempo prá ficar aqui dentro. Vai chegar o tempo de você ir embora [...]” (Alan).
- “O bom é nem ficar né meu? Você ir prá casa já, já rapidão já. Porque é foda ficar preso! [...]” (Alan).
- “[...] tenho que ver algumas coisas no futuro também, porque se eu ficar nessa vida aqui ó, vou ter isso aqui ao meu redor que é cadeia de grade e concreto [...]” (Alan).
- “[...] porque aprendi várias coisas desde o dia que tô aqui. Aprendi a ter respeito e tal, compreender as pessoas. Eu não sei os demais que estão aí! [...]” (Romário).
- “[...] tem dia que você não tá bem. Mas eu tento levar esses dias aí porque se eu ficar desesperado e revoltado, não vai adiantar nada porque agora eu já to aqui [...]” (Romário).
- “[...] fazia um lugar diferente. Um lugar com mais verde. Prá pessoa ver que, não é aquilo ali que é certo, prá pessoa ver que a vida é bão demais prá viver... então um lugar grandão, colocava piscina [...]” (Romário).

- “[...] tipo fica mais revoltado né? Fica longe dos colegas, da família. Fica só trancado. Tem que obedecer todo mundo. Aí fica mais revoltado ainda! [...]” (Gustavo).
- “[...] é mais ruim, não tem nada, fica só trancado. Não faz nada, só jogos, jogos [...]” (Gustavo).
- “[...] se saísse daqui com serviço bão, prá que queríamos voltar, só se for bobo” (Gustavo).
- “A mente fica a mil, pensa em várias coisas, quer ir embora, quer sair, se for ver é muita pressão, fico chapado. Quero ir embora. Sinto saudade de casa! [...]” (Milton).
- “[...] sua mente não para de funcionar. Fica aqui pensando, quando é que vai embora. Ainda mais quando manda relatório então! [...]” (Milton).
- “[...] se fosse assim, prá mim não existiria nenhuma Febem né? Se fosse assim... tinha que ter isso aí prá crimes assim, mais forte né? Tipo, latrocínio...” (Cleber).
- “[...] deixava o mano pelo menos um tempo assim, convivendo só com aqueles caras que tem muito tempo prá ficar, 30 anos, 40 anos... ia pensar mais... por mim assim, eu acho que ponhava tudo junto; maior, menor, tudo junto!” (Cleber).
- “[...] que nem assim, oportunidade que eu falo assim, outros cursos sabe, curso de torneiro mecânico, essas coisas sabe? Se tivesse um curso desse aí, ia sair muitos daqui que já ia pro mundo melhor!” (Cleber).
- “Ele ia prá festa curtir e tal, ele esqueceu de mim quando eu tava lá dentro, quando eu tava na rua lembra! É uma coisa que, amigo mesmo, é assim, é você, seus irmãos e sua família [...]” (Cleber).
- “[...] porque quando cheguei aqui eu tava magrinho e agora tô gordão, tô vixi, grande, já cresci e as roupas não vai servir [...]” (Cleber).

- “[...] ele sai da Febem, tá desarmado, tá sem dinheiro e sem profissão. É onde ele já faz um roubo ou pega uma droga prá vender. Aí acaba caminhando prá voltar [...]” (Carlos).
- “[...] aí ela falou que tinha muito medo de eu ir preso. Ela falou que não ia me ver... aí eu passei o dia das mães preso de novo. Aí dessa vez, passei outro dia das mães preso [...]” (Carlos).
- “[...] prá tentar transformar nós. Prá nós sair daqui com a mente mais limpa, prá gente não voltar! [...]” (Carlos).
- “[...] não, eu gostaria de ficar por aqui mesmo, porque lá os caras já... não tem técnico! Se o juiz falar que você vai ficar 8 anos, você não pode perguntar para carcereiro quando você vai embora! Nós, quando dá três anos, nós vamos embora. De três anos não passa! [...]” (Carlos).
- “[...] cada relatório que vai, a gente fica numa angústia, numa ansiedade e tal. Aí vem negado, daí tem que esperar mais três meses e a gente espera, tudo bem. Agora sabendo quanto tempo você vai ficar, já fica mais fácil assim né, daí quando chegar o tempo dá prá saber quando você vai embora [...]” (Fabio).
- “[...] porque na cadeia tem um certo porém né? Tipo assim, tem visita íntima e tal. Você pode colar com uma mina no quarto, tirar um lazer e tal. Ficar de boa, na boa! Agora aqui é foda. Aqui na Febem não pode fazer isso e tal. As leis não agilizam! O *baguio* aqui é prá menor de idade e tal, medo de engravidar e tal, mas na cadeia é forte né? Mas tô de boa de cadeia, você é louco! Prefiro ficar na rua mesmo! [...]” (Fabio).

Nessa categoria averigua-se que as marcas discursivas indicam que a internação é sentida como reclusão, tal como o sistema prisional, porém, os adolescentes são conscientes

de que estão submetidos a uma medida sócio-educativa preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em relação à rotina institucional, os adolescentes queixam-se das regras e normas disciplinares determinadas pelo regimento da instituição, da falta de outras atividades além das oferecidas e também da impossibilidade de convivência diária com seus familiares e amigos do bairro.

6.3.11 Projeto de vida e o futuro

A categoria “**Projeto de vida e o futuro**” refere-se as opiniões sobre perspectivas futuras após o período de internação, como o trabalho, os estudos, etc.

- “[...] primeiramente dar um abraço na minha família. Comprar e beber uma fanta uva. Comer uma coxinha. E vou atrás de umas garotas né? [...]” (Alan).
- “Começar lá de baixo primeiro, serviço humilde, de boa. Prá manter o meu sustento ali na minha escolaridade, fazer um curso prá mim aí! [...]” (Alan).
- “[...] preciso comprar um tênis: ‘achei aquele tênis bonito’. Vou comprar e tal uma roupa, não comprar uma de 5 reais quando sair daqui. Não, vou comprar uma de 25 [...]” (Romário).
- “[...] pretendo melhorar, tá ajudando meu filho aí né? Minha mãe, minha mãe tá dando uma força prá ele. Vou voltar prá minha família porque... não tá tudo acabado não [...]” (Romário).
- “[...] terminar o estudo. Arrumar um serviço registrado. Comprar minha casa, minha carta e ter minha família. Pensar na minha família [...]” (Gustavo).

- “Gostaria de ficar com a minha mãe e mais meus irmãozinhos. Tá estudando, né senhor? E ficar de boa. Trabalhar, se caso eu conseguir arrumar, tô com 15 anos... ficar com minha família, ficar com minha avó, minha família de boa [...]” (Milton).
- “[...] tipo, podiam arrumar um curso aí prá mim! Isso que dá, né senhor? Eu queria mesmo é ser engenheiro, mas vixi, é meio difícil né? [...]” (Milton).
- “[...] gostaria de estar saindo daqui, prá dar um futuro melhor prá minha mãe, prá estar trabalhando e ajudar ela [...]” (Cleber).
- “[...] quando eu sair daqui, quero ajudar minha mãe, ajudar meu pai e a primeira coisa que vou fazer é trabalhar com meu pai [...]” (Cleber).
- “[...] comer uma lasanha, hein senhor? Vou pedir dinheiro para meu avô e vou comprar! [...]” (Carlos).
- “Vou sair, chegar em casa, tomar um banho de uma hora e meia para tirar as zicas do corpo [...]” (Carlos).
- “[...] se eu caio na cadeia meu nome suja senhor! Já não posso tirar um *baguio* ali prá dentro de casa, não posso andar de boné! Não posso ter nada prá mim, tenho que pagar à vista [...]” (Carlos).
- “Eu pensava em ser piloto de avião!” (Carlos).
- “Não, mas agora to saindo daqui já, de mente erguida, já tô de maioridade, com objetivo de estar distante da cadeia, ficar com meus familiares e tal. Arrumar um serviço prá mim. Agora bola é prá frente uai!” (Fabio).
- “[...] eu tive a chance de sair dessa vida e tipo, eu não soube aproveitar, né senhor? Eu tenho a chance novamente de estar utilizando essa chance prá mim, agora vou ver se aproveito essa chance para não ficar voltando prá cá, né senhor? Ficar com a minha mãe, arrumar um trabalho para mim, ficar de boa! [...]” (Fabio).

- “[...] ver meus familiares, dar um abraço nos meus familiares, cumprimentar os amigos e depois ir atrás de umas garotas né? Tirar o veneno [...]” (Fabio).

De acordo com as marcas discursivas apresentadas nessa categoria, as perspectivas desses adolescentes, após o período de internação, revelam a necessidade de contato com a família e o desejo de consumo (vestuários, alimentos e imóveis). Observa-se também que os sujeitos incorporam um discurso politicamente correto, salientando promessas de continuidade dos estudos e a inserção no mercado de trabalho a fim de colaborar com a renda familiar. Nota-se que as perspectivas mencionadas se referem a um futuro próximo, priorizando desejos a serem realizados em curto prazo.

6.3.12 Figuras de autoridade: a justiça e os governantes

A categoria “**Figuras de autoridade: a justiça e os governantes**” refere-se às marcas discursivas relacionadas às considerações que os adolescentes tecem sobre as autoridades do país.

- “[...] apenas um cara de terno e gravata que tem um poder a mais que os outros [...]” (Alan).
- “[...] porque é o cara que vai decidir se você vai ou não vai para um lugar. Se você paga ou não paga uma coisa [...]” (Alan).
- “Porque os caras primeiro, eles querem encher o bolso deles, para depois ajudar o próximo [...]” (Alan).
- “Você põe um lá hoje, o cara não vai prá frente e nem prá trás. Você põe outro ano que vem e o outro é pior meu! [...]” (Alan).

- “Não ajuda mesmo e não faz nada por você. Esses caras é tudo igual, tudo sem vergonha esses caras aí... o verdadeiro colarinho branco [...]” (Alan).
- “Ele quer ver melhorá mesmo, ele quer melhorar nosso Brasil aí. Do juiz eu vejo isso aí, agora do promotor não tenho noção não [...]” (Romário).
- “[...] porque às vezes ele não põe nós aqui, tranca nós e fala: ‘tem que ficar preso aí’ [...]” (Romário).
- “[...] Dinheiro né? Tem como comprar juiz né? Tem advogado bom por causa disso!” (Gustavo).
- “[...] só querem ganhar dinheiro só [...]” (Gustavo).
- “O *baguio* é que eles roubam mais que nós!” (Gustavo).
- “Eles roubam e não vai preso. Roubam dinheiro do povo [...]” (Gustavo).
- “[...] justiça prá mim, é correr pelo certo, é pegar as pessoas que fizeram errado. Fazer elas pagar por aquilo que ela fez! [...]” (Milton).
- “Promotor é o que acusa a gente” (Milton).
- “Juiz? É aquele que faz a justiça né? Decide tudo, diz se vai embora, se vai ficar. Que faz a justiça! [...]” (Milton).
- “Condena né?... é a pessoa, tipo assim, ela criou a lei [...]” (Cleber).
- “[...] moro num bairro que é muito forte o tráfico. Desde pequenino, eu passava assim e via cara fumando maconha, cheirando cocaína assim... aí fui crescendo, crescendo, aí chegou onde que eu já entrei nessa vida, mas não foi muito rápido não! [...]” (Carlos).
- “[...] os outros pensam que ele é rígido (Juiz), mas ele não é rígido não! Ele tá fazendo o trabalho dele, é isso que eu penso! [...]” (Carlos).

- “[...] o que eu imagino, vamos supor, que o juiz, ele tem o serviço dele. Ele tem que fazer a obrigação dele né senhor? Que é condenar e ver a hora certa prá tá liberando o adolescente né senhor? É isso que eu penso! Nada demais! [...]” (Fábio).

Nessa categoria, observa-se que esses adolescentes têm consciência de que a corrupção e o desrespeito às leis estão presentes nas relações entre as figuras de autoridade. Os entrevistados salientam ainda que a justiça mostra-se implacável e mais severa, com as pessoas, provenientes das classes sociais menos favorecidas. As marcas discursivas dão indícios de que os crimes de colarinho branco servem de pretexto legitimador para as ações ilícitas dos adolescentes.

6.3.13 Crenças religiosas e o sagrado

A categoria “**Crenças religiosas e o sagrado**” engloba representações relacionadas às superstições e ao sagrado.

- “[...] eu também creio bastante em Deus... ela orou bastante pro Senhor aí, e Deus deu a vitória para ela porque o ouvido da minha irmã não se curava [...]” (Alan).
- “[...] porque a humanidade ultimamente aí ó... tá batendo as botas. Não sabe o que acontece, parece mesmo aí... ver o que está escrito nas bíblias aí, o *baguio* bate tudo ultimamente que você vê aí. Todos os fatos todo mundo aí. É filho matando pai, pai matando filho aí ó! Só deselegância que tá aí. Umás coisas loucas que você vê ultimamente, essas coisas aí meu [...]” (Alan).
- “[...] A primeira coisa que eu vou fazer quando chegar em casa, eu vou tomar um banho de sal grosso, para tirar o mal que tá acumulado né?[...]” (Romário).

- “Eu conheço um que virou crente... o povo fala e vê ele assim e fala que não é ele. Das antigas, falam do trabalho que ele dava! Hoje é de boa [...]” (Gustavo).
- “Dinheiro é maldito, não vem de Deus, é do diabo. Vem fácil porque vem fácil, vai fácil!” (Gustavo).
- “Deixa na mão de Deus prá ver o que Deus faz!” (Milton).
- “[...] eu pedia: ‘me tira desse lugar senhor!’. Eu sai com 7 meses, prometi ir na igreja, fiz uma prova com Deus!... desconversei, voltei prá trás... foi onde que eu acho que fui cobrado na lei da natureza também [...]” (Cleber).
- “Porque às vezes tem uns que tem muito olho gordo nessas partes aí e que acabam me ferrando [...]” (Cleber).
- “[...] ‘Onde estiver, seja lá como for, tenha fé, porque até no lixão nasce flor’. Tem que ter esperança de nascer flor no lixão, porque não pode nascer? Tudo realidade! [...]” (Carlos).
- “[...] quem condena mesmo é Deus! Você tá sendo condenado por Deus né? É o que penso na minha mente assim no meu jeito, tipo assim, raciocínio, não sei [...]” (Fabio).
- “[...] se a pessoa pegar firme, acredito que sim. Muitas pessoas viraram evangélicos, crente, saiu dessa vida” (Fabio).

Nessa categoria, as marcas discursivas apontam que os adolescentes crêem sagradamente em Deus e atribuem ao Demônio os malefícios de suas vidas. Verifica-se que a fé é sentida como um caminho possível para a transformação de suas existências.

6.3.14 Reflexões sobre a morte

A categoria “**Reflexões sobre a morte**” abrange marcas discursivas relacionadas às representações sobre o risco pessoal ao se envolverem em atos infracionais.

- “[...] prá você criar uma humanidade nova sem prejuízo, precisa matar todo mundo [...] começar tudo de novo [...]” (Alan).
- “[...] porque na hora ali, você tá com o dinheiro, mas logo depois você sente medo sim. Você fala: ‘olha o cara podia ter matado eu ali’. O *baguio* é foda! [...]” (Alan).
- “De um lado compensa, que você vai sair com o *baguio* que vai estar te ajudando, por alguns momentos. Por outro lado não compensa, porque você poderia ter ido para um outro lugar, para uma cadeia, para uma Febem... ou talvez até morrido. Ninguém sabe o que poderia ter acontecido [...]” (Alan).
- “[...] porque hoje em dia as coisas tá muito desenvolvida, muita segurança, muita coisa, muitos políticos, aí fica muito complicado. Quer dizer, hoje, se você não arrumar um serviço e não for trabalhar, você vai preso ou é morto” (Romário).
- “[...] ou vai acabar preso ou vai acabar morto!” (Gustavo).
- “[...] porque alguns gostou desse modo de vida, né? Não quer trabalhar mais né? Só que você está disposto prá morrer, preso, várias coisas!” (Milton).

As marcas discursivas dessa categoria indicam um processo de banalização da morte por parte dos adolescentes. Percebe-se ainda, que essa banalização torna-se necessária para o enfrentamento dos riscos inerentes às práticas das infrações e mesmo ao estilo de vida adotado.

7. DISCUSSÃO

7.1. – Origem social, econômica e familiar

De acordo com os dados obtidos, verifica-se que todos os entrevistados evidenciam a origem humilde e pobre de seus núcleos familiares, embora não vivenciassem situações de extrema miséria.

Alan conta que começou a trabalhar com o pai, antes dos 16 anos: “[...] trabalhei com meu pai de servente de pedreiro, marcenaria e serviços rurais também [...]”. Percebe-se que o adolescente começou a trabalhar precocemente, fato observado em diversas famílias em situações de vulnerabilidade social.

O início precoce no mundo do trabalho é incentivado e muitas vezes exigido pelos pais, conforme relatos dos adolescentes. Observa-se que os mesmos estão identificados com a cultura que considera o trabalho precoce como necessário à sobrevivência, em detrimento do incentivo à educação dos filhos, logo, muitos sujeitos, ancorados nessas representações de necessidade e com o apoio de seus pais, encontram no desenvolvimento do trabalho, uma forma de contribuir com a renda mensal familiar: “[...] eu vendia verdura, tipo, verdura não, legumes. Tipo, trabalhava com isso quando eu tinha uns 10 anos... já trabalhei com pintura, fazer cadeira, bicicletaria... já vendi velas em porta de cemitério também prá ajudar minha mãe [...]” (Fábio).

A obrigatoriedade de ajudar na renda mensal domiciliar, associada ao desejo da independência financeira, desestimula a frequência à escola e que, com o tempo, o interesse pelos conteúdos escolares perde espaço e sentido para a jornada de trabalho estafante. Identifica-se que os adolescentes representam o trabalho como um tormento em suas vidas.

Assim, nota-se que a entrada no mercado de trabalho de forma precoce pode acarretar vários prejuízos no desenvolvimento social, intelectual e psicológico.

Por meio da pesquisa sobre histórias de vida dos participantes, observou-se que todos os sujeitos são descendentes de migrantes que vieram para a região de Ribeirão Preto, trabalhar na lavoura cafeeira e/ou canavieira.

Na década 80, houve migração em massa para a cidade de Ribeirão Preto, favorecendo uma expansão urbana desordenada. Grande parte desses migrantes apresentava-se como mão-de-obra desqualificada, permanecendo à margem de toda riqueza. Com o avanço da mecanização da colheita de cana de açúcar na região, por volta da década de 90, muitos ex-lavradores foram empurrados para as várias atividades no meio urbano, desenvolvendo funções como pedreiros, eletricitas, vendedores ambulantes, jardineiros, pintores, que são diaristas e não possuem direitos trabalhistas: “[...] eu trabalhei com meu pai de servente de pedreiro. Já trabalhei de pintor e tapeceiro. Já trabalhei de muita coisa... até de cavar buraco para fazer fossa [...]” (Cleber).

A maioria dessas funções está relacionada às atividades que não exigem profissionalização formal, fornecendo indícios de que os adolescentes são originários de famílias com recursos financeiros limitados, consideradas pobres, mas com certa facilidade de acesso a serviços de saúde, educação e saneamento básico. Nenhum deles residia em favelas, mas em bairros periféricos urbanizados. Dessa forma, parte dessa população pobre, sem qualificação profissional, pode ser empurrada para as atividades ilícitas.

7.2 Dinâmica familiar

Alan refere que o relacionamento com o genitor era marcado por situações constrangedoras de violência: “[...] muitas vezes chegava até nos agredir também e era onde

nós nos revoltava [...]”. Por outro lado, racionaliza a situação mencionando que o pai apenas se preocupava com seu futuro: *“[...] ele queria que a gente aprendesse para ter um mundo melhor e ter alguma coisa mais prá frente [...]”*. Essa violência paterna, em sendo justificada como para fins educativos, fornece um modelo agressivo para o adolescente, desencadeando em seu imaginário, cenas e fantasias de vingança e de agressividade.

O senso comum representa essa dinâmica interpessoal por meio da seguinte frase: “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. O adolescente aponta que mantinha uma relação de duplo-vínculo com a figura paterna, portanto, nessa relação perversa, o sujeito se vê diante de mensagens ambíguas de aceitação e rejeição.

Gustavo menciona que o pai lhe dava conselhos, porém, recusou acatar as orientações dele: *“[...] ele dá conselho, mas eu não escuto! Falam para parar e arrumar um serviço ‘isso aí não vira não!’. Aí, só depois que nós estamos aqui é que nós vemos [...]”*. Nessa marca discursiva manifesta-se a rebeldia juvenil, a reação do sujeito em relação ao poder paterno.

Alan e Gustavo, frente à decepção encontrada na relação com o pai real, encontraram na idealização uma forma para apaziguarem seus sentimentos de ódio à figura paterna. Frente à falta de simbolização das mensagens de duplo sentido, talvez os adolescentes tenham buscado nas ações anti-sociais, objetivar as orientações contraditórias recebidas desde a infância; a falta de afeto e a violência sofrida.

Outro adolescente, Cleber, relata que o pai espancava a mãe na presença dos filhos. *“[...] brigas, eu não gostava dele, eu pegava raiva dele, chegava meio bêbado. Ele tomava muito no bar, chegava bêbado e começava a gritar. Queria pegar minha mãe prá bater [...]”*. Quando chegou à adolescência, Cleber começou a enfrentá-lo o que resultou num processo judicial de agressão. Segundo a genitora, o pai registrou um boletim de ocorrência na delegacia contra o próprio filho. Durante os atendimentos técnicos, o adolescente

manifestava-se de maneira ambivalente em relação ao pai, ora manifestando ódio, ora piedade.

O papel do pai alcoólatra e violentador, associado à ausência de uma figura positiva de identificação, reproduzem na história de vida do adolescente, a saga dostoiévskiana¹⁴ do recalque da vingança e da violência que um dia transbordará.

Apesar de não mencionar declaradamente que sofreu agressões, Carlos deixa subentendido que se sentia ameaçado no seu próprio lar: “[...] *vou falar um monte prá ele senhor, ninguém põe a mão, porque ele vai por a mão? No meu irmão ninguém põe a mão não, mas na minha irmã pode, porque é filha dele [...]*”. Averigua-se no discurso do adolescente uma representação de que os filhos (biológicos) são propriedades dos pais e esses têm sobre eles o direito de punir violentamente. Assim, constata-se que o padrasto (pai ilegítimo) é rechaçado de forma violenta pelo sujeito porque impõe-se através do uso da força.

Nota-se que Carlos cita um fato interessante, pois, o senso comum tem a representação de que os padrastos/madrastas são os responsáveis, na maioria das vezes, pelos maus-tratos às crianças e adolescentes. No entanto, de acordo com pesquisa realizada por Flores Sullca e Schimer (2006), os agressores mais citados pelas vítimas são os pais e as mães, em ordem decrescente, os irmãos e os tios.

As brigas familiares muitas vezes podem ocasionar fatos trágicos. Milton refere que chegou a ver seu genitor morto após um desentendimento entre o pai e um tio: “[...] *para o senhor ver, foi por causa de um som! Eu pedi emprestado e ele não quis emprestar. Meu pai falou que ia catar ele e ele sacou o revólver e ele deu dois tiros no meu pai. Meu pai caiu [...]*”. Esse drama, tal qual “Hamlet”¹⁵, remete o sujeito à questão da vingança, que acaba sendo tomada como sentido existencial.

¹⁴ DOSTOIÉVSKI, F.M. **Crime e Castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

¹⁵ SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Porto Alegre: L.P.M., 1988.

De acordo com informações obtidas no prontuário do adolescente, alguns de seus familiares tinham envolvimento com a criminalidade e tinham fácil acesso a armas de fogo e drogas. A presença de armas nas residências familiares pode contribuir para ocorrências de atos movidos pelas paixões e impulsos.

As relações dos adolescentes com a figura paterna relembram a análise realizada por Freud (1928) sobre os personagens dos romances de Dostoievski, em que se verificam paixões intensas e contraditórias, como o amor, o ódio, a honra e ambições de toda a sorte. A necessidade de vingança e objetivação da agressividade recalcada pode impulsioná-los para o delito.

Romário alega que a genitora o vigiava buscando salvaguardá-lo de possíveis envolvimento com pessoas perniciosas do bairro. Menciona que a mãe sempre o aconselhou a estudar e privar-se de amizades impertinentes: “[...] *minha mãe sempre quis que fizesse as coisas certas e pegou no meu pé mesmo [...]*”. Porém, por um período durante a internação, a genitora interrompeu os contatos com o filho. Segundo o sujeito, a genitora havia alertado-o de que, se prosseguisse na reincidência, ela o puniria com sua ausência nas visitas.

A figura materna apresenta-se para os adolescentes como paciente, acolhedora, conselheira e amorosa. Todos os adolescentes relatam uma visão idealizadora de suas mães. A dramatização edípica de ódio ao pai e amor “excessivo” a figura materna é reproduzida nesse grupo social.

Carlos refere que a proteção da mãe chegava ao extremo: “[...] *minha mãe não deixava eu nem sair no portão de casa, senhor. Eu vivia dentro de casa parado [...]*”.

No entanto, durante o período de privação de liberdade, o adolescente recebeu poucas visitas da genitora. A mãe do adolescente relatava aos técnicos que não o visitava porque queria puní-lo, pelo fato dele não ter escutado suas orientações.

Percebe-se também que os discursos das mães dos internos oscilam entre os sentimentos de raiva, piedade, tristeza e desejo de ajudar. Nessa ambigüidade de sentimentos mostram-se não muito seguras e acabam culpabilizando as “amizades” dos adolescentes, responsabilizando-os pelo envolvimento do filho nos atos infracionais. A representação da prática infracional como causalidade externa, implica na ignorância e negação dessas mães quanto ao envolvimento dos filhos.

Fábio dizia nos atendimentos técnicos que tinha “duas mães” e tentava racionalizar a falta das “mães” (biológica e adotiva) no cotidiano da instituição, ambas estavam residindo no exterior e o único contato que tinha era por meio de telefonemas semanais: “[...] *eu sou criado com minha mãe de criação desde meus 20 dias! E tipo, tenho minha avó, minha mãe, minha irmã, minha tia, que moram no exterior! Minha irmã levou minha avó de criação para trabalhar lá e agora ela trabalha cuidando de uma senhora de idade e tal [...]*”.

Poucos são os internos que possuem membros familiares residindo no exterior, mas durante o período de realização da pesquisa, houve mais dois adolescentes na Unidade que tinham familiares vivendo em outros países, o que demonstra que os efeitos da globalização atingem também a população atendida pela instituição. A procura por melhores salários e perspectivas futuras motivou-os a buscar outras oportunidades empregatícias fora do país. Esse fenômeno indica também que no grupo de infratores internados encontram-se elementos culturais provenientes dos extratos sociais médio-altos da população.

Cleber representa a mãe como uma divindade: “[...] *tipo assim, Jesus é meu rei, meu pai. Minha mãe é uma rainha, ela que me criou sete meses na barriga e agora eu tenho uma idade de 18 anos... minha mãe, vixi, eu tenho certeza que ela me ama de coração [...]*”.

Como suporte egóico diante da ausência paterna, o sujeito representa a figura materna como sagrada e divina.

A mãe divina torna-se uma das figuras mais idealizadas para os adolescentes em conflito com a lei; vários deles possuem tatuados no corpo frases contendo a palavra “*mãe*”. A idealização torna-se um mecanismo de defesa utilizada para protegê-los de quaisquer situações ameaçadoras que possam aniquilar a integridade egóica.

7.3 Vida escolar e sociabilidade

Alan se representa como um adolescente que não tem muito gosto pelos estudos: “[...] *bom aluno, bem dizer assim, sempre fui. Mas só que nunca gostei de estudar. Sou meio vagabundo prá estudar [...]*”. O interno demonstra uma valorização negativa da sua autoimagem, buscando assim minimizar sua experiência frustrante na instituição escolar. Quando diz que ele é “*bom aluno*” e ao mesmo tempo “*vagabundo pra estudar*”, aparentemente, assimilou discursos externos que se relacionam a sua indiferença quanto à escolarização.

O interno aponta que a professora era uma pessoa autoritária e utilizava a perversidade para “atazaná-lo”: “[...] *fica enchendo as paciências, muitas vezes chamando de preguiçoso: ‘faz isso, faz aquilo’ [...]*”. O discurso indica que esses sujeitos são subestimados em suas capacidades, acabando por assumir esse estereótipo. Por meio de suas indisciplinas, transformava seu sentimento de inferioridade em manifestações sádicas contra a professora: “[...] *era pra descontar, era pra atordoar mesmo [...]*”. Muitas vezes os alunos olham para os professores como desatualizados, esses, por sua vez, representam os alunos como indisciplinados e desinteressados. O discurso acusatório recíproco mostra-se incapaz de solucionar a problemática da violência escolar, pois o que se busca é a catarse do ódio.

“[...] *Tacava bomba dentro do banheiro, quebrava tudo a escola: carteira, atentava professora, muita bagunça (sorrindo)!*” (Gustavo). Percebe-se porque os professores encontram-se desiludidos com a juventude estudantil, sendo que o medo e a impotência

apontam para representações sociais de violência que criminalizam episódios de indisciplina e situações conflituosas.

Atualmente, esse sentimento de perda da autoridade dos professores, talvez indique a falência de um modelo institucional secularmente calcado na disciplina. A instituição disciplinar que utiliza métodos violentos de adestramento e domínio do corpo e da mente, parece perder espaço para um novo paradigma de autoridade, baseado na negociação.

“Eu aprontava muito também na escola. Ainda mais depois que tinha lá meus 11 anos. Daí fui aprontando mais!” (Romário). Na transição da infância para a adolescência, o sujeito iniciou-se em suas contestações às normas disciplinares. A rebeldia pode manifestar-se de várias maneiras, mas sempre com sentido contrário à autoridade e norma. Alguns indícios de transtornos de conduta podem ser observados e diagnosticados no início da escolarização, porém, percebe-se que, somente na adolescência, torna-se algo preocupante para a instituição escolar.

Milton preferiu desistir de frequentar a escola, por volta desta idade: *“[...] de vez em quando eu chegava atrasado... encanava aula também. Mas quando tinha 10/11 anos... depois com mais idade, já não ia mais, senhor. Depois dos 11 anos parei de ir [...]”*. Para deixar a escola com tão pouca idade, entende-se que os pais não o incentivavam à escolarização. Muitos adolescentes acabam desistindo de frequentar a escola para se dedicar ao trabalho, buscando complementar a renda familiar, por meio de atividades que exigem menos qualificação. O abandono da escola por volta dos 11-12 anos simboliza o início da ruptura com o instituído.

Fabio coloca que deixou os estudos na quinta série e voltou à escolarização apenas quando retornou para a instituição, para cumprir a medida sócio-educativa de internação: *“[...] eu parei de estudar na quinta série senhor... eu tava na quinta série, eu passei duas séries já, passei pela sexta e sétima aqui na Febem. Já to prá passar para a oitava já!”*.

Muitos dos adolescentes não estudavam no momento em que se envolveram nos atos infracionais, por outro lado, ao entrarem na instituição, alguns internos conseguem finalizar o ensino fundamental e médio, demonstrando boa capacidade cognitiva.

Apesar de a medida sócio-educativa ser árdua devido à privação de liberdade, o período em que permanecem internados pode favorecê-los em vários aspectos. O fato de estarem privados de liberdade, distantes do uso de drogas, e recebendo escolarização numa classe com poucos alunos, pode promover novamente o desejo de estudar.

Fábio habitualmente desafiava as normas escolares: “[...] *agredi as pessoas lá que eram meio metidos, tipo a riquinho assim, eu já agredia, já virava briga, já era expulso... professora falava mais alto, já não gosto que fala mais alto comigo já quero falar também e... tomava advertência, daí ia expulso já ia pra outra escola... aí parei, e daí só vim estudar novamente na Febem*”. O adolescente também tinha desavenças com alunos que considerava pertencentes à outra classe social e não media esforços para agredi-los: “[...] *tinha um lá que pagava de mitidinho, tá ligado? Tipo roupinha bonitinha, tinha lanchinho. Gostava de tirar, tipo, um amigo da periferia né: ‘ah, não sei o que, seu cabelo não sei o quê’... aí já cheguei e comecei a debater com ele. Eu já catei, dei um coque na cara dele... daí já colou o diretor e me expulsou da escola pela agressão*”. Nessas marcas discursivas, o ódio refere-se a uma classe social (“[...] *eram meio metidos, tipo riquinho [...]*”) e fica clara a utilização do dispositivo escolar como catarse do terror, no sentido de Artaud (1990) e seu “Teatro da Crueldade”.

O adolescente aparenta identificar-se com o agressor, para tornar-se, ele próprio, “opressor”. A agressão contra os “mitidinhos” (“que gostava de tirar”) manifesta-se por meio de uma projeção fóbica e destruidora, em direção aos inimigos que o humilham pela abundância.

Para alguns adolescentes, os conflitos devem ser resolvidos a partir da lei do talião (“olho por olho, dente por dente”). Pode-se interpretar que os atos delituosos cometidos por eles buscam preencher uma falta sentida numa relação negativa com o social. Winnicott (1987) postula que o furto e outras manifestações anti-sociais desenvolvidas por infratores são frutos de privações emocionais ocorridas na infância, na interação mãe/bebê.

Romário relata que não costumava utilizar-se de agressões para descontar suas insatisfações, preferia manter-se afastado das discórdias: *“brigar é uma coisa que prá mim não compensa... eu sou mais no meu canto [...]”*. Nos atendimentos técnicos, o adolescente manifestava sua adoração pela cultura estrangeira em detrimento à cultura brasileira. Para ele, a cultura estrangeira é privilégio para quem tem “bom gosto” enquanto que a nacional é destinada a pessoas que ele julgava “inferiores”. Romário, por meio da mimetização cultural estrangeira dominante, anseia para si o reconhecimento pelo outro e encontra apoio e proteção social no imaginário ao se identificar com os estrangeiros.

Carlos menciona que praticou um ato infracional na escola. Junto com um grupo de amigos, resolveram furtar alguns itens do patrimônio público escolar: *“[...] abri o portão... aí os cara entrou roubou tudo... eu fui o mandante né, aí eu muito burro, voltei na escola pulei o muro. Quando pulei o muro, a polícia tava lá dentro esperando eu. Aí catou eu e não deu nada [...]”*. Nessa narrativa o sujeito não se identifica com a escola, ao contrário, vangloria-se por ser o mandante do ato que, mesmo após ser descoberto, permanece impune.

A violência simbólica, em seu caráter legitimador das forças dominantes, fabrica continuamente crenças que induzem o indivíduo a seguir critérios e padrões do discurso dominante, portanto, a escola “desinteressante” espanta os alunos pobres de suas carteiras, principalmente aqueles que não se enquadram nos códigos autoritários pregados pelas instituições disciplinadoras.

"Quando tava trabalhando era amigos normal. Até o filho da minha patroa lá da rua, vixi, me levava na casa dele. Nós fazia festa na casa dele e tal. Vixi, só amigo bão mesmo eu tinha". Romário conta que, antes de envolver-se em atos em conflito com a lei, preferia se socializar com colegas do bairro que não eram estigmatizados por serem infratores, porém, a partir do momento que começou a traficar entorpecente, foi se distanciando de seus colegas para perambular com os "envolvidos": "Não, não era envolvidos, fazia nada. Eram colegas dos meus irmãos... os outros eram tudo trabalhador... mas depois comecei a me envolver com o pessoal [...]".

As relações de exclusão social e suas conseqüências nas instituições empurram os adolescentes pobres para a periferia da sociedade, e frente à marginalização, esses adolescentes encontram na criminalidade, uma inclusão possível. Nas facções criminosas, encontram o sentimento de pertença e, conseqüentemente, a identificação com a ideologia do crime.

Carlos era proveniente de um bairro periférico com alto índice de violência, nos atendimentos técnicos refletia sobre o que faria após o período de internação e temia que os vizinhos o incentivassem a retornar ao tráfico: *"[...] meus amigos eram aqueles que moravam ali perto da minha casa. Agora hoje já se envolveram todos também... desde quando era pequenininho, eu fui o último! [...]"*.

A sociabilidade de Carlos girava em torno de outros colegas do bairro e que possuíam os mesmos ideais, os "envolvidos/chegados". Entre o "covarde" (pejorativamente chamados de "zé povim") e o "envolvido/chegado", muitos acabam optando pela segunda possibilidade. Averigua-se nas marcas discursivas que realmente existe esse limiar onde o adolescente deve optar.

Fábio cita como conseguiu ser aceito no grupo de jovens infratores do bairro: *"[...] vamos supor, eu tinha meus amigos que eram chegados, jogava bola com eles e soltava pipa*

e tal. Aí tipo, comecei. Eu vinha onde ficava os manos mesmo. Comecei ir lá nos manos. Diziam: 'não, sai daqui e tal, prá que ficar aqui?'. Aí eu persistia e ficava... comecei a roubar moto-taxi, bar, padaria, aí já comecei catar amizade total com os manos. Daí comecei a firmar na banca mesmo, total!" . Percebe-se que, a partir desse momento, o sentimento de pertença criou no adolescente uma marca identificatória. Tornar-se membro de um grupo de infratores, possibilita ao adolescente, seguir princípios de fidelidade e de honra de acordo com os códigos pregados pelos comparsas. Essa iniciação parece sinalizar uma escolha: ou o adolescente é visto pelo grupo como covarde ou ele ganha confiança e se integra ao grupo de marginais do bairro, como corajoso e valente.

"Eu saía, ia nos bailes, lá na Apoteose. Ia na fazenda com os manos. Ia, saía de noite, vendia uma droga ali, aí quando o freguês passava eu dava um tanto de pó prá ele e ele me levava aonde eu queria... onde que você for com droga você vende prá caramba, porque lá só tem 'boyzinho' nesses lugares[...]". Nesses momentos, os adolescentes se relacionavam com seus fregueses de maneira rápida, representando as relações fugazes do cotidiano urbano. As rotineiras trocas capitalistas são cumpridas rigorosamente com um mínimo de envolvimento e obedecendo apenas às regras impessoais do mecanismo do contrato, ou seja, o “riquinho metido” transforma-se em “boyzinho bom freguês”.

7.4 Ruptura social e vulnerabilidade social

Milton e Alan iniciaram-se na prática de atos infracionais aos 11 e 12 anos, respectivamente: *“eu tinha 11 anos [...]”*; *“[...] comecei a me envolver com 12 anos de idade”*. Também é o período em que deixaram de estudar. Alguns adolescentes alegaram que foi por volta desta faixa etária que também iniciaram as atividades laborais junto a seus pais e,

aparentemente, é nesse período que o interno rompe com a vida escolar e outras atividades sociais, para se inserir no grupo de pessoas marginais no bairro.

A inserção e engajamento no grupo de adolescentes em conflito com a lei é o momento da conquista da diferença e da visibilidade perante a sociedade. De modo geral, uma vez nomeados e aceitos pelo grupo, adquirem certas características internas dele partilhando a mesmas convenções e, gradativamente, vão se tornando distintos de outras pessoas da comunidade (MOSCOVICI, 2004).

“[...] a primeira vez, já é meio... mas depois que você montou, já era. Dá mais nada! [...]”. Alan refere-se ao momento de ansiedade antes da realização da primeira infração. A experiência bem sucedida motiva para a próxima atividade delituosa e um novo percurso no mundo infracional.

“Na hora que eu vi, já não tinha mais possibilidade prá estar voltando atrás... já estava muito envolvido, já não tinha como estar sarando mais [...]” (Alan). O adolescente alega também que, de ato em ato, vai ficando cada vez mais difícil deixar de praticá-los, representa como algo impulsivo e “patológico”. A compulsão a repetir o coloca ativamente em situações penosas regidas pelo jogo conjugado do prazer aliado à realidade, como se estivesse predestinado ao mundo alternativo das infrações.

Milton menciona que a vingança foi também o motivo principal para sua decisão: *“Por causa de umas fitas. Tudo começou quando meu pai morreu né senhor? Aí eu já fiquei meio desnorreado pelo que pegou aí, eu já queria entrar no crime para matar meu tio né! Daí foi onde que iniciei”*. Acrescenta ainda *“[...] na verdade, falar para o senhor, o que eu queria comprar era um revólver para cobrar a vida do meu pai. Mas aí minha mãe conversou comigo e deixei quieto isso aí!”*. Analogamente ao drama de Hamlet, personagem da obra Shakesperiana, Milton carrega consigo o “fantasma” de seu pai impulsionando-o a vingar seu

assassinato. A pedido da mãe, Milton desistiu da idéia de matar o tio, por outro lado, acabou se identificando com o parente (tio) e se inseriu no grupo de jovens infratores de seu bairro.

“[...] Ter as coisas caras entendeu! Aí você quer ter também né. Sabe aquela vontade e coisa e tal [...]” (Romário). A busca pelo prazer da visibilidade proporcionada pelo poder de compra foi um dos motivos que o impulsionou a roubar.

Viver, hoje em dia, significa poder de consumo: “compro, logo existo!”. O consumismo está lançado e para não correrem o risco de não mais serem reconhecidos como seres humanos potentes, para não serem taxados de fracos e sem vontade e, posteriormente, excluídos, resta aos infratores aceitarem o “trabalho sujo” da criminalidade.

Percebe-se que o ato infracional, como possibilidade de poder para o infrator, pode tomar dois caminhos que se entrecruzam. Por um lado, o ato violento seria uma quebra de compromisso com as leis que regem os laços sociais e a correspondência mútua existente entre o sujeito/Estado; por outro, a prática infracional pode permitir reconhecimento ao sujeito, uma possibilidade de “ver e ser visto” no sistema consumista.

Como causa da própria criminalidade, alguns adolescentes citam as dificuldades financeiras apresentadas pela família: *“[...] porque nós passava necessidade lá em casa, senhor. Daí fui me revoltando, saí de casa e fui me envolvendo no crime. Foi assim que vim parar aqui! [...]”* (Carlos). De acordo com o prontuário do adolescente, a família do entrevistado não passava por privações financeiras seríssimas, viviam em situação de pobreza, porém, não de miséria. Muitos adolescentes, buscando impressionar o interlocutor, mencionam a situação de extrema miséria como fator principal da inserção no grupo de infratores. Torna-se, pois, uma representação comum acreditar que a pobreza e/ou miséria sempre são as características principais para que alguns adolescentes se envolvam com a prática delituosa.

“[...] Porque muitas pessoas, vamos supor, quer ser alguém na vida... trabalhar, muitas vezes a sociedade não dá oportunidade prá gente... aí ele vê aquela mercadoria... depois já quer roubar, vender drogas, quer fazer coisas erradas [...]” (Fábio). A “banalidade do mal”, uma prática de cinismo rondando o imaginário social dos brasileiros, pois, implica que algumas crianças e adolescentes somente são notados a partir do momento em que infringem as normas sociais. Talvez, quando alegam que se envolveram porque queriam “*ser alguém na vida*”, estavam buscando um lugar que delimite sua identidade, permitindo um sentido a sua existência marcada pela impossibilidade.

7.5 Poder

Os valores em espécie, obtidos nas vendas de drogas, furtos, roubos e outras infrações eram variáveis. Nas entrevistas, observava-se uma tonalidade na voz dos adolescentes onde tentavam mostrar ao entrevistador que valia a pena o risco: *“Aahhhhh (pensativo) vixi, eu acho que tirava uns 3.000 reais. Eu gastava tudo, era coisa de semanas. Não chegava juntar um mês [...]”* (Cleber).

De acordo com um artigo publicado pela Folha de São Paulo (2003)¹⁶, sobre adolescentes envolvidos no tráfico de drogas no Rio de Janeiro, os valores arrecadados também são variáveis, no entanto, se compararmos com os valores citados pelos adolescentes da região do município de Ribeirão Preto, percebe-se que os cariocas lucram muito menos (por volta de R\$ 400,00/R\$500,00 mensais). Não temos como avaliar a fidelidade das informações dos adolescentes participantes da pesquisa. Talvez, buscando impressionar o entrevistador, o adolescente mencionou esse valor a fim de afirmar que “compensa” a realização dos atos. Nota-se, porém, que os ganhos são instáveis e flutuantes.

¹⁶ MENA, F. Isso aqui é uma guerra. **Folha de São Paulo**. Especial Folhateen. 10/03/2003.

Milton se convence de que o risco vale a pena, pois, possui exemplos de conhecidos que conseguiram driblar o aparato policial e judicial para se enriquecerem: “[...] *tem, tem uma vida boa. Porque hoje tem muito dinheiro também né? Nunca foi preso [...]*”. Nessa perspectiva, constata-se que o sucesso na realização do ato legitima a chamada “glorificação do crime”.

“[...] *cafunga é que nem esses bregas aí! Eu não gosto muito desse trem meio doido não, gosto mais de social!*”. Romário menciona que se preocupa com suas vestimentas, pois acredita que elas podem denunciá-lo. Nesse caso, percebe-se a estratégia do adolescente de compor um personagem, vestir uma representação.

A roupa é capaz de posicionar o sujeito dentro da sociedade explicitando o seu lugar de pertencimento social ou mesmo qual posição almeja. Grande parte dos infratores se identifica com o movimento hip hop e costumam se vestir com roupas de marcas, como seus ídolos: camisetas extra-largas, os bonés (contendo códigos quanto ao uso: aba reta, aba torta), as bermudas longas, cores chamativas, etc.

Cleber gastava seu dinheiro na compra de roupas: “[...] *Pá, ia lá, entrava na loja e falava: ‘ah, vou levar essa, aquela outra, já era’. Eu saía de boa! [...]*”. O prazer sentido pelo poder de compra realçava seu sentimento de pertença: “[...] *eu ia juntando. Na hora que tinha um dinheiro bão, eu ia lá e comprava roupa, tênis, bicicleta, já fazia uma limpa. Já comprava tudo que eu queria [...]*”. Capturados pelos sonhos de consumo das elites, sem meios estruturais e culturais, acabam por recorrer ao mundo imediatista do delito.

Percebe-se que as roupas de marca são muito valorizadas por estes adolescentes, existem motivos diversos que os motivam a adquiri-los, porém, é curioso notar que para andar como um suburbano (visual “streetwear”), ele deverá gastar muito dinheiro para re-adquirir a própria moda surgida nos bairros periféricos.

Os veículos motorizados também são objetos de desejos desses adolescentes: “*eu via o povo tudo de moto, indo prá lá e prá cá. As meninas junto com o pessoal, com os caras que têm motos e coisa e tal. Pensei: ‘nossa, preciso arrumar uma moto prá mim! [...]’*” (Romário). Os veículos são os objetos de consumo mais almejados pelos adolescentes das classes A/B. Muitos deles, inclusive, praticam infrações ao dirigirem sem habilitação e às vezes, não sofrem conseqüências punitivas severas da mesma forma que os adolescentes pobres. Adquirir um veículo, símbolo de desejo dos adolescentes incluídos na sociedade do consumo, torna-se um objeto de poder capaz de representar a potência necessária para impressionar no cenário social.

Gustavo menciona que as garotas preferem namorar os adolescentes em conflito com a lei porque elas se sentem seguras na companhia deles. O interno representa a figura do “bandidão” como aquele que possui poderes: “[...] *porque elas ficam mais a vontade, por causa que ninguém mexe com elas né, porque é mó bandidão e pá, essas coisas aí [...]*”. O aumentativo “bandidão” indica que o modelo representado é o da opulência na ganância.

Nas entrevistas, os adolescentes citam nas marcas discursivas, suas aspirações quanto ao reconhecimento do sexo oposto; no discurso dos sujeitos da pesquisa percebe-se o forte conservadorismo machista permeando as frases.

Alan comenta sobre suas percepções sobre as garotas que se aproximam dos adolescentes infratores: “[...] *elas tipo, se sentem seguras com namorados envolvidos, tipo, vamos supor, qualquer coisa, aconteceu um bagulho, ele vai lá cobrar a fita!... nós só quer zuar só, não quer saber de nada! [...]*”. Pensemos sobre a representação do soldado, do marinheiro solitário, do peão de rodeio ou ainda dos assassinos; todos são símbolos da condição masculina na sociedade moderna, logo, emblemas do prestígio e do poder.

Milton refere que muitas garotas, quando sabem que eles são ex-internos, acabam se apaixonando: “[...] *daí que elas gostam! Você tá na Febem? Vixi! [...]*”. A representação do

“amor bandido”, tão caracterizado pelo senso comum, aparentemente, perpassa pelas relações amorosas desses adolescentes: “[...] *de bom; dinheiro, roupa, mulher... dinheiro, mulher, roupa, sair, essas coisas [...]*” (Gustavo).

Essa necessidade de ser temido, odiado e, contraditoriamente, amado, aparenta um desejo de ser notado também por razões sexuais, além do dinheiro e do poder, existe um resto a ser preenchido na forma narcísica ao ser admirado sexualmente potente e bem sucedido.

7.6 Atos Infracionais

Alan conta como foi o ato infracional cometido, motivo que o levou ao cumprimento da medida sócio-educativa de internação: “*Foi algum ato infracional que tinha cometido antigamente né? Alguns erros que eu tenha feito em minha vida que não poderia ter acontecido, prá mim estar nesse lugar aqui [...]*”. No momento em que relatava sobre como foi o fato, Alan gesticulava intensamente chegando ao regozijo: “[...] *com uma arma na mão nós pegamos a vítima, ela ficou em choque, abatida... foi uma beleza!*”.

Essa ausência de culpa e satisfação sádica expressa pelo adolescente talvez demonstre que seu pensamento foi substituído por uma opinião dominante no grupo ao qual pertence: “matar ou morrer”. Por meio de consulta ao prontuário do adolescente, verificou-se que Alan foi internado anteriormente porque juntamente com outros colegas assassinou um membro de um grupo rival, ato que se deu com requintes de crueldade. Observa-se que por meio do ciclo da vingança, um ato violento pode funcionar como pagamento de um tributo ao grupo lesado; nesse sentido, o grupo não se intimida em matar e punir os rivais.

Realizar roubos era uma das características do adolescente Fábio. Após cometer vários, acabou sendo internado por outros atos infracionais: “[...] *uma loja de informática, já catei duas vezes! Duas lojas de informática, supermercado, mas nunca fui preso com roubo!*”

Sempre deu certo com roubo, só com droga mesmo tive azar!”. Porém, retornou a cumprir a medida de internação após cometer um homicídio: *“Cometi um homicídio... ‘jack’, gostava de fazer coisas obscenas para mulheres e crianças. Ele ia prá frente da escola masturbar, fazer essas coisas, na porta da escola em frente a minha casa! Aí resolvi matar ele, só isso só!”*.

Fábio assassinou um homem que supostamente era acusado de estupro pelos moradores de seu bairro. Quando questionado sobre o fato, dizia que a justiça não tinha tomado as providências necessárias e então se sentiu na obrigação de matá-lo. Tal qual um anti-herói, o adolescente era reconhecido como um benfeitor pela vizinhança do seu bairro. Aparentemente, a frieza demonstrada pelo adolescente estava ancorada na representação de que teria tomado uma medida correta e ainda com o aval do bairro. O ato infracional, ancorado e objetivado na escala de valores éticos das organizações criminosas, sustenta que os autores de crimes sexuais são bodes expiatórios, ou seja, a “escória do crime”.

O cotidiano do adolescente infrator muitas vezes se assemelha ao trabalho lícito, pois, segundo suas marcas discursivas, existe um sistema rigoroso de organização para o desenvolvimento da mercancia das drogas e/ou outras atividades como o roubo: *“[...] era daquele jeito meio corrido. De dia ficava em casa, de noite eu ia trabalhar... ficava das 10 às 6 da manhã”* (Milton). Nesta perspectiva, os adolescentes representam a prática do ato infracional como um trabalho. *“[...] daí a gente começa a trabalhar pro caras e tal, aí os caras já começam a confiar em você e você já fica interado na fita já! O cara já chavecô e taca a parada na sua mão, aí você começa a vender, você ganha a sua parte e o cara fica trabalhando!”* (Fábio). Na cultura do crime, os laços de confiança são construídos na iniciação e legitimados cotidianamente.

A elaboração de métodos para despistar a polícia e alguns membros do bairro, ou mesmo para obter uma maior lucratividade, passa a ser uma condição de sobrevivência para os adolescentes infratores. Fábio, inclusive, refere que para adquirir valores maiores nas

infrações cometidas, utilizava-se de táticas pessoais aprendidas no desenvolvimento dos atos: “[...] eu catava bastante, eu gostava de roubar mais sozinho, eu não gostava de roubar com os outros. Porque tipo, eu ia, ficava mais, vamos supor, catava vamos supor, 100, 150, 500, 1000 reais. Sozinho catava um dinheiro a mais, né senhor!”. Em relação à polícia ou aos vizinhos delatores, Milton também criou suas estratégias: “[...] só tinha que ficar ligeiro olhando prá ver se a policia vinha. Eu ficava mais na esquina, era outra fita né? Tem que ficar desbaratinado, mais, tipo boy, desbaratinado, não pode tá muito chave. Senão já enquadram! [...]”.

Caso sejam capturados ou delatados, são imediatamente encaminhados para as instituições judiciárias e, posteriormente, dependendo da gravidade, para as instituições totais disciplinares, logo, percebe-se que a vivência e a experiência no desenvolvimento das ações infracionais, possibilitam aos adolescentes algumas regras básicas para a permanência nas atividades ilícitas.

Os discursos que permeiam a vida desses adolescentes contribuem para que criem mecanismos de resistência frente ao medo, ao suborno e outras corrupções, provindas das interações sociais (família, escola, polícia, justiça, etc.), ou seja, mergulhados numa relação de poderes que se dispersam em uma rede difusa e plural, aprendem nas práticas cotidianas reais e concretas, mecanismos de sobrevivência numa sociedade cruel.

Birman (1999) reflete sobre as marcas profundas das tradições escravagista e patrimonialista que perpassam as relações sociais no Brasil. A impossibilidade das classes populares de exercerem seus direitos básicos como cidadãos e serem reconhecidos como tal, contribui para a crescente utilização da violência como forma de tornar possível uma sobrevivência digna diante da violência instituída pelos dispositivos de poder e pelas elites. Portanto, a violência utilizada pelos adolescentes mostra-se como uma forma para afrontar as

péssimas condições de vida oferecidas pelo Estado e pelas elites políticas, industriais e financeiras do país.

7.7 Diferenciação na questão dos atos infracionais

Alan menciona as dificuldades para se vender entorpecentes e porque buscou um retorno financeiro melhor por meio da prática do roubo: “[...] porque o tráfico dá dinheiro... só que o baguio é diferente já... tem que conviver com o negócio 24 por 48, sem saber que a qualquer hora policiais podem estar invadindo ali a sua propriedade e levando tudo. Agora assalto é diferente [...]”.

A prática do ato infracional equiparado a roubo pode favorecê-los em alguns aspectos, pois não permanecem vulneráveis às possibilidades de serem surpreendidos pelo aparato policial, como se averigua na passividade da venda de drogas num local determinado e conhecido. Na marca discursiva, nota-se que Alan representa a preferência pelo assalto ao invés de correr o risco de ser confiscado pelos policiais. Além disso, observa-se que, implicitamente, o roubo traz a idéia de ação, aventura e de retorno financeiro imediato, aspectos esses característicos da adolescência.

Por outro lado, Fábio constrói a representação de que o roubo é o ato infracional mais lucrativo, preferencialmente, assaltos a bancos: “*Por exemplo, o cara que tá bem é o cara que mexe com a quantia alta. O cara que rouba um banco e não vai preso. Fica curtindo uma praia, de boa, tem sua moto, seu carro, uma casa e não vai preso. Esse é o cara que vai bem!* [...]”.

As representações sociais de riqueza e pobreza estão arraigadas no imaginário social. Fábio expressa suas representações tal qual a letra da dupla sertaneja César e Paulinho: “[...] *Mulher de rico é madame... mulher de pobre é fulana... o rico nunca vai preso... o pobre está*

*sempre em cana... cadeia é só pra pobre... nela não entra bacana [...]*¹⁷. No imaginário dos pobres, o rico não vai para a cadeia e se vai, pode contratar e até subornar profissionais para libertá-lo. Essa é a representação da impunidade que vigora no contexto jurídico do país.

De acordo com pesquisa realizada na U.I. – Ribeirão Preto¹⁸, o maior número de adolescentes cumpre medida sócio-educativa por ato infracional equiparado a roubo (39,8%); seguem, em ordem decrescente: tráfico (27,9%), homicídio (21,5%), latrocínio (3,2%) e outros (14%).

Percebe-se na realidade dos adolescentes, cumprindo medida sócio-educativa de internação que os atos infracionais que envolvem ameaças contra a vida e uso de violência física (latrocínio, homicídio, roubos qualificados) são mais praticados do que atos como furtos. Podemos pensar que essa representação do ato infracional se manifesta devido à frieza do infrator, à “coragem” para a realização do ato, o prestígio e os ganhos materiais.

Segundo Lacan (1950), nem o crime nem o criminoso são objetos que se possam compreender fora de sua referência social. Dentro dos grupos sociais nos quais muitos desses adolescentes estão identificados, há valorizações diferenciadas quanto aos atos cometidos, num processo de hierarquização.

Dentre os diversos atos infracionais, observa-se que o grupo de sujeitos não tolera aqueles relacionados à traição e atos que envolvem uso de violência sexual: *“Estupradores é uma delas, alguns caguetas também! Caguetas é mais que estupradores. Ele pode acabar com você tendo alguma oportunidade. Agora, estupradores não, sem massagem”* (Alan). Constata-se nessa marca discursiva, uma hierarquização moral na cultura do crime, distinguindo atos dignos de indignos.

Nota-se que os adolescentes fazem referência ao famoso maníaco sexual londrino, Jack (O Estripador). Alegam não tolerar os estupradores, indicando uma representação do

¹⁷ César e Paulinho. Alma sertaneja vol. 17. Warner, 2001.

¹⁸ Coleta de dados realizado no início do segundo semestre do ano de 2004.

feminino como sagrado e inviolável e, o ofensor como “covarde”. Por outro lado, essa representação da mulher sexualmente vitimizada está vinculada às mudanças ocorridas com as fortes mobilizações dos movimentos feministas, a partir da década 80, momento em que também surgiram os primeiros conselhos estaduais da condição feminina no Brasil.

Milton explica quem eles consideram “caguetas”: “[...] *cagueta, um cara não agüenta os coros da polícia e cagueta as outras pessoas. Fala para as polícias como é que é, onde que ele tá, quem conhece você, e assim vai [...]*”.

Todo grupo é constituído através de uma ação a realizar, na qual os membros se reconhecem e tornam-se cúmplices. Os adolescentes representam os alcagüetes como os inimigos porque rompem com os ideais estabelecidos pelo grupo ao delatarem ao aparato policial suas práticas infracionais. O grupo expressa toda a sua agressividade ao projetar o ódio, buscando se eximir do “inimigo interno” de cada membro, equilibrando a dinâmica grupal. Conforme Enriquez (1999), a permanência de uma organização depende da criação desses inimigos que se dão sob a forma de bodes expiatórios. A representação do alcagüete está vinculada à imagem das forças policiais como inimigas.

Outros indivíduos que os adolescentes não toleram são os viciados em crack, pejorativamente chamados de “crackeiro” ou “casquero”: “*Crackeiro, é aquele desandado, fuma pedra aí ó! Fica roubando bujão aí ó. Muitos dos crackeiros aí ó, fica roubando bujão de gás da mãe, prá vender na bocada. Nem aceitamos. Isso é patifaria [...]*” (Milton). Os sujeitos desvalorizam a atitude do viciado em crack, pois esses indivíduos não mantêm os padrões “éticos e profissionais” dos traficantes considerados “honrados”.

Os adolescentes mencionam que, na realização do ato infracional equiparado a tráfico de entorpecentes, também existem condutas a serem seguidas. Referem que não devem se emocionar frente ao cliente viciado em *crack* devido ao estado exacerbado de dependência física e psíquica, racionalizam que não há limites para o uso compulsivo da droga: “[...] *você*

fuma, fuma até se matar. Se tiver um quilo, você fuma um quilo. Se tem dois quilos, você fuma dois quilos! [...]” (Cleber). Observa-se que o sujeito representa como “patológicas” as ações desses dependentes químicos, pois esses indivíduos cometem práticas consideradas indignas.

As representações que os adolescentes produzem sobre o usuário de *crack* associam-se a impulsividade e ausência de limites. O dependente não possui controle de si e é capaz de realizar proezas condenadas pelos elementos do grupo, em troca da substância; para eles, esse tipo de usuário é uma pessoa desprezível, pois age de acordo com seus impulsos primitivos.

Freud (1929) explicou o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, para designar o fenômeno de desprezo ou de ódio contra o exterior. O vínculo criado pelo grupo, produz indivíduos identificados com os mesmos ideais constituídos grupalmente, no entanto, apenas o amor não basta, é necessário em outra vertente, objetivar uma pulsão de destruição. Assim, os sentimentos hostis criados no grupo são projetados contra os considerados fora da ética forjada naquele segmento específico.

7.8 Princípios, valores e influência ética do crime organizado

“É sorte. Eu acho que é sorte mesmo. Certeza, porque prá pessoa fazer um delito bom e não ir preso... tem que ser uma pessoa esperta, ter sorte, sorte [...]” (Fabio). Os adolescentes contam com a sorte ao desenvolverem seus atos, esse princípio, incorporado da ideologia do crime organizado, fomenta a coragem necessária para a ação, criando sentidos às suas vidas. Aparentemente, seguem literalmente o “carpe diem”, a regra de vida expressa na poesia “Odes”¹⁹, do poeta romano Horácio, onde se lê: *“colha o dia, confia o mínimo no amanhã”* (Carpe diem quam minimum credula postero). Assim, o ato infracional é

¹⁹ HORACE. **Oeuvres**. Paris: Garnier-Flammarion, 1967. “Que Júpiter te conceda ainda muitos invernos, ou que seja o último este em que, hoje, o mar Tirreno corrói as rochas que o limitam, sê prudente, filtra teus vinhos e reduz tuas longas esperanças à medida de tua breve vida. Enquanto falamos, fugirá invejosa, a hora. **Colha o dia, confia o mínimo no amanhã**”.

representado como perfeito e modelo, quando o indivíduo consegue livrar-se do aparato policial.

Sem medo do futuro e na busca por satisfações imediatas, esses adolescentes encarnam figuras heróicas na ilusão da invencibilidade. O grupo de rap Império Z/O reflete na letra de “Roleta Russa”, como representa o acaso: “[...] tá lançada a sorte, agora nem por oração, mais um malandro, uma morte, uma mãe sobre o caixão/ que se pega nas lágrimas na depressão/ não entende o que rola nesse mundo cão/ se liga truta roleta russa [...]”²⁰. Temos assim, a representação do ato infracional como uma “roleta russa”, ou seja, como um jogo de azar.

Muitos deles chegam à instituição trazendo consigo as crenças ideológicas manifestadas pela cultura marginal, adquiridas na convivência com os grupos de seus bairros de origem. Uma vida onde “[...] tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado [...]”²¹, em que a solidez das leis instituídas socialmente entra em paradoxo e contradição.

Um dos valores mais significativos apresentados pelos internos é a “humildade”. Os adolescentes citam a importância da “humildade”, como modo de ser, imprescindível no relacionamento com os pares. “É cara que é transparente, ‘humilde’. As verdades sempre ele fala na sua cara!... Tem mano que é transparente, fala a verdade na sua cara né? Não esconde. Agora, tem aquele que é maior pilantra, fala pelas costas, te asquera na hora que chega a hora. Prá me bater, prá sumariar frente a frente, ele desconversa tudo. Fala outra fita e é hora que acaba tomando uma por causa de boberinha, de conversa fiada! [...]” (Cleber). Essa é a representação do ato infracional na dinâmica dos pares de delito, em que os adolescentes se dividem entre os “humilde-transparentes” e os “pilantras”, criando uma visão de mundo fundada em princípios antagônicos.

²⁰ Império Z/O. Arquivo rap: coletânea. Sky Blue Music. s/d

²¹ MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

A “transparência”, o “respeito” e a “lealdade” são características apontadas pelos sujeitos e, aparentemente, necessárias para harmonizar as relações inter-grupais e interpessoais dentro do grupo: “[...] *passo, cumprimento e não desfaço de ninguém: ‘como você está, está bom?’ e sigo meu caminho [...]*” (Alan); “*Tem que ser fiel. Não pode também enganar o próximo, roubar os outros. Tem que ser fiel e transparente, né senhor?... não pode caguetar os outros, tipo falar ‘é dele’ e pá. Tem que levar a bronca sozinho senão te prejudica no meio né? [...]*” (Milton). Assim, por meio desses códigos de honra mantém-se a coesão grupal.

No entanto, tal como um simulacro moderno de Robin Hood, o anti-herói mítico inglês, alguns adolescentes legitimam a ação infracional contra os “ricos” por meio da seguinte racionalização: “*O cara nasceu no berço de ouro. Tem dinheiro. Roubar não dá nada não, faz nem cosquinha no cofre deles [...]*” (Gustavo). O sujeito assaltado é representado apenas como “coisa” e os adolescentes desconsideram o sofrimento provocado pelo ato infracional, momento em que ameaçam a integridade física e emocional da vítima. Aparentemente, esse sofrimento é compreendido pelos adolescentes como meio necessário para que o ato seja praticado.

Fábio menciona sobre a necessidade de colocar a emoção de lado e agir de forma racional, no momento da opção pelo ato infracional: “[...] *agora, se não tiver oportunidade de emprego então... ‘ah o que, eu ganho dinheiro fácil, meto o revolver, cato o dinheiro e tá bom!’. Agora tem uns que quer trabalhar mesmo. Agora tem uns que já quer dinheiro fácil”* . O adolescente representa nessa marca discursiva o sentido racional da prática do ato infracional.

As marcas discursivas remetem às regras e posturas relacionadas à identificação que eles possuem com o crime organizado. Por outro lado, averigua-se que nem todos os

adolescentes estão envolvidos realmente, todavia, nota-se que todos eles logram fortes identificações com o discurso apresentado por esses grupos.

7.9 Estigmas, estereótipos e preconceitos

Os adolescentes denominam “Zé Povim” as pessoas deladoras e preconceituosas: “[...] são essas pessoas fuxiqueiras, que ficam na rua falando mal da vida dos outros. São pessoas assim que não vai com a sua cara... em vez dela também ali, trabalhar e cuidar da vida dela, não, fica pensando na vida dos outros [...]” (Alan). Constata-se que a opinião pública representa a permissividade do E.C.A. como uma das prováveis causas da excessiva prática de delitos na sociedade, perpetrados por adolescentes.

Para os adolescentes infratores, “Zé Povim” são as pessoas que os estigmatizam com estereótipos e preconceitos. Na verdade, para eles, são os cidadãos que foram doutrinados pelas instituições disciplinares e seguem a moralidade vigente.

A representação “Zé Povim” associa-se ao conceito reichiano de “Zé Ninguém” (Reich, 1982), o homem comum que se submete ao poder dominador e às conseqüências funestas desta submissão, que levam o indivíduo a um sofrimento constante.

Fábio se sente estigmatizado por outros seguimentos sociais: “[...] tem uns que quer tirar, quer tirar o preto, tirar o negro, falar que tem dinheiro, xinga as pessoas, esse tipo assim. Uma coisa que eu não acho certo. Agora tem muitos de classe alta que ajuda a periferia. Não tira, até gosta da periferia. Agora tem muitos que quer ficar distante, pensa que é o tal! É isso aí que não aceito lá! [...]”. O adolescente ofendido, por várias vezes, agrediu outros estudantes na escola e argumenta: “[...] vamos supor, prá que, que nem, nasce em berço de ouro, porque a pessoa tem que ficar tirando sarro da pessoa da periferia [...]”. A ostentação da riqueza na elite é sentida como menosprezo e humilhação pelos pobres.

Assim, os adolescentes representam o ato infracional como uma forma de restabelecer a harmonia e o equilíbrio social.

Muitos adolescentes em situação de vulnerabilidade social deixam a escola ainda na infância. A condição de abaixo da linha de pobreza contribui mais ainda para a exclusão desses adolescentes do sistema escolar, em virtude dos preconceitos manifestados nos discursos dos educadores e alunos.

De acordo com Goffman (1982) os estigmatizados são aqueles indivíduos incapazes de se manterem integrados aos padrões normalizados da sociedade, são indivíduos com características físicas, psíquicas e culturais que, aos olhos dos outros, podem ser tachados como inferiores.

“[...] todo mundo passa por um ataque de preconceito. Tem que esconder, porque se você tiver ali num lugar, local, e você fala que: ‘já puxei cadeia, já puxei Febem’. As pessoas te olham torto [...]” (Fábio) . Para alguns adolescentes, permanecer na instituição Febem pode trazer certo reconhecimento no grupo o qual pertence, porém, provavelmente, após o período de cumprimento da medida de internação, serão estigmatizados pela população em geral, pelos incluídos socialmente.

“[...] porque tem muito talento perdido aqui nessa Febem. Pessoa que joga bola, artesanato, pintores, isso a sociedade não vê. Quando a pessoa faz um tumulto e queima um colchão vem muito aqui filmar e tirar foto [...]”. Para muitos cidadãos em situação de vulnerabilidade social, assistir às rebeliões que ocorrem nas instituições totais, pode ser sentido como uma catarse contra as injustiças sociais perpetuadas pelo Estado; por outro lado, os incluídos terão representações depreciativas para tais condutas: “rebeldia”, “pobreza”, “ignorância”, “delinqüência”, etc. Nesse fragmento discursivo, o adolescente manifesta-se como o porta-voz das potencialidades ocupacionais, intelectuais e artísticas do grupo

investigado. Em seguida, queixa-se de que a sociedade apenas espetaculariza as atitudes revoltosas e timidamente valorizam os atos exemplares dos infratores internados.

“[...] porque a mídia aumenta muitas coisas que acontecem. Coisas que não são verdade e elas aumentam muito!... rebelião, Febem, aumentam tudo. Quem está aqui dentro sabe. O que a mídia fala é totalmente a mentira... muitas coisas a mídia aumenta, aumenta até demais [...]”. Segundo Fábio, a mídia também contribui para estigmatizar ainda mais os adolescentes, por meio de reportagens nos jornais, programas de tevês, rádios, etc. Os meios de comunicação representam o ato infracional como espetáculo, introduzindo no imaginário moderno opiniões depreciativas a respeito dos infratores.

De fato, percebe-se que a mídia valoriza manchetes relacionadas a rebeliões, em detrimento de assuntos relacionados a participações dos adolescentes em atividades esportivas, artísticas ou escolares, averigua-se que temas relacionados à violência despertam maior interesse e credibilidade da sociedade. O estigma “menor”, colocado em todos os sujeitos participantes da instituição (internos, funcionários e familiares), contribui mais ainda para a perpetuação da exclusão desses adolescentes.

O número de reportagens abrangendo questões referentes à violência dos adolescentes em conflito com a lei é muito maior quando se trata de rebeldia ou fatos envolvendo condutas psicopatológicas. Segundo pesquisa desenvolvida por Ramos e Novo (2003), os resultados apontam que a mídia, na maioria das vezes, contribui para a mitificação do fenômeno da violência e para a manutenção da concepção de que ela é de origem individual, de alguém que não sabe lidar com suas emoções e dificuldades.

“[...] lembro do X, ele tentou, cheio de tatuagens e pá, não deixaram ele entrar na escola. Achou que ele também era pessoa lá da Febem por causa de visual chave! [...]” (Milton). As tatuagens estão na moda, no entanto, se para a população em geral ocorre uma prevalência modista do que e onde tatuar, para os adolescentes infratores, os desenhos

adquirem outra simbologia, além disso, em relação a esses adolescentes, há um estigma de que a tatuagem é de “cadeia”, ou seja, pejorativamente, algo “menor”, sem valor artístico e social. Por outro lado, o sentido da tatuagem, historicamente, associa-se ao sentimento de pertença às máfias do crime, como a “Yakuza” no Japão.

“Daí eles vai te bater, falar que vai te matar, coronhada, bulbo, pá. Vai chegar um momento que você não agüenta apanhar e fala que é seu: 'não, é meu, é meu!'. Você tem que abraçar, senão você morre de tanto apanhar! [...]” (Cleber). A exacerbação da violência por parte da polícia, ao abordá-los, é um fato corriqueiro na vida dos adolescentes infratores, segundo o entrevistado. A polícia é considerada como corrupta, violenta e injusta. Constata-se nessa marca discursiva, a representação do suplício, da tortura medieval, que usa a confissão como castigo imediato ao crime cometido.

Para Peralva (2000), a polícia corrompida favorece as condições materiais para a perpetuação da criminalidade violenta e também é ineficaz nos seus planos para a manutenção da ordem e da luta contra a criminalidade. Nesse sentido, ela acaba sendo agregada ao crime organizado.

De acordo com a história social brasileira, averiguamos que muitas práticas sócio-econômicas, políticas e sociais se manifestam por um mecanismo clientelista orientando as relações sociais e assim, excluir a responsabilidade da sociedade como co-autora pela ação policial equivocada pode ser um erro. Percebemos uma intensa contribuição de determinados segmentos sociais, mesmo que indiretamente, para a constituição e perpetuação das ações agressivas, ilegais, ilegítimas e não-profissionais da polícia brasileira (ZALUAR, 2002).

7.10 Rotina institucional na internação

“Todos querem ficar num lugar bom. Mas como você que cometeu uma coisa ruim com o crime, então, você tem que pagar, não tem? [...]” (Alan). Identifica-se nessa expressão, a representação do ato infracional e de sua punição, conforme o ditado popular do “aqui se faz, aqui se paga”. Os internos representam a Unidade como um local não muito agradável devido à privação de liberdade imposta pelo judiciário e a privação de liberdade é sentida pelo adolescente como restrição espacial e temporal que, conseqüentemente, impõe uma perda de sua autonomia. No entanto, reconhecem que realizaram atos infracionais contra a sociedade e que devem se submeter a alguma medida sócio-educativa preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O sentido da privação de liberdade é percebido como castigo justo.

O cumprimento da medida de internação é representado como um período em que se submetem a um conjunto de valores (escolarização, profissionalização, ruptura da vivência infracional, etc.), buscando proporcionar mudanças quanto às suas condições existenciais: *“[...] prá tentar transformar nós. Prá nós sair daqui com a mente mais limpa, prá gente não voltar! [...]”* (Carlos). Nesse fragmento discursivo percebe-se que as noções de desintoxicação, reabilitação, re-inserção foram incorporadas no plano consciente do sujeito.

“[...] porque quando cheguei aqui eu tava magrinho e agora tô gordão, tô vixi, grande, já cresci e as roupas não vai servir [...]”. Cleber refere que a privação de liberdade também é um momento para restabelecer sua saúde física (debilitado pelo uso abusivo de drogas). Por meio do cumprimento da medida, muitos adolescentes retomam a escolarização, participam de atividades pedagógico-esportivas e reatam o vínculo familiar, que estava fragilizado. Também representam o momento da internação como um “SPA” (dorme, come e restitui as energias).

Milton refere que a ansiedade aumenta quando seus relatórios técnicos são encaminhados ao judiciário: *“[...] sua mente não para de funcionar. Fica aqui pensando,*

quando é que vai embora. Ainda mais quando manda relatório então! [...]". Nesse momento, o adolescente procura recompor a própria imagem, visando favorecer o parecer judiciário. A angústia, ocasionada pela incerteza de quando receberão o parecer favorável à desinternação, contribui para o sofrimento psíquico desses adolescentes. O tempo indeterminado previsto pelo E.C.A. (6 meses a 3 anos) é sentido como interminável. Averigua-se que alguns adolescentes apresentam dificuldades em representar a recusa da decisão judicial quanto ao término da medida e tentam aliviar o sofrimento psíquico culpabilizando o sistema judiciário, a instituição e a equipe técnica. As insatisfações sentidas como injustas vão se acumulando até provocarem pequenas explosões e conflitos. A justiça e a instituição representam a autoridade difícil de ser aceita.

Por outro lado, para Cleber, a instituição não deveria existir. Para ele, somente os autores de atos infracionais de extrema gravidade deveriam ser encaminhados para a medida sócio-educativa de internação: *"[...] se fosse assim, prá mim não existiria nenhuma Febem né? Se fosse assim... tinha que ter isso aí prá crimes assim, mais forte né? Tipo, latrocínio..."*. Acrescenta que os adolescentes ficariam juntos com os autores maiores de idade, ou seja, uma identificação com a cultura prisional: *"[...] deixava o mano pelo menos um tempo assim, convivendo só com aqueles caras que tem muito tempo prá ficar, 30 anos, 40 anos... ia pensar mais... por mim assim, eu acho que ponhava tudo junto; maior, menor, tudo junto!"*. O adolescente representa as práticas infracionais como "leves" e "graves", porém considera que seu ato infracional, equiparado a roubo, não é tão grave para justificar a medida de internação²².

De acordo com as marcas discursivas, o desejo de que adolescentes e adultos permaneçam juntos talvez esteja relacionado com a valorização de alguns aspectos atribuídos ao adulto como responsabilidade, maturidade e independência. Pode-se pensar que essa

²² Consta no boletim de ocorrência que Cleber e seu grupo ameaçaram, agrediram e amordaçaram os moradores, sendo que, após o fato, fugiram com o veículo da família.

identificação possibilita ao adolescente deixar a posição transitória (criança-adulto) que a sociedade lhe atribui. Por outro lado, quando relata sua opinião, também representa o desejo de uma parcela social que apóia a redução da maioridade penal para os crimes graves.

Para eles, a privação de liberdade impede os contatos diários com os colegas do bairro e a família: “[...] *tipo fica mais revoltado né? Fica longe dos colegas, da família. Fica só trancado. Tem que obedecer todo mundo. Aí fica mais revoltado ainda! [...]*” (Gustavo). Também mencionam que as atividades pedagógicas oferecidas pela instituição são insatisfatórias (futebol, basquetebol, etc.): “[...] *é mais ruim, não tem nada, fica só trancado. Não faz nada, só jogos, jogos [...]*”. Para o adolescente, a representação do ócio na instituição, da “mortificação do Eu”, no sentido de Goffman (1974), é amenizada através das práticas esportivas.

Apesar das várias oficinas pedagógicas e algumas profissionalizantes oferecidas pela Unidade, Cleber menciona interesse em participar de atividades diferenciadas daquelas propostas. O adolescente acredita que, por meio de um curso valorizado socialmente, poderá se inserir com mais facilidade no mercado de trabalho: “[...] *que nem assim, oportunidade que eu falo assim, outros cursos sabe, curso de torneiro mecânico, essas coisas sabe? Se tivesse um curso desse aí, ia sair muitos daqui que já ia pro mundo melhor!*”. Na instituição de internação, o modelo da contenção vem sendo substituído pelo paradigma educativo e profissionalizante, nota-se que a queixa do sujeito refere-se à escassez de ofertas de cursos profissionalizantes especializados.

Muitos adolescentes relatam que se sentem traídos pelos colegas do bairro, principalmente aqueles que participaram do ato infracional e não foram encaminhados para os presídios ou internados; mencionam que, somente os familiares se fazem presentes, acompanhando-os durante todo o período de internação: “[...] *Ele ia prá festa curtir e tal, ele esqueceu de mim quando eu tava lá dentro, quando eu tava na rua lembra! É uma coisa que,*

amigo mesmo, é assim, é você, seus irmãos e sua família [...]” (Cleber). A solidão na internação e o esquecimento dos amigos são queixas frequentes dos sujeitos, pois somente são reconhecidos socialmente através das práticas infracionais.

Outro aspecto evidenciado nas marcas discursivas refere-se ao questionamento no cumprimento das normas e regras institucionais. Para os adolescentes, essa revolta ocorre porque a instituição representa a “lei” (a disciplina das condutas, procedimentos, rotinas, etc.), que muitas vezes, desconsidera a subjetividade e se opõe à individualidade de cada interno. O choque que surge entre os interesses dos adolescentes e a instituição disciplinar manifesta-se por meio do sofrimento psíquico de seus internos, familiares e dos próprios membros da instituição (KÄES, 1991).

7.11 Projeto de vida e o futuro

Alan prioriza um desejo a ser realizado a curto prazo: “[...] *primeiramente dar um abraço na minha família. Comprar e beber uma fanta uva. Comer uma coxinha. E vou atrás de umas garotas né? [...]*” (Alan). Demonstra, assim, um desejo imediatista refletindo um modo de subjetivação construída na sociedade capitalista de consumo. Além disso, Alan também representa a vontade do retorno ao seu meio social, onde as lembranças dos momentos felizes com a família ancora-se num sentimento nostálgico, tal qual os “bolinhos de madeleine” da obra proustiana²³.

Gregor Samsa, ao acordar certa manhã, descobre-se transmutado num inseto indescritível. No livro *Metamorfoses*, ficam evidentes o pessimismo, a desesperança e a dificuldade do personagem kafkaniano buscar sentidos para sua existência. As reflexões

²³ PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. Porto Alegre: Globo, 1983.

existenciais, a paranóia e os delírios acabam por ocasionar mudanças em Gregor, nas formas de se comportar, sentir e opinar²⁴.

Tal como Gregor, fechado no seu quarto, os adolescentes em privação de liberdade, refletem sobre sua condição existencial. Durante a internação, os internos apresentam intensos desejos, elaborando planos de mudanças para suas vidas que ocorrerão após o parecer favorável do juizado.

Voltar para a casa e conviver de maneira harmoniosa com os familiares é uma das expectativas mencionadas pelos adolescentes: “[...] *pretendo melhorar, tá ajudando meu filho aí né? Minha mãe, minha mãe tá dando uma força prá ele. Vou voltar prá minha família porque... não tá tudo acabado não [...]*” (Romário). Essa é a fantasia do retorno ao lar feliz e harmonioso citado na obra hessiana, tal e qual o personagem Harry Haller, nos momentos em que divagava nas escadas da pensão²⁵.

Porém, muitos familiares, principalmente dos adolescentes reincidentes, alegam que, após internação, vários não cumprem os planos arquitetados durante o cumprimento da medida sócio-educativa. A família relata que, por um período, mantêm muitas das rotinas introjetadas na instituição, porém, com o passar dos dias, acabam retornando a conviver com os colegas envolvidos do bairro.

Os relatos dos adolescentes, que retornam para a instituição, apontam a dificuldade de inserção social como um dos fatores impeditivos a estruturação dos planos elaborados durante o cumprimento da medida. Dessa forma, as condições materiais de existência desses sujeitos não sustentam a ideologia do trabalho, assim a reincidência no ato infracional é representada como um “mal necessário” e objetivada na forma de uma subsistência.

Quando os familiares são questionados sobre o porquê de os filhos se envolvem com a criminalidade, são unânimes em dizer: “*é por causa das más companhias*”. Num jogo de

²⁴ KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁵ HESSE, H. **O lobo da estepe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

empurra-empurra percebe-se a dificuldade de se encontrar “culpados” para explicar o fenômeno da violência juvenil. A família reconhece somente fatores externos como determinantes para o envolvimento infracional do adolescente, não conseguindo assimilar que a prática infracional também é fruto de conflitos e contradições existentes no próprio grupo familiar.

Romário menciona que um dos primeiros objetos de consumo que pretende obter são roupas: “[...] preciso comprar um tênis: ‘achei aquele tênis bonito’. Vou comprar e tal uma roupa, não comprar uma de 5 reais quando sair daqui. Não, vou comprar uma de 25 [...]”. Por outro lado, Gustavo tem o desejo de continuar os estudos e trabalhar para ajudar a família: “[...] terminar o estudo. Arrumar um serviço registrado. Comprar minha casa, minha carta e ter minha família. Pensar na minha família [...]”. Conforme Abric (2003) se configura uma zona muda das representações sociais, composta de elementos não verbalizáveis pelos sujeitos para não contrariar as normas sociais vigentes. Constata-se nas marcas discursivas que os adolescentes, diante de um interlocutor que representa a instituição, discursam em conformidade com o que se espera socialmente (estudo, trabalho, família, etc.) .

As instituições totais podem ser definidas como um local onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974). Assim, quando estão internados, incorporam um discurso politicamente correto, salientando promessas de continuidade dos estudos e vontade de inserção no mercado de trabalho, no entanto, percebe-se que, quando desinternados, manifestam dificuldades para retornar à comunidade e regularizar alguns aspectos de sua vida diária.

“[...] comer uma lasanha, hein senhor? Vou pedir dinheiro para meu avô e vou comprar! [...]” (Carlos); “Vou sair, chegar em casa, tomar um banho de uma hora e meia para tirar as zicas do corpo [...]” (Carlos). As marcas discursivas apresentam a capacidade

da instituição de se impregnar simbolicamente nos corpos dos indivíduos por meio de suas regras e normas. Essa é a representação do ato infracional e da internação como coisas “sujas” e o banho prolongado como uma necessidade de “limpeza” e purificação.

7.12 Figuras de autoridade: a justiça e os governantes

Os adolescentes representam as autoridades políticas pejorativamente como poderosas, corruptas e interesseiras: “[...] apenas um cara de terno e gravata que tem um poder a mais que os outros [...]” (Alan); “Eles roubam e não vai preso. Roubam dinheiro do povo [...]” (Gustavo); “[...] é que eles roubam mais que nós!” (Gustavo). Tem-se assim, a representação do ato infracional cometido pelos poderosos.

O “*Pobre só anda de carro quando vai preso*”, frase citada no livro “Folclore, etc. & tal”²⁶. Esta frase, apesar de “folclórica”, representa um pensamento que está arraigado no imaginário social brasileiro. Aponta a divisão de nossa sociedade entre ricos e pobres, e os mais favorecidos, como os detentores dos bens materiais, do prestígio e do poder. Essa objetivação também reproduz a imagem da criminalização da pobreza.

Os internos apresentam desilusões frente aos representantes políticos e suas ideologias tradicionais, e observa-se que se identificam com os problemas da realidade em que vivem além de se mostrarem críticos quanto a situação político-social do país: “*Não ajuda mesmo e não faz nada por você. Esses caras é tudo igual, tudo sem vergonha esses caras aí... o verdadeiro colarinho branco [...]*” (Alan). Os delitos praticados pelos corruptos infiltrados no aparelho do Estado servem de modelo para que o grupo de adolescentes legitime suas ações infracionais.

²⁶ SOUTO MAIOR, M. **Folclore, etc. & tal**. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

Muitos adolescentes se servem de exemplos dos crimes de colarinho branco para legitimar seus atos infracionais. Por outro lado, a elite brasileira também possui suas representações sobre a criminalidade, baseadas no pensamento preconceituoso e excludente do pobre como criminoso.

Para Gustavo, pode-se corromper o sistema judiciário por meio do suborno: “[...] *Dinheiro né? Tem como comprar juiz né? Tem advogado bom por causa disso!*”. A justiça é representada como mercadoria pelo sujeito. Averigua-se que o adolescente coloca em dúvida a atuação ética dos legisladores brasileiros, pois estão totalmente identificados com os padrões determinados pela elite do país, que se colocam acima de qualquer suspeita. Já Romário representa a justiça como punitiva: “[...] *porque às vezes ele não põe nós aqui, tranca nós e fala: ‘tem que ficar preso aí’ [...]*”. É o chamado “caráter de classe” da instituição judiciária voltada para servir aos interesses das classes hegemônicas.

De acordo com as marcas discursivas, percebe-se que os adolescentes, mesmo sendo orientados cotidianamente sobre informações preconizadas pelo E.C.A., mantêm apenas a visão punitiva das instituições judiciárias. No entanto, de acordo com o Estatuto, o período de internação é variável, não ultrapassará 3 anos e leva-se em consideração à participação do adolescente nas atividades pedagógicas, esportivas e profissionalizantes. Além disso, espera-se do adolescente o respeito pelas normas e regras estipuladas pela instituição.

Um dos entrevistados representa o funcionamento da justiça equiparando-o à lei do talião (“olho por olho, dente por dente”): “[...] *justiça prá mim, é correr pelo certo, é pegar as pessoas que fizeram errado. Fazer elas pagar por aquilo que ela fez! [...]*” (Milton). Nesse fragmento percebe novamente a lógica do “crime e castigo”.

Nota-se que a influência ideológica do crime organizado se reflete no discurso do adolescente, pois a representação social de justiça, ancorada na vivência e identificação com os grupos marginalizados, projeta-se na forma de como ele sente o sistema judiciário. Quando

o sujeito não está incluído no sistema capitalista de produção e consumo, ele tende a não respeitar o código de leis e normas que regem esse sistema.

7.13 Crenças religiosas e o sagrado

Carlos cita uma frase, extraída de uma letra de rap, para representar sua esperança de retornar para a comunidade e não ser mais visto apenas como um adolescente infrator: “[...] *‘Onde estiver, seja lá como for, tenha fé, porque até no lixo nasce flor’*. *Tem que ter esperança de nascer flor no lixo, porque não pode nascer? Tudo realidade! [...]*”²⁷. Dessa maneira, o sujeito atribui um sentido poético a sua recuperação.

As crenças atribuem sentidos a existência do indivíduo e os favorecem na adequação de condutas a partir dos valores e às normas vigentes. O “certo” e o “errado” derivam de princípios morais e são introjetados pelos indivíduos, recriados cotidianamente.

Alan, a partir de seus conhecimentos sobre assuntos abordados na bíblia, representa que o “final dos tempos” está próximo: “[...] *porque a humanidade ultimamente aí ó... tá batendo as botas. Não sabe o que acontece, parece mesmo aí... ver o que está escrito nas bíblias aí, o banguio bate tudo ultimamente que você vê aí. Todos os fatos todo mundo aí. É filho matando pai, pai matando filho aí ó! Só deselegância que tá aí. Umas coisas loucas que você vê ultimamente, essas coisas aí meu [...]*”. Assim, o adolescente constrói uma representação apocalíptica do holocausto nuclear como única forma para restabelecer o equilíbrio da ordem social.

Estamos a todo o momento sujeitos a influência de alguma religião. Basta para isso, sermos capturados por alguma instituição religiosa que possa dar sentido para nossas questões

²⁷ A frase faz parte da letra da música “Vida Loca-parte 1” do grupo Racionais MC’s.

existenciais. O adolescente representa a fúria divina como castigo pelos acontecimentos mundanos atuais, logo ele representa o ato infracional como “coisa do demônio”.

Gustavo representa o dinheiro como maldito e acredita que foi uma obra criada pelo diabo: *“Dinheiro é maldito, não vem de Deus, é do diabo. Vem fácil porque vem fácil, vai fácil!”*. Para o adolescente, o dinheiro possui um valor simbólico maligno, e representa o dinheiro como volátil obedecendo a lógica do capitalismo, pois visa preencher um vazio existencial por meio de um consumismo insaciável.

Cleber teme a figura sagrada, pois possui a representação de que foi punido por não cumprir sua promessa: *“[...] eu pedia: ‘me tira desse lugar senhor!’. Eu sai com 7 meses, prometi ir na igreja, fiz uma prova com Deus!... desconversei, voltei prá trás... foi onde que eu acho que fui cobrado na lei da natureza também [...]”*. Acredita que sua atitude temerária foi castigada por sucumbir aos seus desejos e agir contra a vontade de Deus.

Fábio acredita que somente o poder divino pode transformar existências: *“[...] se a pessoa pegar firme, acredito que sim. Muitas pessoas viraram evangélicos, crente, saiu dessa vida”*. Nesse fragmento discursivo, parece constituir-se a representação do ato infracional como demoníaco e a recuperação como algo da esfera do sagrado.

Para os adolescentes, a proteção encontrada numa religião, ilusão que tem como objetivo implícito amenizar a dor causada pelo desamparo, torna-se uma das possibilidades para resignarem-se da vida infracional e assim encontrarem um sentimento de pertença comunitária a partir dos preceitos de uma doutrina religiosa. A opção por uma crença religiosa acaba sendo uma fuga das frustrações do viver (FREUD, 1929). Desta forma, o diálogo com o sagrado aplaca a solidão e preenche a angústia do vazio identitário.

7.14 Reflexões sobre a morte

Os adolescentes indicam a existência de vários riscos pessoais inerentes às ações infracionais: “[...] *ou vai acabar preso ou vai acabar morto!*” (Gustavo). Esse é o sentido trágico atribuído pelo sujeito ao ato infracional.

A trajetória existencial dos adolescentes infratores passa por diversas cobranças sociais (estudo, trabalho, consumo, etc.) Essas cobranças também podem empurrá-los para o envolvimento em novas práticas infracionais, visto que, muitas vezes, alguns deles não encontram espaço e oportunidade de inserção social.

Alan relata que a obtenção de dinheiro, por meio de um ato infracional, pode ser perigosa e imprevisível: “*De um lado compensa, que você vai sair com o baguio que vai estar te ajudando, por alguns momentos. Por outro lado não compensa, porque você poderia ter ido para um outro lugar, para uma cadeia, para uma Febem... ou talvez até morrido. Ninguém sabe o que poderia ter acontecido [...]*”. Nesse fragmento discursivo temos a representação dos dilemas atribuídos ao ato infracional, uma reflexão moral a respeito dos prós-contras no envolvimento desses adolescentes com o grupo de infratores.

O grupo Racionais MC’s, representa na letra “Negro Drama”, aspectos presentes no imaginário desses adolescentes: “*Me ver/ pobre, preso ou morto/ já é cultural*”²⁸. Nota-se que o mito da proposta igualitária e da mobilidade social transforma-se em drama e não condiz com a realidade vivida. Assim, esses adolescentes que se sentem desamparados encontram pertencimento no grupo marginalizado.

Os adolescentes referem, através das marcas discursivas, um processo de banalização da morte, que surge como mecanismo de defesa necessário ao enfrentarem os riscos inerentes às práticas infracionais assumidos com o estilo de vida adotado.

Ao se identificarem com o discurso do grupo em questão, percebe-se ecos simbólicos semelhantes ao discurso fundamentalista onde a palavra é a lei, tão presente nos atos

²⁸ RACIONAIS MC’s. 1000 trutas, 1000 tretas. DVD, 2006. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SUGybqv_2Yo&mode=related&search=>

terroristas na modernidade. Para Koltai (2002), no discurso fundamentalista, “a palavra se torna sinônimo de Deus e é evidente que este só pode querer nosso bem, é, pois, preciso impô-lo pela força e azar daqueles que nada querem saber desse bem”.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da experiência em atendimentos técnicos realizados na Fundação CASA (ex-FEBEM), foi possível escutar diversos elementos comuns nos discursos dos adolescentes cumprindo medida sócio-educativa de internação. No decorrer da pesquisa, percebeu-se a complexidade dos sentidos que esses adolescentes atribuem às suas experiências no processo psicossocial e também como as representações sociais elaboradas e partilhadas entre eles contribuem para a construção de uma realidade comum ao grupo.

Os adolescentes discursam numa temporalidade onde se dá a fusão do passado, presente e futuro, relatando sobre suas vivências e o processo de exclusão/inclusão social na qual atuam como personagens sociais. As trajetórias existenciais do grupo de entrevistados foram analisadas por meio de suas reflexões sobre os momentos anteriores à internação, na convivência com a família e amigos do bairro, na relação dos sujeitos com os funcionários e demais adolescentes durante a internação e nas expectativas para o retorno ao meio social após o cumprimento da medida.

As transformações sociais na cultura ocidental vêm exercendo forte poder na população jovem brasileira. Observa-se que os adolescentes se apresentam influenciados pela cultura do narcisismo (LASCH, 1983) e do espetáculo (DEBORD, 2000), mostrando-se sem perspectivas em relação ao futuro e culminando com a pouca motivação para a construção da individualidade, no que se refere à vida pessoal, profissional e familiar.

Provindos de famílias pobres, mas não em situação de miserabilidade, constata-se que muitos deles se inseriram no mercado de trabalho ainda na infância. De acordo com a história de vida, foram incentivados pelos familiares a se iniciarem precocemente em atividades laborais no setor terciário, que exige baixa qualificação profissional. Fatores culturais, econômicos e de organização social aparentam serem os motivos que fomentaram a necessidade deles começarem a trabalhar.

Todos os adolescentes participantes desta pesquisa presenciaram situações de violência doméstica, seja de maneira ativa ou passiva. Responsabilizam a figura paterna pelas relações de violência no grupo familiar; a figura materna idealizada é percebida como acolhedora, conselheira e amorosa. Relações de duplo vínculo intermedeiam a dinâmica familiar, ocasionando distúrbios na comunicação entre os membros e contribuindo para manifestações de violência na família. Para alguns desses sujeitos, o sentido da prática infracional está pautada numa tentativa de vingança ou reparação de episódios familiares de violência.

A falência de um modelo institucional escolar calcado na disciplina dos corpos é observada nos discursos dos sujeitos. A evasão escolar coincide com o momento de iniciação da prática infracional e o uso de substâncias entorpecentes. Os sujeitos relatam episódios de violência escolar em que se envolveram em situações de confronto com educadores e alunos como forma de extravasar suas insatisfações frente ao sistema escolar excludente.

A escolarização, por motivos culturais, não é incentivada pela família e muitos adolescentes buscam na inserção no mercado de trabalho, complementar a renda mensal domiciliar. De acordo com a pesquisa, mencionam que a medida sócio-educativa de internação pode favorecê-los a retomar os estudos, pois, quando internados, a rotina pedagógica favorece reflexões pessoais futuras para que invistam novamente na escolarização. Os adolescentes entrevistados representam o ato infracional como decorrente

de uma vida impensada e impulsiva (“vida loca”) e a internação é sentida como lugar para a meditação.

A sociabilidade dos adolescentes em conflito com a lei está relacionada a outros pares que estão envolvidos em práticas infracionais. Os adolescentes referem que, conforme vão se envolvendo em situações delitivas, simultaneamente, distanciam-se dos outros colegas e permanecem cada vez mais com os colegas infratores. Tal e qual num ritual de passagem, inicialmente se inserem no grupo desenvolvendo pequenos delitos procurando ganhar a confiança e reconhecimento de seus pares.

Ao tornar-se membro, identifica-se com os princípios de fidelidade e de honra, de acordo com os códigos pregados pelos comparsas. Uma vez nomeados pelo grupo, partilham a mesma convenção e vão se tornando distintos de outras pessoas adquirindo sua própria individualidade e reconhecimento (MOSCOVICI, 2004). Por meio das ações infracionais os sujeitos vinculam-se ao grupo, proporcionando um sentimento de pertença entre seus membros. Percebe-se, entretanto, que se relacionavam com seus pares e fregueses de maneira fugaz, da mesma forma que as rotineiras trocas capitalistas sem envolvimento emocional e obedecendo às regras impessoais do mecanismo do contrato.

Segundo as marcas discursivas, vários foram os fatores que impulsionaram os adolescentes à vivência infracional: situação financeira na família, desejo de aquisição de bens de consumo, influência do grupo de pares e o histórico de violência doméstica. Nota-se que os primeiros atos infracionais se deram na transição entre a infância e adolescência, num momento de desenvolvimento social, físico e intelectual dos sujeitos. O ato infracional configura-se como ato afirmativo num mundo da falta e da negação.

Os adolescentes são influenciados por uma sociedade onde o valor prioritário é ter posses de objetos, coisas e pessoas. Sob a égide da posse desses itens, percebe-se que ter é ser, ou seja, tornou-se o valor necessário para existir na sociedade de consumo. O poder é

representado pelo dinheiro, a possibilidade de aquisição de bens de consumo (roupas, veículos motorizados, etc.) e a conquista de mulheres. Os sujeitos indicam que, por meio dos atos infracionais cometidos, além do dinheiro e do poder de consumo, é possível obter um reconhecimento por razões estéticas, ou seja, como forma narcísica de ser admirado como herói. Assim, são regulados pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro (BIRMAN, 1999). Os atos infracionais praticados por esses adolescentes são sentidos como demonstração de poder e possibilidade de inclusão social.

Dentre as principais infrações iniciais, constata-se o consumo de drogas e pequenos furtos, no entanto, gradativamente e de acordo com o perfil de cada adolescente, vai se envolvendo em atos infracionais mais sérios como o tráfico de entorpecentes, os roubos (simples e qualificado) e alguns culminando com a prática de homicídios.

Compõem-se um quadro de banalização da violência por parte dos adolescentes ao cometerem os atos infracionais e percebe-se que ancoram suas representações sociais em preceitos ditados pela ideologia do crime organizado. Buscam assim, amenizar os sofrimentos causados após as ações, por cometerem atos que eles próprios reprovam. Identificados com a ideologia marginal, a racionalização do mal é um mecanismo para não correrem o risco de não mais serem reconhecidos pelos outros colegas e para não perderem as vantagens de pertencer à comunidade de “homens viris” (DEJOURS, 2000).

A hierarquização das práticas delitivas é observada e os atos infracionais que envolvem violência sexual contra a vítima e aqueles relacionados à delação são condenados pelo grupo. O equilíbrio funcional do grupo necessita da criação de bodes expiatórios para que os sentimentos hostis (desprezo e/ou ódio) sejam projetados para o exterior, contra os “fora da lei” (ENRIQUEZ, 1999).

Os adolescentes parecem valorizar os delitos que exigem dos infratores a frieza e a coragem ao cometerem os atos, ou seja, quando usam a violência física contra a vida da

vítima (latrocínio, homicídio, roubos qualificados), pois, geralmente os meios de comunicação despertam discussões da opinião pública.

Grande parte dos adolescentes infratores não é diretamente envolvida com o crime organizado, mas seguem os preceitos divulgados pelo grupo. Salientam que a “sorte” é o fator preponderante para o sucesso do ato infracional realizado. Alguns princípios também são valorizados pelos adolescentes, para a manutenção da coesão grupal: a “transparência”, o “respeito” e a “lealdade”. Em relação às infrações praticadas contra uma parcela da população que eles consideram “ricos”, legitimam as ações por meio da desconsideração do sofrimento provocado nas vítimas e, como consequência, do ato praticado. Temos assim, a representação do ato infracional como justiça dos pobres.

De acordo com a pesquisa, os adolescentes mencionam que são estigmatizados pela sociedade e esses referem que os principais responsáveis pelo processo de exclusão são os alcagüetes, a polícia e a opinião pública. Os alcagüetes, também chamados pejorativamente de “zé povim”, são os sensores responsáveis pela delação do grupo marginal ao sistema policial.

A polícia, por sua vez, é vista como corrupta, violenta e injusta. A opinião pública, por meio dos preconceitos manifestados pela sociedade, estigmatiza o adolescente infrator como “menor”, ou seja, cidadão com características físicas, psíquicas e culturais inferiores. Os sujeitos verbalizam o sofrimento ocasionado pelo desejo de “ser alguém” e o impedimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior, sem valor, apêndice inútil da sociedade e impossibilitado de desenvolver o seu potencial humano (SAWAIA, 1999).

A internação é sentida por eles como reclusão e se assemelha ao sistema prisional, porém, os sujeitos têm consciência de que estão submetidos a uma medida sócio-educativa preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. A restrição espacial e temporal impõe uma perda da escolha pessoal, fomentando, assim, a revolta, mas reconhecem que o cumprimento da medida representa um momento para se submeterem a um conjunto de

valores (escolarização, atividades pedagógico-esportivas, resgate do relacionamento familiar, etc.), buscando proporcionar-lhes mudanças quanto às suas condições existenciais após o período de internação.

A pesquisa evidencia que o choque causado entre os interesses do interno e a instituição disciplinar manifesta-se por meio do sofrimento psíquico de todos os membros: internos, familiares e funcionários. Para Käes (1991), a instituição é um objeto psíquico comum que não sofre, no entanto, o sofrimento revela-se na relação de seus membros com ela.

Verificam-se nas marcas discursivas que os sujeitos incorporaram um discurso politicamente correto, indicando promessas de continuar os estudos e de inserção no mercado de trabalho. Nota-se ainda que os discursos dos adolescentes refletem um modo de subjetivação influenciado pelo sistema capitalista de consumo, momento que relatam desejos que priorizam satisfações em curto prazo e também mencionam o desejo de viver harmoniosamente com seus familiares respeitando as orientações de seus pais e buscando melhores perspectivas de relacionamento. No entanto, percebe-se que encontrarão dificuldades ao retornarem à comunidade devido aos estigmas e preconceitos que enfrentarão socialmente.

A capacidade da instituição de se impregnar simbolicamente nos corpos dos adolescentes por meio de regras e normas, reflete no desejo de um dos entrevistados tomar um banho prolongado para se “purificar”.

As autoridades da política e da justiça são representadas como poderosas, corruptas e interesseiras, apontam ainda que existe uma divisão social entre os ricos e os pobres, sendo que, os mais favorecidos financeiramente são os detentores do prestígio e do poder. Averigua-se que os adolescentes colocam em dúvida a atuação ética dessas autoridades, que se colocam

acima de qualquer suspeita. Assim, os sujeitos se servem de exemplos dos crimes de colarinho branco para legitimar seus atos infracionais.

Os adolescentes crêem na existência de Deus e do Diabo, como entidades em oposição, capazes de exercerem poderes sobre as atitudes humanas. A figura divina é temida e representada como possibilidade de transformação de suas existências e de amparo diante do sofrimento. O dinheiro e os desejos mundanos por ele despertados são representados como obras demoníacas. A proteção comunitária encontrada no grupo religioso pode amenizar a dor causada pelo desamparo e contribui para que muitos adolescentes resignem-se da vida infracional.

A morte é representada como inerente ao envolvimento infracional. Observa-se que sua banalização, por meio da negação, manifesta-se como mecanismo de defesa necessário para que os adolescentes enfrentem os riscos de morrerem nas ações delitivas.

Na tentativa de se elaborar um diagnóstico para o fenômeno da violência juvenil, procurou-se por meio da pesquisa, levar em consideração o panorama político, social, econômico e cultural dos sujeitos entrevistados. O processo de exclusão social ocorrido durante a trajetória existencial desses adolescentes culmina com a possível inclusão deles numa comunidade paralela à esperada.

Como integrantes de um grupo periférico, re-simbolizam a autoridade de uma outra ordem social e se iludem numa experiência de um gozo onipotente de tudo poder e de tudo ter. Essa violência das classes populares é, portanto, uma afronta face aos dispositivos sociais, que são incapazes de os reconhecerem como indivíduos de direitos.

Portanto, a partir de uma perspectiva qualitativa de pesquisa, espera-se que os dados e reflexões sobre a subjetividade dos adolescentes em conflito com a lei auxiliem na compreensão do fenômeno da violência, no que tange ao mal-estar na atualidade. As representações sociais de atos infracionais apontam para sentidos paradoxais de poder, de

acesso ao paraíso de consumo, de potência e, ao mesmo tempo, como obra demoníaca que poderá ser punida com as possibilidades de privação de liberdade e de morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ABRIC, J. C. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: Abric, J. C. (org.). **Méthodes d'étude des représentations sociales.** Saint-Agne: Érès, 2003.

ADORNO, S. Ética e violência: adolescentes, crime e violência. In: Abramo, H.W. et al. (org.). **Juventude em Debate.** São Paulo: Cortez, 2002.

ALMEIDA, A.M.O., SANTOS, M.F.S., TRINDADE, Z.A. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. **Temas em psicologia da SBP,** Ribeirão preto, v. 8, n. 3, p. 257-267, 2000.

ALMEIDA, M. M. **Compreendendo estratégias de sobrevivência de jovens antes e depois da internação na FEBEM de Ribeirão Preto.** 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1998.

ANADON, M.; MACHADO, P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais.**

Salvador: UNEB, 2001.

ARIÈS, P. **História Social da família e da criança.** RJ: Zahar, 1981.

ARTAUD, A. **O teatro da crueldade.** Rio de Janeiro: Perspectiva, 1990.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas.** Tradução Marcus Penchel. RJ: Jorge Zahar. 1999.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1994.

BAZON, M. R. **Psicoeducação: teoria e prática para a intervenção junto a crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial.** Ribeirão Preto: Holos, 2002.

BIASOLI-ALVES, Z. M.M.; ROMANELLI, G. **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Ed. Porto, 1997.

- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Internação do adolescente segundo os principais delitos praticados**. Brasília: 2002a. Disponível em:
<http://www.risolidaria.org.br/estatis/view_grafico.jsp?id=200406150012> . Acesso em: 6 jun. 2006.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Mapeamento nacional da situação do atendimento dos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas**. Brasília: 2002. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/ct/spdca/pesquisa_perfil.htm>. Acesso em: 6 jun. 2006.
- BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Levantamento estatístico do número de adolescentes cumprindo medidas sócio-educativas, no Brasil, em janeiro de 2004**. Brasília: 2004. Disponível em:
<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/spdca/Adolescentes_em_mse.doc>. Acesso em: 6 jun. 2006.
- CALLIGARIS, C. **Hello Brasil!**: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1996.
- CARBONE, R. A.; MENIN, M. S. S. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, 2004.
- COSTA, J. F. Narcisismo em tempos de violência. In: FERNANDES, H.R. (org.). **Tempo do desejo**: sociologia e psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DEBORD, G. **A sociedade espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DOSTOIÉVSKI, F.M. **Crime e Castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ESPINDULA, D.I H.; SANTOS, M. F. S. Representations on adolescence by the educators of juvenile transgressors. **Psicol. estud.**, Sept./Dec. 2004, vol.9, no.3, p.357-367.

FARR, R. M. Las representaciones sociales In: Moscovici, S. (org.). **Psicologia social**. Barcelona: Paidós, 1985.

FERRAREZI, E. R. **Evolução das políticas dirigidas à infância e a adolescência: a Secretaria do Menor de São Paulo e a introdução de um novo paradigma**. 1995. Dissertação (Mestrado em Administração e Planejamento Urbano), FGV/EAESP, São Paulo, 1995.

FLORES SULLCA, T.; SCHIRMER, J. Intrafamily violence during adolescence in the city Puno - Peru. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Jun. 2007.

FORBES, J. **Você quer o que deseja?** São Paulo: Best Seller, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 25ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (E.S.B)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1916). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. **E.S.B.** Op. Cit., v. XIV, p. 325-347.

_____ (1921). Psicologia das massas e análise do eu. **E.S.B.** Op. Cit., v. XVIII, p. 79-154.

_____ (1928). Dostoievski e o parricídio. **E.S.B.** Op. Cit., v. XXI, p. 181-200.

_____ (1929). O mal-estar na civilização. **E.S.B.** Op. Cit., v. XXI, p. 73-148.

FRONTANA, I. C. R. C. **Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1999.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 4ª edição. RJ/SP: Record, 2005.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUARESCHI, P.A. Representacionais sociais: avanços teóricos e epistemológicos. **Temas em psicologia da SBP**, v. 8, n. 3, p. 249-256, 2000.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

HESSE, H. **O lobo da estepe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

HORACE. **Oeuvres**. Paris: Garnier-Flammarion, 1967.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: Moscovici, S. (org.). **Psicologia social**. Barcelona: Paidós, 1985.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

KÄES, R. O trabalho da morte nas instituições. In: Käes, R. et. al. **A instituição e as instituições**. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1991.

KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KODATO, S.; SILVA, A. P. S. Homicídios de adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 2000, vol.13, n. 3, p.505-515.

KOLTAI, C. A Tentação do Bem: O Caminho mais curto para o pior. **Revista Agora**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 09-18, 2002.

KURZ, R. O fim da cultura de diversão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 de set. de 2003.

Caderno Mais.

LACAN, J. (1950) Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia, In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LANE, S.T.M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: CODO, W.; LANE, S.T.M. (orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEVISKY, D. L. Aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. In: _____. **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 19-34.

MARCÍLIO, M.L. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARIN, I. S. K. **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATHEUS, T. C. **Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

- MATHIESEN, T. **The viewer society:** Michel Foucault's 'panopticon' revisited. *Theoretical criminology*, v. 1, n. 2, p. 215-34. 1997.
- MELMAN, C. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania:** uma outra forma de gozar. São Paulo: Escuta. 2000.
- MENIN, M. S. S., Atitudes de adolescentes frente à delinquência como representações sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16. n. 1, p. 125-135, 2003.
- MERISSE, A. Origem das instituições de atendimento à criança pequena: o caso das creches. In: MERISSE, A.; JUSTO, J.S.; ROCHA, L.C.; VASCONCELOS, M.S. (orgs.). **Lugares da Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo: Arte e Ciência. (1997).
- MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. On social representation. In: Forgas, J.P. (orgs). **Social Cognition: Perspectives on Everyday Thinking**. London: Academic Press, 1981.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NAFFAH NETO, A. **O inconsciente:** um estudo crítico. São Paulo: Ática, 1985.

OLIVEIRA, C. S. **Sobrevivendo no inferno:** a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEIRA, M. C. R. **O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei.** 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

PERALVA, A. **Violência e democracia:** o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

PEREIRA, F.R.P. **Jovens em conflito com a lei:** a violência na vida cotidiana. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo. 2002.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido.** Porto Alegre: Globo, 1983.

RAMIDOFF, M. L. **Lições de direito da criança e do adolescente:** ato infracional e medidas sócioeducativas. Curitiba: Juruá, 2005.

RAMOS, F. P.; NOVO, H.A. Media, violence and otherness: a case study. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 9, n. 3, p. 491-497, 2003.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Editora: Jorge Zahar, 1999.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol.22, n.1, p. 33-41. mar. 2005. ISSN 0103-166X.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: Sawaia, B. B. (org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade**. Petrópolis: 1999, p. 97-118.

SCIVOLETTO, S. A adolescência. In: Fleitlich-Bilyk, B. et al. **A saúde mental do jovem brasileiro**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004, p. 23-41.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMAO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações rurais e agroindustriais**, Lavras, v.7, n.1, p.70-81, 2005.

SOUTO MAIOR, M. **Folclore, etc. & tal**. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

SPINK, M. J. O estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Porto Alegre: L.P.M., 1988.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1998.

VALLA, J. Representações Sociais - Para uma Psicologia Social do Pensamento Social. In: Valla, J.; Monteiro, M. B (orgs), **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VOLPI, M. **O adolescente e o ato infracional**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1997.

WAGNER, W. Sociogenêse e características das representações sociais. In: Moreira, A.S.P.; Oliveira, D. C. (orgs). **Estudos interdisciplinares em representações sociais**. Goiânia: AB, 1998.

WERBA, G. C.; OLIVEIRA, F.O. Representações Sociais. In: Guareschi, P. A. et al. **Psicologia social contemporânea**. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 104-117.

WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 3-17, 1999.

ZALUAR, A. Violência: questão social ou institucional. In: OLIVEIRA, N.V. (org.). **Insegurança pública: reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista**Fábio – 17 anos – 2 passagens pela internação (tráfico, homicídio)****Bom, o que você está fazendo na FEBEM? Que ato infracional você fez para estar aqui na instituição FEBEM?**

Cometi um homicídio!

Você poderia explicar como foi a situação e tal?

Ah, pois é, tinha um certo cara que ficava perto de casa assim e era um tarado, “jack”, gostava de fazer coisas obscenas para mulheres e crianças e ele ia prá frente da escola masturbar, fazer essas coisas, na porta da escola em frente a minha casa! Aí resolvi matar ele, só isso só!

E sua primeira passagem na FEBEM? Quantas passagens você teve?

Três!

Três passagens?

Três!

Quais as outras passagens que teve?

Fui pego com drogas, as outras duas eu fui pego, as duas outras últimas fui pego com droga e nessa agora com homicídio.

Você passou quanto tempo na primeira internação?

Na primeira passagem fiquei uma semana, na segunda fiquei 4 meses e meio!

... era internação mesmo?

A primeira eu nem sabia, fui embora do nada! Agora a segunda eu tava numa quebra de L.A., aí eu fugi e aí eu fui pego de novo, deu quatro meses e depois fui embora!

Gostaria que você contasse um pouco como foi sua inserção nesses atos infracionais, bem no início, você lembra, os primeiros atos infracionais seus! Você lembra?

Por exemplo!

Primeira vez que infracionou!

Ah, porque não sou tipo assim de pedir dinheiro para minha mãe e tal e não gosto. Não vou pedir dinheiro, tipo, minha mãe também não ia dar dinheiro... aí eu ia roubar, eu não gosto de pedir dinheiro pros outros eu já vou, faço minha correria e já consigo eu mesmo!

Você fez muito roubo na vida?

Ah, fiz bastante já! Agora não faço mais não!

Mas naquela época..

É, naquela época eu roubava mesmo! Agora já... *(fez movimento com a mão dizendo que não! ou "tá de boa" segundo o significado)*

Você poderia citar algum exemplo de um roubo bem sucedido seu?

Ah, uma loja de informática, já catei duas vezes! Duas lojas de informática, supermercado, mas nunca fui preso com roubo! Sempre deu certo com roubo, só com droga mesmo tive azar!

Isso não chama atenção para praticar outros não?

Não, mas agora to saindo daqui já, de mente erguida, já to de maioridade, com objetivo de estar distante da cadeia, ficar com meus familiares tal, arrumar um serviço prá mim, agora bola prá frente uai!

Você falou sobre o tráfico de drogas né! Que você cometia antes da internação! Como era essa situação? Como você fazia no cotidiano do seu trabalho?

Ah, por exemplo, eu ficava atrás da amizade com os caras que é patrão mesmo, daí a gente começa a trabalhar pros caras e tal, aí os caras já começa a confiar em você e você já fica interado na fita já! O cara já chaveô e tá a parada na sua mão, aí você começa a vender você ganha a sua parte e o cara fica trabalhando!

Quantos anos você tinha nessa época? Que você começou a traficar?

Ah, uns 13 prá 14!

Sua primeira função ali!

Ah eu, catava a droga e ficava tipo na esquina e tal, no campo, ficava ali traficando e tal. Daí o freguês vinha e pedia o quanto queria e eu servia ele!

Você tinha tática para driblar a polícia assim?

Ah, só a droga ficava longe de mim logicamente! Ficava tipo com 10/15 metros longe da quantidade de entorpecente né senhor? Eu, quando a pessoa vinha eu falava ó: “dáum pião aí e tal”, ele dava uma volta do quarteirão eu ia no mocó, catava a droga e servia a pessoa, tinha a droga e já era! Ia embora e a grana ficava na mão!

Que tipo de droga você vendia na época?

Maconha só!

Outras drogas não?

Outras drogas não vendia!

Por quê?

Porque eu não gosto desses outros tipos de drogas! Só maconha mesmo! Ainda tipo, eu não gostava de vender droga! Eu tava meio sossegado!... Só quando colocava dinheiro na minha frente resolvia vender para mim não ficar sem dinheiro, né senhor?

Sua vida antes da sua internação, quando você era mais jovem, em relação a sua família. Como era seu dia a dia?

Ah, meu dia a dia tipo, era bem! Tipo eu gostava muito de ficar na rua quando era pequeno e a noite eu voltava! Aí tipo assim, eu saía cedo, voltava para almoçar, jantar. Aí tipo, saía depois da janta e tinha que voltar às 7 horas. Se eu não voltasse 7 h, ou ela ou meu irmão ia atrás de mim. Daí eu sai de casa: “não, não eu vou ficar mais um pouco!”. Ficava até umas 10, minha mãe chegava! ...chegava em casa trancava e eu ficava lá! Aí eu pulava o muro e saía. Minha mãe já tentou várias vezes me tirar das ruas já! É que sou cabeça dura, tipo, não soube aproveitar as oportunidades. Aí comecei a me envolver no meio né senhor? Aí...

Você tinha muitos amigos envolvidos assim?

Não. Eu tinha, vamos supor, eu tinha meus amigos que eram chegados, jogava bola com eles, soltava pipa e tal. Aí, tipo comecei, eu vinha onde ficava os manos mesmo. Começava ir lá os manos: “não, sai daqui e tal, prá que ficar aqui?”. Aí eu persistia e ficava. Ficava lá no bar com os manos tal, peguei as amizades com eles, prá colar lá!...Vamos supor, foi a hora que comecei a roubar. Comecei a roubar moto-taxi, bar, padaria, aí já comecei catar amizade total com os manos. Daí comecei a firmar na banca mesmo total!

Tipo assim, você conheceu muitos adolescentes assim ou mais velhos que sempre fizeram esses atos infracionais...

Não, vamos supor, porque, vamos supor... tava na banca ali, você fica ali tal, tá na paz, só ali tal, aí resolvi ficar ali tal, sem falar prá ninguém, comecei com um revólver de brinquedo. Ia e roubava, depois comprei com uma arma de verdade, já vai aumentando, catando seu dinheiro, vai ficando de boa!

Você ganhava bastante?

Ah, eu catava bastante, eu gostava de roubar mais sozinho, eu não gostava de roubar com os outros. Porque tipo, eu ia, ficava mais, vamos supor, catava vamos supor, 100, 150, 500, 1000 real. Sozinho catava um dinheiro a mais né senhor?

E com esse dinheiro, fazia o quê?

Ah comprava roupa, bicicleta, ia numas festas!

Alguns meninos falam assim, que só compram roupas de marca!

Ah roupa de marca!! Lógico né senhor? Usar roupa que nem, vai dar volta, vamos supor, com uma roupa que te agrada né senhor? Você tem dinheiro, que você tem para comprar ali, você gostou, você vai lá e você compra né senhor? Vai ficar comprando roupa que não vira nada, que dá três meses e estraga dá prejuízo? Daí tem que comprar uma roupa de marca boa né senhor?

Então a durabilidade de roupas assim é maior então?

Lógico!

Você está cumprindo há... quanto tempo já de internação?

Vixi, vai fazer um ano e 9

Um ano e 9 pelo ato infracional homicídio?

É!

Você cometeu um ato infracional, certo? E está cumprindo uma medida sócio-educativa. Você acredita que a medida sócio-educativa de internação é adequada? Em termos assim, os meninos ter feito o ato e ser internado?

Ah, vamos supor né senhor? Depende de cada momento, de como você faz seu delito! Continua na rua, como agora você tomou um prejuízo, tomou um tombo e vem preso, tem que pagar o que nós fez né senhor? Eu tô pagando pelo que eu fiz né senhor? Meu objetivo é sair daqui de mente erguida, sair dessa vida e tal. Arrumar um emprego prá mim com a minha mãe, nos outros lados lá! Ficar de boa!

Do outro lado? Por quê?

Ah, tipo porque tenho minha mãe que mora na E. né senhor? Familiares que moram na E. e tal, minha mãe adotiva! Eu sou criado com minha mãe de criação desde 20 dias! E tipo, tenho avó, minha mãe, minha irmã, minha tia, moram na E.! Minha irmã levou minha avó de criação para trabalhar lá e agora ela trabalha cuidando de uma senhora de idade tal e eu cheguei até a ir prá lá, fiquei um mês! Por exemplo, naquela passagem minha de 4 meses, o corre da L. (técnica) e tal veio, prá mim sair da FEBEM para eu sair do país! Fiquei um dia com minha avó e fui prá E.! Cheguei lá, fiquei um mês, trabalhei com pintura e tal. Daí eu não me adaptei lá. Aí voltei prá Rib. Preto de novo e aí até então cometi esse delito, voltei prá cá e tô até hoje!

O que você achou de lá, de poder ir para outro país, conhecer outro país?

Ah, isso achei meio tipo... não conhecia ninguém, não conhecia a língua do povo! Aprendi algumas palavras, comecei a falar com o povo, mas tipo assim, não tive nenhum amigo prá sair comigo e tal. E eu gosto muito tipo assim, sair e tal, ir numa festa e tal. Aí não me adaptei muito bem! Também o horário e tal, trabalho. Aí revolvi mudar e tal! Volta de novo prá cá!

Então você pretende retornar!

Retornar. Eu prentendo tipo assim, eu parei para pensar e refletir né senhor? Pensei tipo, prá mim, não era atraso! Se eu tivesse até hoje trabalhando já tinha meu carro e tal bonitinho. Vivendo né senhor com minha família! Olha onde eu tô! Hoje tô aqui, né senhor? Bem dizer fazendo essas atividades da FEBEM e tal! Eu já tava com dinheiro ajudando minha mãe, minha mãe tá lá e tal, converso uma vez por mês, duas vezes por mês, né senhor? Isso mesmo, tipo assim, a cadeia não vira prá mim, não deu certo! Tipo eu, eu tive a chance de sair dessa vida e tipo, eu não soube aproveitar né senhor? Eu tenho a chance novamente de estar utilizando essa chance prá mim, agora vou ver se aproveito essa chance para não ficar voltando prá cá né senhor? Ficar com a minha mãe, arrumar um trabalho para mim, ficar de boa!

O dinheiro que você acabava ganhando no Brasil, fazendo atos infracionais era gasto com roupas!

Roupas, som, bicicletas, festas.

E durante esse período você estava estudando?

Eu parei de estudar na quinta série senhor! Parei de estudar na quinta série!

Atualmente, você estuda e tal. Você pretende retornar na escola?

Se deus quiser né senhor? Terminar, fazer o terceiro colegial e tentar arrumar um serviço assim...por exemplo, eu tava na quinta série, eu passei duas séries já, passei pela sexta e sétima aqui na FEBEM. Já tô prá passar para a oitava já!

De certa forma, quando você era jovem, mais novo, quando você era criança e ia na escola. O que fez com que você largasse a escola?

Não é senhor, tipo, por exemplo, eu não sei, tipo, tipo assim, eu era bom na matéria e tal...eu brigava muito e tal. Agredia as pessoas lá que eram meio metidos, tipo a riquinho assim, eu já agredia, já virava briga, já era expulso, ia de uma escola prá outra, acontecia a mesma coisa. Professora falava mais alto, já não gosto que fala mais alto comigo, já quero falar também e já vou, tomava advertência. Daí ia expulso já, ia prá outra escola. E assim por diante, por isso resolvi sair da escola, tipo, dei dor de cabeça para minha mãe. Minha mãe tipo: “continua”; “não quero e tal”. Aí parei, e daí só vim estudar novamente na FEBEM.

Então... você acredita que a escola te expulsou ou você que saiu da escola?

Ah, não é senhor, tipo, a culpa bem dizer foi minha porque, tipo, quem tava caçando mesmo era eu né senhor? Tipo assim, eu podia ter evitado... eu já via, queria caçar briga, queria agredir a pessoa e tal, professora queria falar mais alto comigo e tal, daí eu falava e tal, mas para aprender as matérias tem que agir certim, bonitim e tal. Não ter dificuldade em nenhuma matéria. Tava certim o povo!

Você pode contar uma época, algum fato assim que você lembra? Que você acabou, digamos assim, tendo essas agressões assim, você lembra de algum fato?

Ah, vamos supor, tipo assim, tem vários né senhor? Mas... não lembro, tipo assim, tinha um lá que pagava de mitidinho tá ligado? Tipo roupinha bonitim, tinha lanchinho. Gostava de tirar, tipo um amigo da periferia né: “ah, não sei o que, seu cabelo não sei o quê”, eu começa a achar ruim! Aí já cheguei, comecei a debater com ele, eu já catei, dei um coque na cara dele já, aí já colou o diretor e me expulsou da escola pela agressão (triste).

Você lembra quantas agressões você teve na escola?

Não lembro muito bem não, mas acho que umas 7 ou 8, por aí!

Sobre a sociabilidade, você tinha me falado sobre alguns colegas que eram envolvidos, de uma certa forma assim, eram gangues assim?

Não, não gangues. Vamos supor, eram aqueles que não trabalham, gostam de dinheiro fácil, de furto, não conseguem arrumar emprego e fica ali, tipo, não mexe com ninguém, fuma maconha deles, fecham para armar um 157 ali e tal, 155 e tal, fica ali de boa. Não tem essa tipo, um bairro matar outro, vai matar um ou outro, tudo numa boa mesmo. Mas não mexe com quem tá quieto, porque mexer com quem tá quieto já arruma rolo né senhor?

Já ouvi algumas vezes que no passado tinha muitas brigas, rivalidades entre gangues na cidade.

Logicamente tinha.

Por que, você sabe?

Ah, mulher, mulheres, briga de bar, essas coisas assim, essas coisas assim. Mas na época eu nem era envolvido.

Você costumava soltar uma pipa, jogar bola com os colegas né? Além disso, qual era seu lazer antes da internação? O que fazia?

Ah, gostava mais jogar bola, jogar bola!

Você saia bastante para as festas e eventos?

Saia e gostava.

Que tipo de eventos?

Ah, aniversário e tal, churrasco. Nós intera ali, um aqui, outro ali, uma caixa de cerveja, uma carnhina e tal, umas minas!

Você tinha muitas namoradas na época?

Ah, a gente ficava né? Não pode ficar sem ninguém né? Só catá uma mulher né?

Como é isso, como as minas vê os meninos que acabam fazendo atos infracionais assim?

Ah, sei lá! Elas tipo, se sentem seguras com namorados envolvidos, tipo, vamos supor, qualquer coisa , aconteceu um bagulho, ele vai lá cobrar a fita!...nós só quer zuar só, não quer saber de nada! Agora quando é mina certa, a mina que namora mesmo e tal, bonitinha, que namora firme...

Ah, essas minas é prá casar ou não?

Não, você é loco?

Prá você, o que é uma mina prá casar?

Ah, uma mina que não dá mancada, certim, que não ficam com muitas pessoas. Fique na dela quietinha, só sai da casa, tipo assim, conhece aquele ali, fica com a gente e tal...só fica na casa de boa, não fica com tititi com outras mulheres e tal em festa, não é aquela menina de dar mancada, tipo assim, de não ficá assim com outro nas escondidas. Daí já não vira, tem que ser uma mina certa mesmo, que trinca com você, que não dá mancada.

Geralmente essas meninas assim, que ficam com meninos envolvidos, você acha que não é legal não?

Como assim você fala, que fica com muitos?

É.

Ah, é embassado mesmo senhor! Isso aí e só lazer!!

Falando de namorada e tal, você que passou um certo tempo privado de liberdade. Como fica essa situação de ficar, digamos assim, sem esse contato com as namoradas?

Vixi, é foda! É o lado mais difícil.

Como vocês fazem assim prá esquecer isso?

Logicamente, todo mundo faz senhor, masturbar né senhor?

Certo. Digamos que é difícil? E' muito penoso?

É. O bagueio é loco mesmo! Só que nas visitas de namoradas dá uns beijos. Não pode fazer nada e tal, tá preso! É foda!

Muitos adolescentes falam assim “eu preferia estar na cadeia do que aqui!”. Por que eles falam isso?

Porque na cadeia tem um certo porém né! Tipo assim, tem visita íntima e tal. Você pode colar com uma mina no quarto, tirar um lazer e tal. Ficar de boa na boa! Agora aqui é foda. Aqui na FEBEM não pode fazer isso e tal. As leis não agilizam! O bagueio aqui é prá menor de idade e tal, medo de engravidar e tal, mas na cadeia é forte né! Mas to de boa de cadeia você é loco? Prefiro ficar na rua mesmo!

Você tem já tem quase dois anos de internação e outra coisa também que está estabelecido no E.C.A., que adolescentes permanecem internados de “6 meses a três anos”? O que você acha disso? De não saber ao certo quando será desinternado?

Ah, vamos supor, tipo vamos supor, você tendo um relacionamento bom com funcionários com os adolescentes e tal, já tô com um pé num ano e meio, sou bem elogiado, fazendo atividades boas, já fico na paz. Vamos supor, quem sabe daqui há nove meses eu posso ir por causa do comportamento e tal. Agora vamos supor, se tenho um delito mais alto, eu vou aguardar mais ou menos com um ano e três, um ano e seis eu vou e tal. Tipo assim, não me incomoda muito tal, já fala o quanto de tempo já vai ficar!

Isso diminuiria bastante o sofrimento de você estar internado e não saber quando será desinternado?

Ah, vamos supor assim, você saber o tanto que você vai ficar, fica até mais fácil para pagar, pelo menos já...agora, vamos supor, cada relatório que vai a gente fica numa angústia, uma ansiedade e tal. Aí vem negado, daí tem que esperar mais três meses, a gente espera, tudo bem. Agora sabendo quanto tempo você vai ficar, já fica mais fácil assim né? Daí quando chegar o tempo dá prá saber quando você vai embora.

Quem é responsável pela sua desinternação, decisão de transferência de medida, extinção da medida é o juiz! E quando falam “juiz” prá você! O que imagina?

Ah, o que eu imagino? Vamos supor, que o juiz, ele tem o serviço dele. Ele tem que fazer a obrigação dele né senhor? Que é condenar e ver a hora certa prá tá liberando o adolescente né senhor? É isso que eu penso! Nada demais!

Promotor, o que você imagina?

Promotor, ah, vamos supor, ele é o que, vamos supor, ele vê o seu caso, vê bem e tal, se ele achar que você deve ir prá FEBEM, você vai. Se ele achar que você deve ter oportunidade, uma chance de estar indo embora você vai também.

Existe alguma frase assim que poderia explicar, talvez do rap ou algo assim, que colocariam uma visão do promotor e juiz, de quem eles são? Você lembra?

Vamos supor, por exemplo.

Já ouvi uma frase tipo assim, do rap e tal, “promotor é um homem”...

Deus é juiz!

O que você acha dessa frase?

Ah senhor, tipo um negócio assim, os rappers, tipo, “promotor não é nada”, quem condena mesmo é Deus! Você tá sendo condenado por Deus né? É o que penso na minha mente assim, do meu jeito, tipo assim, raciocínio, não sei. Agora, qual que é o sentido da letra que eles quis passar naquela frase né? Agora entendo. Por mim, eu entendo que o serviço dele é esse. Nada demais. Se eu fiz eu tô pagando!

Você conhece outras frases assim que talvez a gente possa estar pensando?

Só essa mesmo que ouvi falar.

Você trabalhava antes?

Já trabalhei já.

Você fez o que?

Ah, eu vendia verdura, tipo, verdura não, legumes. Tipo, trabalhava com isso quando eu tinha uns 10 anos. O que eu vendia eu ganhava pouco. Já trabalhei com isso, já trabalhei com pintura, fazer cadeira, vamos ver do que mais eu trabalhei já, bicicletaria. Já trabalhei em bicicletaria. Só com isso mesmo! Já vendi, tipo assim... já vendi velas em porta de cemitério também. Prá ajudar minha mãe assim e tal.

Nós sabemos que hoje em dia, você pode trabalhar como aprendiz a partir dos 16 anos de idade. Você trabalhava na verdade antes dos 16. O que você acha assim, dessa questão assim, às vezes os adolescentes verem as dificuldades familiares, ver, ter vontade de ter objetos, uma bicicleta, um radinho. Como que fica para esse adolescente que quer trabalhar e às vezes não tem condições para entrar no mercado...

Isso leva ao crime!

Você acredita que é bem essa situação?

Isso leva ao crime. Porque muitas pessoas, vamos supor, quer ser alguém na vida né senhor? Trabalhar, muitas vezes a sociedade não dá oportunidade prá gente né senhor? Aí é onde a pessoa fala “eu não vou pedir dinheiro prá minha mãe”, vamos supor, que é o meu caso. A pessoa já não gosta. Aí ele vê aquela mercadoria... ali depois já quer roubar, vender drogas, quer fazer coisas erradas. Agora, se a sociedade desse oportunidade para esses adolescentes assim, tipo, uma certa idade trabalhar, eu acho que ia ter muito menos assim, diminuiria mesmo o envolvimento.

E muitos de seus colegas assim que você conhece mencionam sobre essa situação?

Alguns sim, alguns não!...

E esses “nãos”!

Ah: “vou ser bandido mesmo! Vamos ser bandido não sei o que e tal! O negócio é loco! Ganhar dinheiro fácil!”. Não, não é assim. Eu tenho no meu ponto de vista que não é assim! Agora, tem gente tipo... eu penso na minha, to quietinho, tô na minha né senhor? Vamos supor... eu trabalharia, vamos supor, eu vou e trabalho! Agora, se não tiver oportunidade de emprego então... “ah o que, eu ganho dinheiro fácil, meto o revólver, cato o dinheiro e tá bom!”. Agora tem uns que quer trabalhar mesmo! Agora tem uns que já quer dinheiro fácil.

Por que você acha que esses conhecidos aí eles acabam falando dessa forma; “o negócio é roubar mesmo!”.

Ah, não sei. Não posso falar porque não sei o que passa na mente deles né senhor?

Movimento hip hop. Você conhece o movimento hip hop?

Eu curto e gosto.

Você curte e gosta?

Ôô!

Prá você o que é o movimento hip hop?

Vamos supor, o movimento hip hop tem assim uma certa politicagem com a periferia e com o crime, mas é através do fala, a do rap. Faz uma musica e tal, faz um break e uma dança, mas alguns podem fumar uma maconha, beber uma bebida, mas não gosta de tirar dinheiro dos outros, vender droga. São pessoas boas, são pessoas da hora mesmo. Gostam de cantar, dançar, ir numa festa, pessoas que tipo assim, que vive de uma certa forma com o crime, mas não tem aquela atividade da pessoa, tá ligado? Por exemplo assim, eu penso nesse ponto de vista assim.

E por que será que a sociedade costuma falar “não, rap é pra...”

Ladrão... é !!!

Por que você acha?

Tem muitas letras tipo assim, algumas apologias, algumas é um incentivo a você raciocinar... “se eu fazer aquele treco na vida eu vou tomar prejuízo”. Agora a sociedade interpreta de outro jeito, interpreta de outro jeito; “é prá bandido tal e tal”. Tem muitas músicas que incentivam a...a sair do crime. Mas tem alguns grupos, tem uns grupos, tem uns grupos assim, que é apologia. Agora tem uns grupos que incentivam a você não entrar nessa vida.

Então tem , digamos que tem ramificações dentro do hip hop, tem ramificações...

...

Você poderia falar que tipo de bandas?

Vamos supor, acho que tem só uma mesmo que tem apologia que é o Facção Central. Eu acho, no meu ponto de vista. Eu acho! Porque fala muito tipo, “vai, mata o boy e tal”. Agora tem músicas que falam tal procê não matar, prá você não entrar nessa vida, pensar na família.

A sociedade conhece muito Racionais, MV Bill. MV Bill e Racionais e, as letras falam do que você acha?

As letras deles são baseadas a você não entrar nessa vida. Se você pegar o cd, ligar, refletir, prestar bem atenção, você vai ver prá você escutar ela, prestar bem atenção, prá você tipo, entra dentro da letra você tá, mas se pensar que é apologia você vai tá vendo que a letra não é apologia.

Por que será que na verdade a sociedade tende... por que será que a sociedade acaba falando isso “é prá bandido!”?

Ah, não sei né senhor! Porque eles são acostumados mais, vamos supor, pagode, funk (funk não praticamente tem gente que tem certo preconceito com funk), mais pagode, clássico, música pop e tal. Porque quem curte mais hip hop é periferia. Bairro de classe alta e classe média não curte hip hop. Então, a grande maioria da sociedade é classe média e classe alta e a minoria é a periferia. Por isso é que tem certos preconceitos.

Você tava falando de boyzinho e tal. De certa forma você tem rivalidade com eles, pois gostam de tirar você e tal. Enfim, como você imagina eles, que sentimento você imagina quando passam com carro importado e tal?

Ah, vamos supor, prá que quem nasce em berço de ouro, porque a pessoa tem que ficar tirando sarro da pessoa da periferia. O que o senhor acha disso? O que o senhor acha? Eu acho uma coisa.

Cada pessoa realmente tem a sua opinião né?

Tem muitos, tipo playboy vamos supor, que é boyzinho, que é humilde, com a gente da periferia. Tem uns que quer tirar, quer tirar o preto, tirar o negro, falar que tem dinheiro, xinga as pessoas, esse tipo assim, uma coisa que não acho certo. Agora tem muitos de classe alta que ajuda a periferia não tira, até gosta da periferia. Agora tem muitos que quer ficar distante, pensa que é o tal! É isso aí que não aceito lá!

Então não são todos! Alguns, algumas...

A grande maioria. A grande maioria

Você acredita que seja a maioria.

Sim

Em relação assim, a polícia.

Polícia?

Quando se fala “polícia”, o que imagina?

Polícia, gosta de pancada, forjar a gente. Tem muito forjamento. Pancada e forjamento, por isso não gosto de polícia. Sem saber seu nome já chega dando tapa na cara. Certas vezes, eles te matam você. Você tá quieto, te põe a droga, fala que é sua. Você chega no juiz ele fala que a droga tava comigo, quem o juiz vai acreditar? Na polícia.

Todos são assim? Ou alguns?

Grande maioria, corruptos. Cata um dinheiro, “quero mil real tal hora, senão mato você!”. É assim que funciona!

Existem muitos adolescentes dizem que, “casquero”, casquero não...

Como assim o senhor fala?

Tem muitos adolescentes que não passam pela instituição FEBEM... eles traficam tal e roubam e tal, muitas vezes nem passam por aqui. Qual a diferença desses aí que não passam?

Ah ,vamos supor, tem pessoas que esquiva mais né senhor? Não fica ali coletivamente. Vende um aqui, vendi um ali e tchau! Agora tem uns que fica coletivamente. Vamos supor, eu mesmo, era um, vamos supor, quando eu vendia droga eu cheguei a vender duas semanas, uma semana, mas não gostei falei: “não, se eu ficar aqui vou acabar sendo preso com eles”. Aí eu resolvi: “tchau, não é prá mim, tô de boa, vou jogar um futebolzinho, mas tô de boa de vender droga”. Só isso que sei.

Nesses momentos assim, você ganhava muito dinheiro?

Ah, ganhava bem, eu tirava uns 100 real por dia ali, 150, até mais, depende do dia.

E aquela frase que alguns meninos falam “vem fácil...”

“vai fácil”.

Por quê?

Porque vamos supor, eu acho, vamos supor, a pessoa que tá correndo ali, ela tá esbanjando, compra ali pá, logo vê, ela gasta com mulher. Daí você chega no fim do dia e você não tem nada. Você tá louco, tá bêbado, você tá sem fumar droga... mas na hora que você vê, tá sem nada. Aí tem que chegar no outro dia, você precisa vender mais prá você manter e você faz a mesma coisa. Vai compra uma coisa ali...já gasta por ali já vai paga a fita que você tem ali também, dinheiro fácil vai fácil....

Com você foi dessa forma?

Ah, vamos supor, tipo assim, eu sempre soube aproveitar meu dinheiro né senhor? Comprar, vamos supor, comprar alguma coisa prá mim, comprar um som e tal, um rack, arrumava minha bicicleta e tal, comprava uma roupa prá mim, ajudava minha mãe, comprava uma carne. Minha mãe perguntava e eu: “não mãe eu vendi uma coisa!”. Não falava prá minha mãe que eu tava nessa vida... eu comprava carne, comprava uns alimentos prá ela, prá casa. Eu não era de esbanjar com mulher e tal. Porque o que a mulher quer ali é catar seu dinheiro e tal. Desde pequeno já, já tinha essa noção que é isso mesmo. Mulher gasta mesmo, vai, gasta ali, “aí compra...”... quer pagar de bonzão e acaba ficando sem nada...

Tipo assim, poderia dar um exemplo assim, que você viu...

Então, vamos supor... patrão, tinha muito, comprava uma moto aqui, polícia vinha e tomava. Vendia uma quantia ali a polícia vinha e tomava o dinheiro. Ele parou para pensar falou: "isso não tá dando certo!". Foi acabando de vender e acabou com essa vida. Tá de boa até hoje. Ele fazia o crime prá nada. Conseguia uma coisa aqui, polícia vinha e tomava. Conseguia uma coisa ali, polícia vinha e tomava. O que ganhou? Nada.

E ele desistiu?

Desistiu.

Deixou essa vida.

Deixou essa vida.

Essa vida tem futuro, você acredita nisso?

Ah senhor, vou dizer o que eu acho. Não tem! Não tem não.

Por que entrou nessa vida?

Por questões financeiras. Falta de emprego. Eu acho que é por isso!

Você citou um exemplo que tentou e desistiu. Você tem algum exemplo de alguém que realmente sempre se deu bem? Por exemplo?

Por exemplo, o cara que tá bem é o cara que mexe com a quantia alta. O cara que rouba um banco e não vai preso. Ficar curtindo uma praia, de boa, tem sua moto, seu carro, uma casa e não vai preso. Esse é o cara que vai bem!

E tem bastante assim?

Tem, tem bastante.

É sorte?

É sorte. Eu acho que é sorte mesmo. Certeza, porque prá pessoa fazer um delito bom e não ir preso, nunca foi preso, nunca nem... tem que ser uma pessoa esperta, ter sorte, sorte.

Em termos de religião. Você é um rapaz religioso?

Sou católico.

Você acredita que uma religião pode mudar a mente de uma pessoa?

Se a pessoa pegar firme, acredito que sim. Muitas pessoas viraram evangélicos, crente, saiu dessa vida.

Você lembra de alguns conhecidos também que...

Claro, claro. Que a igreja regenerou, evangélica, universal, muitas pessoas.

Em relação a TV. O que acha do jornalismo da TV?

Eu acho que algumas coisas são boas e algumas coisas são ruins. Porque a mídia aumentam muitas coisas que acontecem, coisas que não são verdade e elas aumentam muito!

Por exemplo.

Rebelião, FEBEM, aumentam tudo. Quem está aqui dentro sabe. O que a mídia fala é totalmente a mentira.

Você acredita que é dessa forma mesmo?

Acredito que, muitas coisas a mídia aumenta, aumenta até demais.

Você assistia aqueles programas que passam sobre atos infracionais e tal?

Assistia senhor

E por que você gostava?

Ah, prá ficar informado sobre o que tá pegando né senhor em rib. Preto. Assistia o “Clube Verdade”, prá saber se alguma pessoa tinha morrido, alguma pessoa que tinha ido preso. A gente assiste né senhor!

Esse tipo de jornalismo então mantém vocês informados.

Mantém informação. Tanto é prá quem é cidadão e tanto prá criminalidade, né senhor?

De certa forma, além desse tipo de programação, o que você gostava de assistir?

Eu assistia filme, novela... na rua mesmo assim, gosto de assistir um jogo de futebol, um filme. Agora preso até desenho nos assiste! Agora nem isso nós assiste mais, só filme.

Você acha que isso não é legal?

Como assim, vamos supor.

Só filme e tal.

Não, vamos supor, a televisão ela passa um pouco mais seu tempo né? Você fica entertido na televisão e passa o tempo. Agora só filme sexta, sábado e domingo. Que passa filme também, filme religioso. Agora mais uns tempos atrás era mais desenho, jogo de futebol e tal.

Quando fica muito tempo internado, os adolescentes mencionam “eu vou fazer tal coisa depois que sair daqui”... o você imagina assim, você no primeiro dia, você saindo da instituição, o que você faria?

Ver meus familiares, dar um abraço nos meus familiares, cumprimentar os amigos e depois ir atrás de umas garotas né? Tirar o veneno.

Como assim tirar veneno!

Ah, veneno né senhor? Muito tempo sem fazer amor, é foda né? Porque, quando falam assim que vai atrás de uma garota primeiro... mas primeiro tem que ver sua família primeiro, depois ver seus amigos, depois, mas também quando sai na rua ali, as meninas vamos supor, caem matando já. A gente já vai, cata uma mina ali, tira um atraso e já era!

Quanto essas questões de sexualidade. Você acredita hoje em dia que o povo tá informado sobre essa questão da camisinha e tal?

Ah, eu sinceramente, tem muitos que não tem nem vendo não.

Falta de informação..

Não sei, falta informação não é, porque tem muita propaganda, muita pessoa dando palestra. Acho que não é falta de conscientização não!

Então é da própria pessoa?

Da própria pessoa.

Quais as expectativas futuras que você tem nesse momento?

Primeiramente, sai dessa vida, desse crime. Não é prá mim, não é fácil, não é boa. Arrumar um emprego prá mim, ficar em casa, dá um tempo, cuidar dos meus animal, ficar ali, arrumar uma chácara, pescar. Tirar essa vida de cadeia aqui não vira não. Isso aqui não é prá ninguém não. Deixo isso aqui... isso não é prá ninguém não!

Você está chegando na maioridade...

Eu sou uma pessoa, vamos supor, se eu cometer um crime, um delito, eu não vou prá FEBEM, eu vou prá cadeia. E prá cadeia não é de 6 meses a três anos, é de um ano a trinta anos. E eu tô de boa de cadeia. To firmão. Quero liberdade.

Muitos adolescentes falam assim: “ah, eu ficando de maior eu vou mudar de vida”. Você acha que todos pensam dessa forma como você?

Ah senhor, eu penso numa forma. Eu acho que sim, tipo assim, acho importante... por que um...uns não tão nem vendo com a vida; “eu vou sair daqui, eu posso ser de maior, vou meter o cano, vou roubar”. Agora outros falam “não, vou ajudar minha família”. Tem isso senhor.

Cada pessoa é uma pessoa.

Cada pessoa pensa de um jeito.

Legal. Você tem algo a dizer, talvez de alguma coisa que a gente não conversou aqui nesse momento. Algo que você gostaria de falar.

Como assim você fala?

Esperanças... mudanças sociais...

Ah, mudança social tem que vir muito mesmo. Porque, vamos supor, porque tem muito talento perdido aqui nessa FEBEM. Pessoa que joga bola, artesanato, pintores, isso a sociedade não vê. Quando a pessoa faz um tumulto e queima um colchão vem muito aqui filmar e tirar foto. Agora vem aqui um professor de esporte, dar uma oportunidade prá uma pessoa treinar e jogar um futebol. Agora queima um colchão, vem um monte aqui filmar, tirar fotos; “FEBEM Ribeirão: explode mais uma rebelião”; “FEBEM ribeirão: apresenta jogador de futebol”. Isso eles não faz! É isso que eu queria, tipo assim, apenas deixar uma pequena mensagem né senhor? Tipo assim, que a sociedade desse mais uma oportunidade prá gente né? Não vê a gente como animal, vê a gente como ser humano.

Você acredita que a sociedade tem uma visão meio assim dos adolescentes internados? Você tem, a partir do momento passa pela FEBEM, lá fora?

Todo mundo passa por um ataque de preconceito. Tem que esconder, porque, se você tiver ali num lugar, local e você fala que: “já puxei cadeia, já puxei FEBEM”, as pessoas te olham torto. Falam “não vamos ficar perto bandidos porque podem te machucar, te roubar”. Isso que eu penso! E é verdade!

Você sentiu?

Já entrei em vários lugares assim e tal, pessoas vê a tatuagem, vamos supor, tenho tatuagem, as pessoas vê tatuagem já fala “ele é cadeeiro, ele é bandido”.

Existe um certo preconceito mesmo!

Claro

Você tem alguma coisa...

Ah, senhor. Somente isso mesmo!! **FIM**

ANEXOS

ANEXO A – Comitê de Ética

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/038/2005-19.05.2005

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA EM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 42ª Reunião Ordinária realizada em 26/05/2005, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 189/2004 - 2004.1.1521.59.0

Agradecemos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


EUCIA BEATRIZ LOPES PETEAN
 Coordenadora do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
Daniel Masayuki Hama - aluno do Programa de PG em Psicologia

Cópia ao Prof. Dr. Sérgio Kodato - Docente do Departamento de Psicologia e Educação desta FFCLRP/USP

CEP-FFCLRP-USP - Fone: (016) 602-3653 - Fax: (016) 633-5015
 Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco A - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Anexo B – Procedimento Ético

O estudo será desenvolvido obedecendo às normas propostas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96 do CNS), que dispõe sobre a necessidade do consentimento livre e esclarecido para toda pesquisa que envolve seres humanos. Os principais aspectos contidos nesse termo dizem respeito a: garantia de que os sujeitos serão esclarecidos a qualquer momento do estudo, sobre os procedimentos, os riscos e benefícios do mesmo; que terão a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum; a segurança do sigilo e do caráter confidencial das informações obtidas.

Após o esclarecimento, aos sujeitos, das considerações acima descritas, será apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, para que o mesmo possa dar ciência na aceitação quanto à participação no estudo.

Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida numa instituição, no caso, FEBEM/RP, será também necessário o consentimento prévio da direção da Unidade. Além disso, por se tratar de adolescentes e jovens sob custódia do Estado, através da medida sócio-educativa de internação, deve-se informar ao Juiz Corregedor responsável pela Unidade sobre a pesquisa desenvolvida na instituição, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética.

Anexo C – Esclarecimentos aos sujeitos da pesquisa

ESCLARECIMENTOS

Além de funcionário nesta Unidade, eu também estou estudando. Sou aluno do programa de pós-graduação em psicologia na USP e estou fazendo uma pesquisa para conclusão do curso para me aprimorar e oferecer um melhor atendimento para vocês e seus familiares.

Estou realizando um estudo para compreender sobre os motivos que os trouxeram aqui, assim, como vocês acabaram entrando em situações em conflito com a Lei.

Meu estudo tem interesse de saber sobre sua história de vida e sua opinião sobre diversos assuntos.

O objetivo dessa pesquisa é conhecer melhor sobre seu cotidiano, na convivência familiar, nas escolas que estudou, o que faziam antes de chegar a ser internado, o que acham da medida sócio-educativa, etc.

Para isso, estou convidando-o a participar da pesquisa através de uma entrevista. Nós vamos conversar por mais ou menos 1 hora. A única diferença é que a entrevista será gravada para que eu possa estudar melhor o que nós vamos conversar. Nos atendimentos técnicos conversamos sobre vários assuntos e, talvez, a diferença seria apenas o gravador que nos acompanhará. Se você se sentir incomodado com isto, seria preferível não participar da pesquisa, agora, se você acredita que não se sentirá acanhado ou desconfiado, então, seria interessante participar. Assim, **QUERO LEMBRÁ-LO QUE VOCÊ NÃO É OBRIGADO A PARTICIPAR DA ENTREVISTA.**

Quero deixar claro que todas as informações obtidas na entrevista, em hipótese alguma serão reveladas seu nome seja no trabalho ou na instituição. Ou seja, será dado o sigilo total das informações e ninguém poderá saber quem falou. Além disso, essas informações não

serão válidas para sua avaliação multidisciplinar nesta instituição, ou seja, não vou utilizar as informações para colocar no seu relatório.

Portanto, a participação é voluntária, ou seja, você está livre para aceitar ou recusar a participação a qualquer momento da entrevista.

Caso tenha dúvidas, estou a disposição.

Ciente:

Eu, _____ aceito participar deste estudo, sendo que a minha participação é inteiramente voluntária, ou seja, não sou obrigado a participar da entrevista e estou livre para em qualquer momento desistir da participação, sem nenhum prejuízo para mim. Compreendi todas as informações passadas pelo sr. Daniel Massayuki Ikuma.

Assinatura do entrevistado _____ Data: _____

Assinatura do entrevistador _____ Data: _____

Anexo D - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Daniel Massayuki Ikuma, vinculado à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, como aluno do curso de pós-graduação em Psicologia, estou realizando um projeto de pesquisa, em nível de mestrado, sobre as Representações Sociais de Violência em Adolescentes em Conflito com a Lei. O objetivo desta pesquisa é conhecer melhor sobre o cotidiano de vocês, a trajetória de vida, o relacionamento familiar, as percepções que você tem das escolas, o que faziam antes de serem internados, suas perspectivas futuras, ou seja, nosso estudo tem interesse de saber sobre suas histórias de vida e opiniões sobre diversos assuntos. Com a pesquisa, como profissional, procuro me aprimorar e oferecer um melhor atendimento para vocês e suas famílias. Além disso, o intuito do trabalho é subsidiar futuros programas sociais buscando uma sistematização eficaz das políticas públicas de prevenção da violência juvenil.

É importante esclarecer que:

- A) A entrevista será gravada e posteriormente transcrita e analisada pelo entrevistador;
- B) Você será entrevistado sobre questões relativas a sua vida, de sua família, perspectivas futuras, relacionamentos sociais, etc.;
- C) Todas as informações que você apresentar serão mantidas em segredo, sendo que serão utilizadas apenas para este estudo;
- D) Não será possível identificar quem deu a entrevista, assim ninguém saberá que foi você;
- E) Não existe nenhum risco em participar deste estudo;
- F) Você estará livre para desistir da sua participação em qualquer momento da entrevista;
- G) Sua participação é inteiramente voluntária. **VOCÊ NÃO É OBRIGADO A PARTICIPAR DA ENTREVISTA.**

Considerando as questões acima:

Eu, _____ aceito
participar deste estudo, sendo que a minha participação é inteiramente voluntária e estou livre
para em qualquer momento desistir da participação na entrevista, sem nenhum prejuízo para
mim.

Assinatura do entrevistado

Data:

Assinatura do entrevistador

Data:

Pesquisadores:

Daniel Massayuki Ikuma: (16) 637 2105/ 637 2076 (U.I. – RP / FEBEM)

Dr. Sérgio Kodato (orientador da pesquisa): (16) 6308231 (FFCLRP-USP)

Anexo E – Roteiro para entrevista

I - Identificação:

Idade

Bairro

Atividades laborais:

Escolaridade

Naturalidade

Reincidências (quais os atos infracionais)

Tempo de internação

Familiares

II – Tópicos

- História familiar;
- Trajetória escolar;
- Trajetória infracional;
- Uso abusivo de drogas ;
- Uso de programas de saúde na comunidade;
- Função social da polícia;
- Função da instituição FEBEM;
- Sobre o mundo do trabalho (tipo de atividade, tempo);
- Motivos que o levaram a realização do crime;
- Pensamento a respeito da infância, adolescência, juventude, velhice;
- Sonhos e desejos após o cumprimento da medida sócio-educativa;
- Gangues e a inserção na comunidade;

- Lazer;
- Movimento hip-hop;
- “Criminoso” e as três opções na vida: sujeito “ligeiro”, clausura, morte.
- “É nós na fita!”: o adolescente e a influência midiática
- Juizado/promotoria

Anexo F – Descrição de Cargo: Analista Técnico/Psicólogo

- Participar da elaboração de projetos, planejamento e planos que visem à qualidade do atendimento prestado junto aos adolescentes, famílias, servidores e outros;
- Supervisionar estagiários de psicologia;
- Zelar pela vigência dos princípios e concepção da proposta sócio-educativa nas atividades diárias;
- Atender, orientar, acompanhar e avaliar os adolescentes, familiares e servidores individualmente ou em grupo;
- Sensibilizar os familiares quanto à importância de sua participação no processo sócio-educativo, através da reflexão, visando à melhoria na qualidade de vida, bem como a reintegração do adolescente ao convívio familiar e social, se necessário encaminhando-os a atendimento especializado;
- Realizar investigação diagnóstica global sobre o desenvolvimento do adolescente objetivando a elaboração do estudo de caso, acompanhando e orientando-o;
- Preparar plano de intervenção que o caso requeira;
- Realizar contatos com Ongs e Ogs com o objetivo de promover os recursos existentes, os quais possam vir a complementar ou incrementar o trabalho desenvolvido;
- Participar de plantões técnicos, quando da visita dos familiares, colaterais ou datas comemorativas;
- Participar de processos de educação.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)